

Amar e perder

Rafael Arrais



O livro da reflexão, vol. 1



Amar e perder

Sumário

[Prefácio](#)

[Cap.1: Do amor](#)

[Cap.2: Da morte](#)

[Cap.3: Da existência](#)

[Epílogo: Depoimentos](#)

Todo conteúdo é de autoria de Rafael Arrais (exceto as citações de outros autores).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog:

textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Imagem da capa baseada em arte de Banksy (Balloon girl)

Composto com Electra LH e Century Gothic

Copyright © 2014 por Rafael Arrais (PDF v1.0)

© Creative Commons (CC BY-NC-ND 3.0): Você tem o direito de copiar e redistribuir este material em qualquer suporte ou formato, contanto que não o edite nem utilize para fins comerciais, e cite a fonte original (Rafael Arrais).

Prefácio

Lá se vão oito anos desde que publiquei o primeiro dos *Textos para Reflexão*. Mas o que é o tempo não é mesmo? Disse Manoel de Barros que “o ser biológico é sujeito à variação do tempo, o poeta não”. Sinto que a poesia me faz viver um pouco deslocado do tempo, ao menos do tempo do mundo. Não me entenda mal, eu sei bem que a Disney lançará mais filmes do *Star Wars*, que o Brasil perdeu de 7 a 1 para a Alemanha em casa, e que há uma grave crise econômica na Europa, mas perto de alguns poemas de Fernando Pessoa, ou de alguns diálogos de Sócrates com seus jovens amigos, nada disso me comove como deveria... Eu simplesmente me esqueço de trocar meu *smartphone* no fim do ano, devo ser um desleixado.

Na verdade quase tudo o que sou devo ao que consegui desvelar da poesia. Foi assim que conheci a mulher que amo, que aprendi a fazer design para a web e, enfim, que encontrei a poetisa que me fez iniciar este blog – a história não é tão bonita quanto parece (ou, quem sabe, seja de uma beleza triste), mas ela também vem descrita nesta edição...

Com o passar dos anos, de tanto escrever, acabei chegando a alguns textos relativamente relevantes que me deram a honra de alcançar mais de 6 mil seguidores no Facebook e, o que é mais importante, uma boa dúzia de amigos e fiéis leitores do blog. Volta e meia eu me refiro “aos autores” do meu blog no plural, mas isto não quer dizer bem que faço psicografias (embora todo poeta seja um fingidor...), quer dizer somente que creio que as pessoas dão mais relevância a blogs com vários autores, e penso eu que até a pessoa descobrir que se trata de um blog de um autor só, talvez ela já tenha sido fisdada por alguma luz que refletiu por lá.

Mas fato é que o *Textos para Reflexão* é um blog pessoal, bem mais pessoal do que eu gostaria. Talvez fosse inevitável, afinal todo escritor que se preze escreve primeiro para si mesmo. É bom contar com

mais de uma dezena de comentários em alguns posts, mas a verdade é que eu sempre escrevi antes para organizar minhas próprias ideias, e muito do que eu escrevi, escreveria de qualquer jeito (o mesmo fez Montaigne, e para o bem ou para o mal não existiam blogs na sua época)...

A grande questão é que tenho a sorte de trabalhar em *home office*, e desde que parei de jogar *World of Warcraft* tenho escrito bastante, bastante coisa mesmo. Talvez seja impossível acompanhar tudo (eu mesmo me esqueço de muito do que já postei), e daí que pensei que seria interessante poder editar os melhores contos e artigos desses anos todos, catalogados por temas específicos. Dessa forma, cheguei a este primeiro volume do *Livro da Reflexão*, onde pretendo abordar o amor, a morte e a existência, todos eles temas recorrentes do blog.

Nesta edição, cada capítulo tratará de um tema, mas é bem possível que eles também estejam espalhados por entre tantos textos. Vale lembrar que cada capítulo se inicia com artigos e se encerra com contos – espero que a presente organização sirva como uma espécie de guia de leitura minimamente agradável.

Acho que era só isso o que eu tinha para dizer neste prefácio... Ah, sim, e se você por acaso nunca ouviu falar do meu blog, segue um breve resumo do que ele pretende tratar:

Textos para Reflexão é um blog que fala sobre filosofia, ciência e espiritualidade. Onde se busca a sabedoria tanto no Evangelho de Tomé quanto no Cosmos de Carl Sagan. Onde as palavras nada mais são do que cascas de sentimentos, embora a poesia ainda assim possa nos levar a um outro mundo. Onde toda religião se pratica no pensamento, e onde Deus é nosso amor...

Rafael Arrais

27.11.2014

1. Do amor

AMAR E PERDER

08.04.2012

Uma das coisas que mais traz sentido a nossa existência é o amor. Embora não seja algo passível de ser totalmente abarcado pela filosofia – ou, pela razão, por assim dizer –, tivemos a sorte de poder contar com alguns grandes pensadores que trataram do amor, e da perda do amor. O que seria mais traumático, amar e perder, ou jamais ter amado verdadeiramente? A resposta para essa questão, tão essencial, muitas vezes esbarra em nossa falta de compreensão do que quer que seja “amar verdadeiramente”. Quase sempre, só nos damos conta de um amor verdadeiro após o termos perdido...

Em seus *Ensaíos*, no capítulo em que fala sobre a amizade, Michel de Montaigne nos traz um exemplo do tipo [\[1\]](#):

“O falecido Senhor de Monluc, o marechal, quando conversou comigo sobre a perda do filho (um cavalheiro muito corajoso, de grande futuro, que morreu na Ilha da Madeira), enfatizou, entre outras tristezas, o luto e a mágoa que sentiu por nunca ter se mostrado para o filho e por ter perdido o prazer de conhecê-lo e aproveitar sua companhia. Tudo por causa de sua mania de lidar com ele com a gravidade de um pai rígido. Ele nunca falara sobre o imenso amor que sentia pelo filho e sobre como ele o considerava digno de sua virtude. ‘E tudo o que o pobre menino viu de mim’, disse ele, ‘foi um rosto fechado, cheio de desprezo. Ele se foi acreditando que eu não era capaz de amá-lo ou de julgá-lo como ele

merecia. Para quem eu estava guardando tudo isso, a afirmação do amor especial que eu cultivava em minha alma? Será que ele não deveria ter sentido o prazer trazido por ela e todos os elos da gratidão? Eu me forcei, me torturei, para manter essa máscara boba e assim perdi a alegria de sua companhia – e também sua boa vontade, que deveria ser muito pouca para comigo. Ele nunca recebeu de mim nada além de rispidez ou conheceu nada além de uma fachada tirana’.”

Tal relato tão sincero de uma relação familiar do século XVI nos demonstra como passam os séculos, mas nossa angústia existencial muitas vezes gravita em torno do amor, o grande Sol da vida. No entanto, vivemos como roedores escondendo-se nas tocas e túneis de nossa alma, sempre com medo de encarar tal luz solar frente a frente, sem as máscaras apropriadas. Toda nossa sociedade, todo nosso racionalismo: um grande manual para quando e como amar. Obviamente, um manual absurdo e enganador. O amor é livre, não segue liturgias nem manuais de boa conduta, e jamais, jamais pode ser capturado – assim como os raios solares, que podem no máximo aquecer nossa mão, mas não se encerrarem nela.

Não há como se amar com garantias, seguros de perdas. O risco de se amar é o risco de se viver, verdadeiramente: eis a essência do existir. Quando Montaigne cita a verdadeira amizade em seus *Ensaíos*, está a falar em realidade do verdadeiro amor. Supreendentemente, seu grande amor não foi sua esposa ou algum parente, mas um amigo (e estamos aqui falando de uma amizade sem conotações sexuais, por favor). “Pior”, um amigo que conheceu já no fim de sua vida, e que conviveu por pouco anos, já que ele era mais velho:

“Em nosso primeiro encontro, que acabou acontecendo por acaso em uma grande festa em uma cidade, nos descobrimos tão amigos, tão conhecidos, tão unidos, que, a partir dali, ninguém foi mais próximo do que nós dois [...] Por ter tão pouco tempo para durar e

por ter começado tão tarde, já que nós dois éramos homens feitos e ele alguns anos mais velho do que eu, não havia tempo a perder seguindo o padrão das amizades menores e comuns, que exigem tantas precauções e longas conversas preliminares. Essa amizade não tinha nada a seguir a não ser a si mesma [...] Não havia nada em especial, mas algum tipo de quintessência em que tudo se misturou e, tendo capturado minha vontade, me fez mergulhar e me perder na dele. E, tendo capturado a sua vontade, também o fez mergulhar e se perder na minha com uma fome e uma vontade iguais. Digo ‘perder’ com convicção. Não guardávamos nada um do outro. Nada era dele nem meu.”

Montaigne citava Étienne de La Boétie, um filósofo conterrâneo da França, e para o qual escreveu este e outros belíssimos trechos em sua homenagem, nos seus *Ensaio*s, já anos depois da morte do grande amigo. Há que se notar com que entusiasmo Montaigne fala sobre uma amizade tão grandiosa, um verdadeiro entrelaçamento de almas, mas que no fundo também se tratava de um amargo lamento sobre a perda de alguém tão querido... Amar e perder, será esta a nossa sina? Será que o sofrimento, a ferida aberta da saudade persistente, valem os breves períodos da mais pura das felicidades?

Epicuro não tinha esse tipo de dúvida, para o filósofo grego, que era conhecido por morar com os próprios amigos e filósofos em uma casa de largo jardim, só a amizade valia a pena:

“De todas as coisas que nos oferecem a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade... Alimentar-se sem a companhia de um amigo é o mesmo que viver como um leão ou um lobo.”

Essa busca pela felicidade na amizade, no querer o bem ao outro, não poderia ser eclipsada nem mesmo pela morte. Afinal, para Epicuro, a morte era o mesmo que nada:

“A morte não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida” [2].

É então que, conforme nos alertou o Dalai Lama, “vivemos como se não fôssemos morrer, e morremos como se jamais tivéssemos vivido” [3]... Esta sim é a sina dos que se absterem de amar, por temor da perda, e terminam os seus dias com um certo arrependimento obscuro de nunca terem tido a chance de absorver um pouco da luz do Sol, mesmo que para nunca mais ter a mesma experiência... Quem vai saber? Quem pode definir quantas vezes irá amar, e quantas vezes irá perder o amor? Quantas vezes será verdadeiramente feliz, para então voltar ao estado de tristeza habitual: a tristeza de ter experimentado o Céu, para uma vez mais cair no pântano do Mundo?

A única coisa que o sábio poderá responder é: “não sabemos, não fazemos a menor ideia”. Porém, do pequeno monte de sua sabedoria, ainda que tenha rolado uma vez mais abaixo, o sábio pôde ver, ainda que de relance, toda a imensidão da montanha que se estende no País do Amor. É para lá que ele, desde aquele dia, deseja retornar... É para este objetivo que ele dedica boa parte dos seus dias, e um bom tanto dos seus pensamentos... É precisamente esta ponte, a ponte que se eleva sobre o pântano das máscaras e dos hábitos moribundos, e se conecta a toda a liberdade, e todo o divino risco do amor, que ele deseja percorrer agora: pé ante pé, sonho após sonho, ele deseja nalgum dia acordar neste Céu de Liberdade.

E, uma vez tendo chegado lá, talvez toda a mágoa, toda a dor, toda a saudade, toda a profunda tristeza da perda de tantos e tantos amores pelo caminho, seja recompensada pela visão de tal Sol, de onde todos

os suspiros de primeiro encontro partiram, e para onde todas as derradeiras lágrimas de despedida escorreram de volta...

É isto, é apenas isto, o grande sentido, a misteriosa e escancarada essência da vida: é, sim, melhor, muito melhor, ter amado tanto, e cada vez mais, e ter sofrido tanto por saudade deste amor, e cada vez mais, do que nunca haver sequer amado, do que se despedir desta vida sem saudades, sem grandes tristezas e sem momentos de felicidade realmente dignos de nota. O que conta é o amor: não importa se o tempo passou, o amor ainda estará lá, aguardando ser redescoberto na luz da eternidade.

Para Teresa, Flávio, Flávia, e todo o amor envolvido...

4 AMORES

25.07.2011 ~ 03.08.2011

1. *Porno*: o despertar

Amor: Pode significar afeição, compaixão, misericórdia, ou ainda, inclinação, atração, apetite, paixão, querer bem, satisfação, conquista, desejo, libido, etc.

Em algum córrego de água fluente, colônias de bactérias lutam pela sobrevivência. Um grupo de colônias flutua pela correnteza, e guarda toda a energia adquirida do ambiente para sua autopreservação. Muitas vezes o grupo flutua junto, muitas vezes algumas bactérias se desprendem e rumam para o fim quase certo... No entanto, um outro grupo gasta parte de sua energia para produzir uma peculiar substância viscosa. A primeira vista, pode parecer um grande desperdício, uma mutação fadada à extinção. Porém, tal substância faz com que as bactérias se agrupem de forma mais eficiente, e suas colônias tendem a permanecer sempre muito

próximas a superfície das águas, onde suas chances de sobreviver e prosperar aumentam enormemente.

O altruísmo parece ser uma evolução da espécie. Através desse sistema peculiar da natureza, seres de uma mesma espécie, ou até mesmo de espécies diferentes, se auxiliam mutuamente, em situações onde a ajuda mútua faz com que os seres terminem por aumentar sua adaptabilidade ao meio ambiente, e sobrevivam com mais eficiência conjuntamente do que em separado.

Talvez o melhor exemplo de um “despertar do altruísmo” em nossos ancestrais hominídeos esteja intimamente ligado ao fato de hoje andarmos eretos. Segundo uma teoria, o bipedalismo e a redução dos dentes caninos foram acompanhados das primeiras convenções sociais entre os caçadores-coletores. As fêmeas passaram a preferir machos menos agressivos, e passaram também a trocar sexo por comida, além de se comprometerem por mais tempo com a “educação” dos filhos. Isso favoreceu nos machos, e consequentemente em toda a espécie, o bipedalismo: assim poderiam se deslocar por distâncias maiores, e carregar oferendas (pequenos pedaços de comida, sejam frutos ou carne de animais abatidos) para trocar por sexo. A redução dos caninos talvez indicasse que os machos não precisavam mais competir agressivamente pelas fêmeas, e que a troca de carinho (sim, talvez pudéssemos usar esta palavra) era mais reconfortante e necessária, então, do que as lutas sangrentas pelo direito de copular com as fêmeas.

Se alguém tinha dúvidas de que a prostituição era a profissão mais antiga do mundo, a arqueologia e a antropologia têm nos deixado muito clara essa questão: não só parece ser a profissão mais antiga, como também a razão primária do primeiro sistema de trocas entre seres humanos, ou mesmo entre hominídeos... O termo em grego antigo para a prostituição era *pornea*, que em português seria algo como *porno* ou *pornô* – a pornografia nada mais é, portanto, do que “a ilustração ou imagem da prostituição”.

Numa relação pornográfica, há sempre um indivíduo que visa obter alguma compensação financeira pela “oferta” de seu corpo a um

outro indivíduo que, por sua vez, visa uma satisfação sexual em troca do dinheiro despendido. Milhões de anos se passaram, e muitos de nós continuam se comportando como hominídeos, como se tivéssemos acabado de aprender a andar com apenas “duas patas”...

Schopenhauer era um pensador admirado com a capacidade do instinto sexual de afetar a razão até mesmo dos homens e mulheres mais sábios de nossa sociedade. Não é preciso ir muito fundo no assunto: até os dias de hoje há grandes chefes de família, de função respeitada na sociedade, que subitamente arriscam perder tudo apenas para poder vivenciar alguma nova “aventura sexual” que lhes aparece subitamente no horizonte... Dentre os mais jovens então, nem se fala – observe a entrada de uma casa noturna em alguma grande metrópole e verá que aquele espaço nada mais é, para a grande maioria dos jovens, do que uma versão moderna do “terreno de caça” dos hominídeos.

O filósofo alemão não conseguia vislumbrar na força motriz da vida mais do que uma espécie de escravidão dos sentidos:

“A vida da maioria dos insetos não passa de um esforço incessante de preparar a alimentação e a moradia da futura prole, que sairá de seus ovos. Depois de ter consumido o alimento e ter passado para o estágio de crisálida, a prole começa uma existência cuja finalidade é cumprir novamente, e desde o princípio, a mesma tarefa; não podemos deixar de indagar qual o resultado de tudo isso; não há nada a revelar, apenas a satisfação da fome e do instinto sexual e uma pequena recompensa momentânea, ocasional, entre necessidades e esforços infundáveis.” [4]

Realmente, se pararmos para refletir acerca das zonas erógenas do corpo humano, a princípio podemos imaginar que há uma grande variedade delas: Pescoço, nuca, lóbulo da orelha, lábios e língua, mamilos, nádegas, coxas e dedos, além dos próprios órgãos sexuais... No entanto, quantas e quantas vezes fazemos sexo ao longo da vida? Quantas e quantas repetições intermináveis de sequências de

movimento mecânicos envolvendo somente um punhado de zonas erógenas? Por mais que existam inúmeras possibilidades para o ato sexual, no fim o que nos motiva, o que nos carrega nesse desejo desenfreado, é o instinto em si, é a força motriz de Schopenhauer – a forma com a qual a natureza ensaiou a grandiosa dança da vida.

Essa forma de contato, essa forma de troca, essa forma de altruísmo, no entanto, não deve ser julgada apenas pelo que é, mas pela potencialidade que é capaz de despertar no ser humano.

Enquanto nos contentarmos em repetir os rituais de nossos ancestrais hominídeos, seremos ainda apenas “prostitutos de nós mesmos”, pois nesse sistema de troca animal tanto faz em que posição estamos – ambos, o macho e a fêmea, ou o ativo e o passivo, estão apenas encenando repetidamente a dança da vida, que embora possa ser bela e ancestral, nem sempre condiz com o nosso atual estágio de consciência.

É possível, é necessário, despertar, e evoluir no nosso caminho de altruísmo. Não mais tratar o próximo como uma fonte de troca de sexo por dinheiro ou dinheiro por sexo, mas como uma possibilidade de reconhecimento mútuo, de cumplicidade, de companheirismo, de conhecer, quem sabe pela primeira vez, “a visão do outro”...

Se Deus nos deu o dom do amor, não me parece que devêssemos nos contentar em utilizá-lo apenas como moeda de troca, como uma espécie de barganha. Da mesma forma com que alguns recorrem a Deus com oferendas e orações decoradas, apenas com o objetivo de conseguir alguma espécie de “bênção” em troca (geralmente o mais rápido possível), muitos de nós ainda veem o ato sexual como mera barganha, mero “comércio de amor”. Mas o amor não pode ser comprado nem vendido, e o seu sistema de troca está ainda muito além da compreensão dos hominídeos...

Ainda assim, eles o reconheceram. Aprenderam a andar em duas patas e, pela primeira vez em sua existência, puderam observar o céu e o infinito para além dele, e não mais apenas o nível do solo a sua frente. Alguma coisa em seu interior se acendeu e desejou ardentemente seguir adiante, sempre para o alto, cada vez mais alto...

E, embora suas patas tenham permanecido arraigadas a terra, sua mente e seus corações passaram a perceber o início de uma trilha.

Ali começava o caminho do amor, e quem poderia imaginar até onde ele poderia nos levar?



Obs.: Este artigo não deveria ser entendido como uma crítica a prostituição. A prostituição é uma atividade profissional como qualquer outra (ou ainda, a mais antiga delas). O problema não é se prostituir durante uma parte da vida, mas sim se prostituir durante toda a vida. Ou seja: não ter, durante a vida, nada além de relações de prostituição.

2. *Eros*: a convivência

Quem já bebeu, beberá; quem já sonhou, sonhará. Nunca desistirá desses abismos atraentes, que soam insondáveis, que penetram no proibido, que se esforçam por segurar o impalpável e ver o invisível; volta-se para eles, debruça-se sobre eles, dá-se um passo na direção deles, depois dois; e é então que se penetra no impenetrável e é então que se encontra o alívio ilimitado... (Victor Hugo)

Susana Queiroz está visitando o Butão, um dos menores e mais isolados países do mundo, fincado nos Himalaias, entre a China e a Índia. Ela entra em uma loja de artesanato local, mas não consegue se comunicar com a vendedora, que não fala inglês – e muito menos o português, idioma da brasileira que apresenta o programa *No Caminho* para o canal de TV a cabo *Multishow*... Susana chama por seu guia de viagem, um simpático butanês que fala o idioma local e o inglês, mas ele não responde. Fora da loja, a bela apresentadora encontra o guia falando apressadamente no celular – até muito

recentemente o Butão esteve fechado à modernidade, e faz poucos anos que o celular surgiu no país.

O guia desliga o celular e tenta ignorar o assunto, mas Susana já suspeita do que se tratava: era a “nova febre” entre quase todos os jovens butaneses, as pessoas falavam ao celular para marcar encontros amorosos. A questão peculiar, nesse caso em específico, é que o guia já era casado com duas mulheres, e ainda assim procurava conhecer mais parceiras amorosas.

Desde o final de 2006, o Butão é uma monarquia constitucional, mas o chefe religioso do reino goza de uma importância quase idêntica a do rei. O Butão é um dos últimos reinos budistas do mundo...

No reino animal, a poligamia se refere à relação onde os animais mantém mais de um vínculo sexual no período de reprodução. Nos humanos, a poligamia é o casamento entre mais de duas pessoas. Os casos mais típicos são a poliginia, em que um homem é casado com várias mulheres, e a poliandria, em que uma mulher vive casada com vários homens.

Diz-se que a poliginia já foi regra nos grupos humanos em estado natural. Durante a história, ela foi amplamente usada, tendo como principal causa a grande diferença numérica entre homens e mulheres ocasionada pelas guerras. A questão sempre esteve também no centro do debate religioso. O *Velho Testamento* fala de um personagem como Jacó, que teve duas mulheres e doze filhos (vários deles com servas). Essa prole viria a dar origem às doze tribos de Israel.

No Islã, por outro lado, ela tem sido praticada desde sempre (o próprio profeta Maomé teve 16 casamentos simultâneos). Hoje continua a ser adotada em alguns países muçulmanos e se encontra em processo de adoção em outros. O costume é regulamentado pelo Alcorão, que tolera a poliginia e permite um máximo de 4 esposas. Em realidade, a poliginia certamente sempre foi bem mais comum do que a poliandria. As razões são até mesmo óbvias: além do mundo ter sido por muito tempo, e em muitas sociedades, dominado pelos

homens, é extremamente custoso para uma mulher manter vários casamentos, pelo menos se levamos em consideração que ela irá gerar filhos de cada um de seus maridos.

Eu costumo dizer que não acredito em casamento. Não quero, com isso, ofender a crença e a tradição cultural dos outros, mas apenas manifestar a minha própria crença... Tampouco estou querendo dizer que não acredito no amor, na fidelidade, na possibilidade de uma união realmente estável e duradoura entre dois indivíduos. Quero apenas ressaltar que o fato de estarem casados perante Deus, perante as leis ou perante a sociedade nada tem a ver com a garantia da manutenção do seu amor. Em suma: no fundo, o que quero dizer é que acredito sim no “casamento”, mas para mim ele se chama amor. É muito simples entender: qualquer casamento durará apenas enquanto o amor durar. Vai-se o amor, vai-se o casamento, ainda que não haja divórcio, ainda que o casal continue a “manter as aparências sociais”.

Na cerimônia religiosa cristã diz-se que “o que Deus uniu o homem não separe”. Mas por vezes o homem parece viver a se dedicar exclusivamente a não seguir os mandamentos divinos. Ora, é para mim mais uma frase sem sentido algum. Melhor seria dizer, portanto: “saibam que têm nas mãos a responsabilidade de manter e edificar, todos os dias de suas vidas, esse dom divino, esse amor que sentem um pelo outro, este milagre!”.

Também se costuma encerrar com um “até que a morte os separe”. Mas, se a morte separa alguma coisa, não é o amor. O amor não é um corpo e nem mesmo um cérebro, mas uma união de almas. Mesmo Carl Sagan, que era agnóstico e não acreditava em vida após a morte, dizia que “viver na memória daqueles que nos amam, é viver para sempre”. Ora, e o que diabos a morte separa? Se ela separa alguma coisa, é porque não era amor.

Claro, existe muita confusão acerca do que vem exatamente a ser amor. Me parece que aqui estamos nos referindo ao que os gregos antigos chamavam de *eros*: não o deus, mas o conceito de troca de prazer entre os seres. Nesse estágio do caminho do amor, os seres não

mais usam os outros como mero objeto, ou como parte de uma transação comercial, mas efetivamente trocam carinho, se preocupam tanto em dar prazer quanto em receber. Fortalecem o elo com o seu próximo um pouco mais...

É preciso, no entanto, tomar cuidado com até que ponto estarão unidos. Duas árvores podem crescer a certa distância uma da outra, e podem até fazer sombra uma à outra, dependendo do momento do dia. Mas se estiverem por demais unidas, as próprias raízes no solo irão se entrelaçar, e disputar os nutrientes, até que uma aniquile a outra, ou por vezes, até que ambas se destruam mutuamente.

Foi o grande poeta do Líbano (Khalil Gibran) quem nos alertou:

“Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão: Que haja antes um mar ondulante entre as praias de vossas almas. Enchei a taça um do outro, mas não bebaís na mesma taça. Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço. Cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vós estar sozinho; Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia” (trecho de *O Profeta*).

Muitos ditos cristãos ao longo da história se declararam escandalizados com práticas como a poligamia por outros povos. Logo depois da descoberta de Colombo, os colonizadores portugueses e espanhóis que vieram da Europa colonizar o novo mundo concluíram que esses nativos eram “pouco mais do que animais”. Ao notar que muitos nativos praticavam uma ou ambas as formas de poligamia, um ministro calvinista afirmou que não possuíam nenhum senso moral. Um médico europeu, após examinar cinco nativas e perceber que não menstruavam, concluiu que “não pertenciam à raça humana”...

Não satisfeitos em despojá-los de sua humanidade, os espanhóis começaram a dizimá-los como animais. Por volta de 1534, 42 anos após a chegada de Colombo, os impérios inca e asteca haviam sido destruídos e seu povo escravizado ou assassinado. A hospitalidade

inata dos nativos não comoveu os “seres morais do velho continente”: os colonizadores matavam crianças, rasgavam o ventre de mulheres grávidas, arrancavam olhos, queimavam vivas famílias inteiras e incendiavam aldeias à noite. Entre a poligamia e a matança, acredito que Deus tenha feito uma escolha já há muito tempo, quando ainda éramos hominídeos.

Mas, retornando ao Butão: eis um exemplo de sociedade onde todos vivem efetivamente livres e não parecem se “escandalizar” tão facilmente com práticas como a poligamia ou até mesmo a homossexualidade. Ao contrário de muitas outras partes do mundo, de muitas sociedades atuais ou passadas, no Butão tanto homens quanto mulheres sentem-se livres para ter quantos parceiros amorosos quiserem. No Butão se construiu uma verdadeira rede de convivência, de troca de prazer, de troca de informações íntimas, de troca de compreensão. Nesse distinto e exótico microcosmo de sociedade humana, há tantos “casamentos” quanto possibilidades de convívio amoroso, e mesmo falos e símbolos genitais são entendidos como sagrados, como formas de proteção contra os “maus espíritos”.

E quem serão os maus espíritos senão os próprios homens e mulheres no topo de seu preconceito, de sua ignorância? Se as potências do homem na visão, na audição, nos recursos imensos do cérebro, nos recursos gustativos, nas mãos, nos pés; se todas essas potências foram dadas ao homem para a educação, para a evolução no convívio com o próximo, para a compreensão cada vez mais aprofundada do amor, mereceria o sexo, e as várias manifestações sexuais onde há respeito e carinho de ambas as partes, serem sentenciados às trevas [5]?

Obs.: Este artigo não deveria ser entendido como uma exaltação da poligamia. Devemos sempre, isso sim, exaltar o amor: cada pequena possibilidade de amar, amar da melhor forma possível, amar da forma

que hoje temos possibilidade de amar. Sejam quantos “casamentos” forem necessários, que não se desista do amor, jamais...

3. *Filia*: a felicidade

Nós mesmos seremos amados por pouco tempo e depois esquecidos. Mas o amor terá sido suficiente; todos aqueles impulsos do amor retornam ao amor que os produziu. Mesmo a memória não é necessária no amor. Existe uma terra da vida e uma terra da morte e a ponte é o amor, a única sobrevivência, o único significado. (Thornton Wilder)

Em algum canto de 1969, um homem começa a falar do amor. É a primeira aula de um curso sem direito a créditos da Universidade da Califórnia do Sul (USC), nos EUA. O nome do curso é *Love 1A*, e quando Leo Buscaglia o propôs a reitoria, nem o seu prestígio como professor adorado pela grande maioria dos alunos evitou que tentassem dissuadi-lo da ideia: “Vai ser ridículo, qual aluno vai querer passar o semestre inteiro estudando sobre o amor?”.

No entanto, a primeira aula já conta com mais de 20 alunos. Em realidade, nos anos seguintes, o *Love 1A* se tornaria um sucesso estrondoso, com até 200 inscritos todo ano, e cerca de 600 na lista de espera (o que era, em todo caso, o máximo). Por todos os cantos do mundo dito civilizado, as pessoas suplicam por amor, por senti-lo, por compreendê-lo, por viver em seu nome... Mas quão poucas efetivamente dão ao menos um passo em sua direção. A aula do professor Buscaglia talvez fosse a maneira mais simples de começar a caminhada.

O Dr. Amor (como eventualmente chegou a ser conhecido, já como famoso palestrante da televisão americana, e tendo seus livros vendidos no mundo todo) nos contou sobre o principal motivo pelo qual tomou coragem para propor uma aula sobre o amor:

“No inverno de 1969, uma de minhas alunas, inteligente e sensível, suicidou-se. Pertencia a uma distinta família de classe média alta. Seu aproveitamento escolar era excelente. Era muito querida por todos e tinha sempre programas para fazer. Num determinado dia de janeiro, foi de carro para os penhascos de *Pacific Paradises*, em Los Angeles, deixou o carro ligado, caminhou até a beira de um rochedo íngreme que se debruçava sobre o mar e pulou para a morte. Não deixou qualquer bilhete, nem uma palavra de explicação. Tinha apenas 20 anos.”

Há muitos que dizem que o pós-modernismo comprovou a falência das ideologias racionalistas, que prometiam que a idade da razão, da ciência e da tecnologia, nos elevaria a um novo patamar de saúde, progressos e realizações. Na verdade o que aumentou foi nossa expectativa de vida e nosso índice de desenvolvimento humano, mas as questões profundas, espirituais, permaneceram sem solução... Buscaglia descobriu, talvez após passar dois anos viajando pelo Oriente, que não seriam os intelectuais, os cientistas, os padres e pastores, e muito menos o governo, quem resolveriam nossa questão com o amor – teríamos de buscá-lo por nós mesmos. Não são vacinas, comprimidos, carros do ano, livros de autoajuda, livros sagrados, sermões religiosos ou científicos, nem mesmo homens pregados em cruzes para morrer, quem nos salvam... Apenas o amor nos salva, e por isso era vital aprender a amar.

Após muito debater com os próprios alunos acerca do amor, e também se baseando na extensa obra de mais de 400 autores, Buscaglia chegou a algumas premissas básicas acerca do tema:

(a) Ninguém pode dar aquilo que não possui. Para dar amor, você deve ter o amor; (b) Ninguém pode ensinar aquilo que não sabe. Para ensinar o amor, você precisa compreendê-lo; (c) Ninguém pode conhecer aquilo que não estuda. Para estudar o amor, você precisa viver no amor; (d) Ninguém pode apreciar aquilo que não aceita. Para aceitar o amor, você deve tornar-se receptivo a ele; (e) Ninguém

pode ter dúvida daquilo em que deseja acreditar. Para acreditar no amor, você deve estar convencido do amor; (f) Ninguém admite aquilo a que não se entrega. Para se entregar ao amor, você deve ser vulnerável a ele; e finalmente: (g) Ninguém vive aquilo a que não se dedica. Para se dedicar ao amor, você deve estar sempre crescendo no amor.

Ora, e o que seria exatamente crescer no amor? Em sua tentativa de equacionar o amor, os cientistas o chamaram de “uma relação de troca onde há benefícios mútuos”, e o colocaram como alguma espécie de atividade onde o produto final é, coletivamente, sempre superior ao estado inicial, individualmente. E os cientistas tinham razão. Mas aí está o estranho paradoxo: quem doa amor, nada perde, apenas ganha ainda mais amor. Eis que o amor empresta sua essência do infinito, e a matemática do infinito está além de qualquer razão, de qualquer equação...

Após ter passado pelos outros amores – *porno*, onde seres são utilizados como coisas; e *eros*, onde há um troca genuína, porém fugaz, de prazer –, acredito que finalmente tenhamos chegado a um patamar mais profundo: *filia* (ou *philia*) é a palavra grega para amizade e irmandade. Todos sabemos que o ato sexual tem sua duração, que apesar de poder ser prolongada por até mesmo por várias horas através de técnicas orientais pouco conhecidas da maioria, certamente não irá durar por semanas, muito menos por anos. Numa analogia, podemos afirmar que a paixão que se baseia na atração sexual também terá seus dias contados. Por muitos séculos, e através de muitas sociedades distintas, a principal função do amor era a reprodução e, quem sabe, a educação dos filhos. No final das contas, os casamentos serviam mais para que a continuidade do sangue familiar fosse garantida, do que para que houvesse efetivamente uma relação de amor entre os seres. Se não acreditam nisso, pesquisem sobre a história das monarquias europeias, e todos os seus reis e rainhas, e todos os seus casamentos “sagrados”.

Mesmo nas formas de poligamia, há muito das questões da reprodução e proteção mútua envolvidas. Nas épocas de escassez de alimentos e, sobretudo, nas épocas de guerras, eram as grandes famílias que sobreviviam, e muitas culturas optaram por não se limitar pela monogamia. Mas a monogamia existe, certamente que existe: temos raros e belos exemplos de homens e mulheres que permaneceram companheiros de outros homens ou mulheres por anos a fio; por vezes, por toda uma vida...

Ora, mas se formos analisar do ponto de vista pura e simplesmente evolucionista, mecanicista, animal, a monogamia é antes um grande desperdício: para que desperdiçar uma vida se reproduzindo apenas com uma outra pessoa, se teremos maiores chances de propagar nossos genes nos reproduzindo com o maior número de pessoas, e as mais saudáveis possíveis? Por que, enfim, sermos homossexuais, e, quando muito, adotarmos e criarmos os filhos dos outros, nos abstendo de propagar nossos próprios genes? Talvez porque no fundo aqueles que conseguiram chegar a esse patamar de amor são antes companheiros do que amantes, antes seres que buscam a fecundação de amadas, e não de óvulos.

Também no campo religioso, quem chega a essa distinta concepção do amor não trata a Deus como um agente de barganhas ou um simples mantenedor de rituais sagrados. Antes o entendem como um amigo, aquele amigo que podem sempre contar, pois que hoje sabem que nunca os abandonou, e tampouco poderia abandonar – sua essência nos preenche a todos, ele está em tudo o que existe.

E é aqui, nessa distinta passada no caminho do infinito, que percebemos pela primeira vez o êxtase que se sinaliza no horizonte à frente... Pela primeira vez sentimos um facho de luz da felicidade pura a nos ricochetear pela alma – não aquela alegria que sempre esteve fadada a ser, brevemente, substituída por alguma tristeza, para logo após virar alegria novamente; mas antes aquele contentamento interno, aquela paz de espírito, aquela felicidade que permanece.

Todos somos ainda alunos do curso *Love 1A*, e foi exatamente um dos alunos de Buscaglia quem nos trouxe uma definição que talvez resuma da melhor forma essa espécie de amor de que estive falando:

“Acho que o amor é muito parecido com o espelho. Quando amo alguém, essa pessoa torna-se meu espelho e eu me torno o dela; e nos refletindo um no amor do outro, vemos ao infinito”.

Obs.: Todas as citações de Leo Buscaglia (e de seu aluno) foram retiradas de seu best-seller: *Amor* (Ed. Nova Era).

4. *Ágape*: a iluminação

Uma mente não pode ser modificada pelo local ou pelo tempo, a mente é o seu próprio local, e em si própria pode fazer um paraíso do inferno e um inferno do paraíso. (John Milton)

Em alguma região remota da Rússia, num hospital público de alguma pequena cidade, uma criança acorda chorando. Sua mãe está ao seu lado, como tem estado nos últimos dias, semanas, meses... Mas a criança continua a chorar. Ela tem um câncer em estágio terminal, metástase, e o hospital não tem verbas para comprar o medicamento adequado para ao menos anestesiá-la parte da dor. A criança tem chorado por todos os dias dos últimos 3 meses, sentindo em seus ossos, em suas terminações nervosas, uma das piores dores que o ser humano é capaz de suportar sem desfalecer. A porta do quarto se abre, e um palhaço entra sorrindo. Ele a olha direto nos olhos, bem fundo, ele ri para sua alma, ele faz piada com o sofrimento e a morte, ele dança junto ao amor. A criança para de chorar...

Patch Adams é um médico curioso: ele acredita que um médico não pode prometer cura, e sim um tratamento adequado para cada doença. E o melhor tratamento sempre envolve o amor. Você pode dispor dos melhores remédios e da tecnologia mais avançada do mundo – sem o amor, todo tratamento é incompleto, e toda a cura passageira. Por toda sua vida o palhaço tem se dedicado a melhor das palhaçadas: cuidar das pessoas, irradiar amor pelo mundo. Seja no entorno de zonas de guerra, seja nos hospitais mais remotos do mundo, ele sempre pede pelo pior: pelos queimados, pelos quebrados, pelos depressivos, pelos que estão à beira da morte. Nem que seja para que morram felizes:

“Já fiz mais de 20 mil horas de palhaçadas com pacientes. Tenho 1 milhão de coisas para levar em cada contato. Primeiro, o meu olhar vai direto para os olhos deles, olhar de amor. ZAP! Tenho minibrinquedos, 20, 25 kg de brinquedos, todos dentro da minha calça de palhaço. Tenho um capacete em forma de pato na cabeça, e carrego um peixe. O meu personagem de palhaço é um adulto com Síndrome de Down, porque seu estilo é amor incondicional e engraçado. Entro ali, você pode estar coberto por queimaduras do pior tipo, eu não vejo... Vejo os seus lindos olhos. Você vê que eu não vejo. Em qualquer que seja o caso, pode estar a beira da morte, eu estou ao seu lado. Não imagino que vou curar as pessoas, nem mesmo que vou ajudá-las, imagino que sei que vou criar um relacionamento com elas, e esse relacionamento vai tornar mais fácil o que quer que seja” (trecho de entrevista para o *Roda Viva* da TV Cultura).

Por incrível que pareça, ainda existem santos na era moderna. O médico palhaço é um deles... Embora não seja religioso (no sentido eclesástico), acredita acima de tudo no que mais importa, naquilo que ninguém conseguiu até hoje medir ou pesar, nem mesmo provar em algum experimento, mas que quase todos têm a plena fé de que efetivamente existe. Patch Adams é um santo do amor, um profeta

que prega a maior das revoluções: a renovação pelo amor, a busca por uma estratégia para se amar, amar da melhor forma possível, amar em qualquer momento e em todos os lugares. Amar da maneira que hoje é possível amar, para que amanhã amemos cada vez mais, até que não precisemos mais da promessa incerta de um céu distante – ele já estará instaurado em plena Terra.

Certamente os gregos antigos já haviam dado diversos nomes ao amor, mas nenhum parece ter sido mais sublime do que *ágape*. Tal sentimento significa o amor incondicional, o amor que não espera nada em troca, nem mesmo mais amor. O fogo que, apesar de arder invisível, ergue-se em uma pira tão bela e poderosa, que encanta aqueles que a podem admirar para o resto de suas existências. Aquilo que não se vê com os olhos do corpo, mas que ainda antes se enxerga com a própria alma. A bênção prometida a todos aqueles que se aventuraram no caminho infinito, de religação com nossas origens, de busca ao que quer que tenha iniciado todo esse turbilhão de substâncias catapultadas a imensidão do Cosmos, e unidas numa sutil e inquebrantável teia com filamentos de luz que se estendem até além do horizonte cósmico, até além da razão, até onde só o amor poderá estar...

Como uma estrela cadente em meio a um vazio pleno de paz, como uma memória, uma imagem daquilo que será lembrado para sempre, uma vez que sempre estive em nossa volta: O amor de todos os seres, conscientes e a beira da consciência. O amor de todos os cânticos, de todas as orações, de todas as poesias, de todos os pensamentos, colocado aos pés de uma fonte de água cristalina, que jorra em cascata preenchendo todos os átomos e todas as galáxias do Cosmos. O amor em movimento, a ponte entre um mundo de morte e um mundo de vida.

Mas não é fácil abandonar as amarras de nosso próprio ego, não é fácil atingir tal iluminação plena da alma... E ninguém disse que seria, pois que esta é a nossa odisseia, a nossa jornada, a nossa aventura!

Há 2 mil anos um homem também realizou tal jornada. Caminhando pelas planícies em direção a Samaria com seus seguidores, Jesus disse a Judas: “Veja os aleijados, os cegos, os pobres... Este é o nosso exército, eles gritarão e Jerusalém cairá.”; Mas Judas parecia não compreender: “Nós precisamos de mais homens.”; Ao que Jesus respondeu: “Deus nos fornecerá os homens que precisamos, nós iremos construir uma nova Jerusalém.”; Nesse momento ambos foram interrompidos...

Maria, a mãe de Jesus, não o via há muito tempo, e o queria de volta para casa. Ela o segurou pelo braço e lhe disse, da forma mais amável que conseguiu: “Filho! Por favor, volte para casa comigo.”; Jesus a olhou bem fundo nos olhos e perguntou: “Mulher, quem é você?”; Angustiada, sua mãe lhe respondeu: “Você sabe quem eu sou. Não me reconhece? Eu sou sua mãe!”; Jesus então encerrou a conversa, se afastando dela: “Eu não tenho mãe. Apenas meu Pai que está no Céu. Deixe-me ir.”

Então, uma amiga de Maria, que a estava fazendo companhia, lhe perguntou: “Maria... Por que você chora? Você não os viu?”; Maria lhe respondeu: “Não vi quem?”; A amiga explicou, entusiasmada: “Quando ele falou com você, havia milhares de asas azuis, atrás dele... Eu juro, Maria, eu vi exércitos de anjos...”; Mas Maria não pareceu impressionada: “Eu não vi nada disso. De que me ajuda são os anjos atrás dele? Eu gostaria de ver filhos e netos caminhando atrás dele, e não anjos”.

Este diálogo é uma ficção [6], mas o que nos importa aqui é que ele toca no cerne de *ágape*: não mais amar apenas a si próprio, ou sua família, ou seus amigos, ou quem sabe sua comunidade mais próxima, mas amar a absolutamente todos os seres, todos os animais, todas as coisas, todo o Cosmos... Somente assim, reconhecendo o parentesco de nossos genes e átomos como toda a vida na Terra, fruto do crepitar do fogo estelar em fornalhas cósmicas, é que seremos capazes de não mais viver arraigados ao próprio ego, mas deixar que a própria vida viva em nós. Só assim nos tornaremos efetivamente uma forma do Cosmos conhecer a si mesmo, um espelho plano e límpido

voltado para o infinito, um canal por onde a luz divina poderá passar sem mais ser corrompida e distorcida.

Nós temos flutuado no córrego que flui da fonte, no coração do tempo do amor de um pelo outro. Nós temos brincado ao lado de milhões de amantes, partilhado a mesma doce timidez do encontro, e as mesmas lágrimas doloridas de despedida. Um amor antigo, mas que se manifesta em formas que se renovam, e renovam, *ad infinitum!*

Como bactérias dispersas no rio do mundo, tudo o que nos resta é tecer a tal substância capaz de nos manter unidos, para que possamos flutuar e flutuar, cada vez mais, em direção à superfície, e ao que quer que exista do outro lado do véu.

E, quem sabe, quando chegarmos à festa que se faz para os iniciados no caminho do amor, sequer queiramos comemorar por muito tempo... Pois que teremos nos lembrado daqueles que ficaram para trás, perdidos em meio ao córrego, sem contato com a substância viscosa, ignorantes do amor. Faremos isso, então, não em busca de algum céu ainda superior aquele outro, ou para que Deus nos congratule e nos sorria, mas o faremos porque seremos seres plenos de amor, porque agiremos naturalmente no amor, sem racionalizar, sem equacionar, sem querer provar nada para os outros, e nem mesmo para si mesmo – Amar! Amar por amar... Eis a última e mais grandiosa das realizações de nossa jornada. Eis todas as bênçãos e toda a felicidade que poderíamos almejar.

*Hoje ele está guardado à seus pés, ele achou o seu fim em você,
O amor de todos os dias dos homens, tanto passados quanto eternos:
Alegria universal, tristeza universal, vida universal,
As memórias de todos os amores mesclando-se com esse nosso amor
único –
E as canções de cada poeta, tanto passados quanto eternos.*

(trecho do poema *Amor sem fim*, de Rabindranath Tagore)

DE FALOS E ORIFÍCIOS

20.03.2013

Os eclesiásticos parecem definitivamente ter dificuldades com a ideia de que nossos falos e orifícios precisam entrar uns nos outros; e, principalmente, que esta dança sexual possa, ao mesmo tempo em que gera vida, nos dar grande prazer.

Em algum canto da antiguidade, em alguma interpretação apressada de Platão, entendeu-se, sabe-se lá como ou porque, que “o sexo era sujo”. Isto, pois o corpo humano era precário, perecível, sempre sujeito a morte. Apenas a alma era “limpa”, imperecível, imortal, e deveria ser nossa grande preocupação mantê-la “tão pura quanto possível”, tão distante dos “prazeres carnavais” quanto fosse necessário.

Hoje a virgindade de Maria, a mãe de Jesus, é um dogma da Igreja Católica Apostólica Romana. Isto não quer dizer que os primeiros cristãos tenham acreditado automaticamente que Maria “engravidou do Espírito Santo”, mas sim que a discussão já “se esvaziou” – que nenhum teólogo deveria continuar perdendo seu tempo com ela.

Muitos não sabem, mas diversos dogmas do cristianismo foram exaustivamente discutidos e, dessa forma, elaborados nos primeiros séculos após a morte e ressurreição do Cristo (pois muitos não constam na bíblia, ao menos não numa descrição direta). Orígenes (nascido em 185), por exemplo, duvidava que Cristo fosse Deus, e também que “um Deus de amor e misericórdia pudesse permitir que um de seus filhos sofresse num inferno eterno”. Já Ário de Alexandria, pouco menos de um século depois, concordava com Orígenes quanto a distinção entre Cristo e Deus, além de simplesmente não compreender o que diabos era exatamente a tal “trindade perfeita”.

Somente em 325, no Concílio de Nicéia, as ideias de Ário (arianismo) e Orígenes foram consideradas heréticas, ou seja: “erradas”. O próprio Agostinho de Hipona, que nasceu décadas após o Concílio, estabeleceu as bases atuais do dogma do Pecado

Original [7] – somente muitos séculos, portanto, após Jesus haver pregado na Galileia. Agostinho foi admirador do neoplatonismo e do maniqueísmo, e embora não admitidamente (no caso do maniqueísmo), ambas as doutrinas, através dele, exerceram profunda influência sobre o cristianismo que se seguiu.

Ora, e se Mani (fundador do maniqueísmo) exerceu alguma influência em Agostinho, certamente esta influência até hoje é percebida no cristianismo. Mani considerava Zoroastro (profeta persa, fundador do zoroastrismo), Buda e Jesus “pais da Justiça”, e pretendia sistematizar suas mensagens individuais numa doutrina de “verdade completa”. E o que o cristianismo herdou de Mani, através de Agostinho, foi exatamente a ideia central do zoroastrismo: que existe uma guerra semietera entre um “deus bom” e um “deus mau” [8].

O problema é que não termina aí: Mani calhou de chegar a conclusão de que a matéria era “intrinsecamente má”, e a alma, “pura e boa”. Ainda hoje acusam Platão por ter “inserido” esta ideia equivocada no cristianismo, mas mesmo esta concepção é apressada e superficial: se houve culpa de alguém, além dos próprios cristãos da época, que se abstiveram de debater o assunto por mais tempo, esta culpa recaí mais decisivamente no inconsciente de Agostinho – em suas memórias da época em que seguia a doutrina de Mani e, principalmente, em seu vastamente documentado arrependimento da antiga vida boêmia (e sexual).

Estou aqui a condenar Agostinho? Claro que não. Este grande sábio da antiguidade deixou-nos inumeráveis passagens de grande teor filosófico [9]. Porém, na questão do Pecado Original, simplesmente lamento profundamente as conclusões a que chegou...

Afinal, se o ato de comer uma maçã proibida pode ser responsável pela condenação do sexo as trevas, pela eternidade, fica muito difícil saber onde a razão se escondeu nesta teoria. Poderia me estender aqui sobre o assunto de Adão, Eva e a Serpente, mas já falei sobre isso noutros artigos, e gostaria ainda de retornar ao problema dos falos e orifícios.

Ora, fica evidente que a Imaculada Conceição é um dogma que se esvaziou dos significados simbólicos dos mitos ainda mais antigos [10], e se revestiu de um supremo puritanismo que pretende “salvar” Maria do ato sexual – como se este fosse alguma coisa relacionada ao “deus mau” do maniqueísmo.

Mas Maria não precisa ser “salva” de nenhum Pecado Original. O sexo não é uma espécie de doença contagiosa, e ninguém se torna “impuro” por praticá-lo. O que nos torna impuros, o que realmente mancha nossas almas, é a ignorância, a intolerância, a falta de empatia, a brutalidade do pensamento ou, para resumir, o próprio “afastamento de Deus”.

Alguém já definiu o puritano como “aquele que se escandaliza ante o fato de que alguém, nalgum lugar, pode estar tendo prazer”. Muitas das vezes, os puritanos são sujeitos altamente sexuais, mas que se viram obrigados a varrer toda sua sexualidade para debaixo do tapete da consciência. Não fosse assim, como seria possível haver tantos eclesiásticos praticando os atos sexuais mais desajustados, quando defendem exatamente o oposto disto? É isto o que ocorre quando “fingimos eliminar nosso lado animal com dogmas e orações”. É este, afinal, o grande pecado: recusar-se a admitir que somos humanos, demasiadamente humanos.

Intrinsecamente, não há problema algum em darmos algumas aberturas para nosso lado animal. Não fosse por isto, pelo que Schopenhauer chamou de “a força da vida” (antecipando em muitas décadas os psicólogos evolutivos), sequer estaríamos aqui para contar a história da espécie. E o sexo, de todo tipo – heterossexual, homossexual, bissexual –, é perfeitamente natural, se encontra na Natureza (e, se vocês tem alguma dúvida, pesquisem por “bonobos” no Google).

Aliás, é melhor, muito melhor, darmos alguma abertura a fera sexual que nos habita, ainda que de vez em quando, do que fingir que ela não está lá, ou pior, acreditar que ela pode ser afastada com orações repetidas da boca para fora, que não passaram pela profundidade da alma.

Pois todo aquele que conhece a alma sabe que, de fato, o sexo é bom, e tem sido bom a incontáveis vidas... Mas sabe também que há algo ainda melhor, uma espécie de gnose deste mistério, um entreolhar da “força da vida”, que anseia por si mesma, mais e mais. Um fogo que arde sem se ver, e que não se apaga nunca, mas pelo contrário: queima cada vez mais alto e forte.

Que há muitos ignorantes que condenaram o sexo as trevas, mas que ao puni-lo com violência e intolerância, praticam pecados no mínimo muito piores do que qualquer promiscuidade envolvida no ato sexual...

Mas aqueles que se largaram no fogo da alma, e queimaram seu antigo corpo, sua antiga ignorância, renasceram junto ao Cristo, e desvendaram enfim o que Zoroastro quis dizer:

Não é o sexo que é mau. Não é o corpo que é mau. Não é a matéria que é má. A maldade reside na alma, e nos olhos, de quem vê... E que é a maldade, senão a suprema ignorância da Natureza?

JESUS E A NEUROLOGIA

04.12.2009

Uma das recentes descobertas mais importantes da neurologia é a de que nossa consciência, ou processo de consciência, opera com defasagem de cerca de meio segundo em relação ao “tempo real”. Todos nós sabemos que vemos a luz de um relâmpago alguns momentos antes de ouvir o estrondo do trovão, que vêm na sequência, apesar de ambos serem ondas de partículas resultantes do mesmo raio – ocorre que as ondas de luz viajam pelo ar com uma velocidade muito superior as ondas sonoras.

No caso do raio, a distância temporal entre o relâmpago e o trovão é bem superior a meio segundo, e nesse caso a consciência “separa” os dois em dois momentos distintos, como de fato o são. Já em outras

situações, a consciência consegue “mesclar” som e luz, de modo a que interpretemos a ambos como ocorridos no mesmo momento.

Quando vamos a um concerto de rock, a luz que nos chega aos olhos mostrando nosso guitarrista predileto dedilhando as cordas de sua guitarra viajou muito mais rápido do que o som dos acordes tocados, mas nosso cérebro compensa esse fato iniciando o processamento do som assim que as ondas chegam, enquanto o processamento da luz fica alguns centésimos de segundo em *stand by*, aguardando o input sonoro para que a consciência nos entregue estes momentos como se fossem simultâneos: o dedilhar da guitarra e o som proveniente dos alto-falantes do show.

Reações emocionais, como o medo, também são desencadeadas antes de forma inconsciente – e depois de cerca de meio segundo, conscientemente. Por isso quando andamos pela rua e “sentimos a presença de alguém atrás de nós”, essa sensação nos chega primeiro de forma inconsciente, como uma alerta de perigo: “algo se aproxima!”; então, frações de segundo depois, quando identificamos do que se trata – por exemplo, virando a cabeça para ver quem se aproxima – temos uma resposta consciente...

Não vivemos mais como tribos sedentárias trilhando a natureza selvagem, e felizmente na maior parte do tempo esses alertas provam ser nada mais do que pequenos sustos de nosso sistema inconsciente, sempre de prontidão. Entretanto, também é graças a ele que evitamos alguns assaltos no meio do caminho.

Em suma, estamos equipados com um elegante sistema de percepção. Através dele, não é preciso “ver” o perigo, ou seja, processá-lo visualmente de forma consciente, para que possamos iniciar nossa resposta a ele. Ainda não se sabe ao certo “com que olhos” percebemos a aproximação de alguém, pois muitas vezes nosso tato não é aguçado o suficiente para perceber um pequeno deslocamento de ar em nossa volta, mas fato é que nossas reações inconscientes ao perigo são, e foram, vitais para nossa sobrevivência enquanto *homo sapiens*.

Há cerca de dois mil anos atrás um sábio nos trouxe esse conselho:

Ama teu irmão como tua alma, protege-o como a pupila dos teus olhos [[11](#)].

Esta frase de Jesus não é encontrada em nenhum evangelho do *Novo Testamento*, mas sim no evangelho “apócrifo” de Tomé. A princípio ela não traz nada de novo em relação a frases parecidas dos evangelhos “oficiais” da Igreja – porém, hoje se sabe, através dessas descobertas da neurologia, que ela nos traz um ensinamento “um pouco mais profundo”, para aqueles que têm olhos, e conhecimento, para ver...

A reação de proteger os olhos ante algum objeto arremessado em sua direção é, talvez, a mais instintiva e inconsciente de todas as reações ao perigo eminente. É impossível ficar de olhos abertos quando um objeto é arremessado em nossa direção, e caso tenhamos mãos livres, é igualmente impossível evitar o reflexo instintivo de levá-las ao resto para protegê-lo. Não se trata mais de uma escolha consciente, nosso cérebro nos “força” a nos proteger.

Ainda mais interessante do que isso, entretanto, são os resultados de pesquisas sobre reações inconscientes e conscientes de acordo com o aprendizado de certas atividades. Alguém que está aprendendo a dirigir um carro, por exemplo, precisará de ações conscientes para todas as pequenas atividades e movimentos requeridos: virar a direção, mudar a marcha, verificar o espelho, procurar um retorno na estrada. Já um motorista habilitado, com apenas alguns meses de experiência, fará quase tudo isso de forma inconsciente... Apenas em rotas em que dirige pela primeira vez, desconhecidas, irá procurar pelo retorno na estrada de forma consciente. Já em rotas que trafega todos os dias, até mesmo isso fará no modo “automático” [[12](#)].

Reagir no “automático” é também compreendido como reagir de forma natural, sem julgamentos, sem a necessidade de decisões conscientes. Como um animal que age por instinto.

Não é plausível imaginar que conseguiremos aprender a amar tão facilmente como se aprende a dirigir um carro. Porém, é perfeitamente plausível imaginar que o amor, como qualquer outra atividade consciente, também se aprende e se aprimora com a prática. Portanto, não basta desejarmos sermos mais amorosos apenas na teoria, na base da promessa para Deus ou para nós mesmos... Para se amar cada vez mais e melhor, nos basta praticar, nos basta, simplesmente, amar!

Mas, será que um dia conseguiremos seguir a este conselho de Jesus em toda a sua divina plenitude? Amar sem julgar, sem se perguntar o porquê? Amar naturalmente, amar de forma instintiva, amar integralmente?

Talvez estejamos ainda muito longe disso, mas ainda nos vale a torcida para que toda a nossa ciência, e toda a nossa compreensão de nós mesmos, ainda não de nos ajudar a chegar lá – na terra dos que amam incondicionalmente.

3 CHIMPANZÉS

09.02.2012

Incrustados no meio da África vivem os animais que mais se assemelham aos seres humanos em termos genéticos. Compartilhamos aproximadamente 98 a 99% de seu DNA, e ainda assim somos muito distintos, principalmente devido as formidáveis capacidades do órgão que trazemos dentro da cabeça. Mas, será que somos tão diferentes assim?

Os chimpanzés se separaram do tronco evolutivo de nosso misterioso ancestral comum por volta de 4 a 7 milhões de anos atrás, talvez até mais. São animais que costumam andar pelo solo, embora ainda usando as mãos como apoio, e se alimentam, sobretudo, de frutas, folhas, sementes e pequenos animais que cruzam seu caminho. Durante os dias, nas planícies africanas, podem

ser vistos nos galhos das árvores, aproveitando a sombra e mordiscando frutas...

Como nós, são animais sociais, que vivem em grupos de apenas uns 5 até mais de 100 indivíduos. Aparentemente possuem culturas diferentes, dependendo da região em que habitam, e são capazes de ensinar técnicas rudimentares de uma geração a outra: uso de gravetos para extração de cupins de um cupinzeiro; uso e fabricação de pedras específicas, usadas como ferramenta para quebrar sementes e frutos; e até mesmo ferramentas adaptadas para caça de pequenos mamíferos, algo bem mais raro.

Olhar os chimpanzés pode as vezes parecer uma experiência que transcende nossa espécie e nosso tempo: de certa forma, olhamos para aquilo que fomos, ou algo muito próximo, há milhões de anos atrás.

Por exemplo, as fêmeas chimpanzés possuem hábitos mais solitários, passando a maior parte do tempo sozinhas. Nesses grupos, os machos dominantes exercem seu poder através de pura agressividade, sobre as fêmeas e os outros machos mais jovens ou fracos. Nesse sentido, a vida sexual dos chimpanzés não difere tanto assim da de outros primatas, como os gorilas, e nesse ponto o ser humano parece se distinguir totalmente: afinal, fazemos sexo não apenas para procriação, mas também e, principalmente, por prazer, e por amor...

Os estudiosos perceberam apenas em 1928 que os bonobos formavam uma família diferente dentro da espécie dos chimpanzés, com um comportamento muito peculiar, em que o sexo está em primeiro lugar, funcionando como substituto da agressividade. O bonobo é um dos raros animais para quem não existe relação direta entre sexo e reprodução. Ou seja, como os humanos, eles fazem mais amor do que filhos. Ao contrário da maioria dos primatas, a sociedade dos bonobos é dominada pelas fêmeas e não pelos machos.

Estudiosos como o antropólogo Richard Wrangham – autor de *Demoniac males* [13] – especulam que isso ocorreu pelo fato de,

entre os bonobos, os vínculos mais duráveis se estabelecem entre as fêmeas, que passam grande parte do tempo em atividades sociais ou em brincadeiras sexuais. Wrangham acredita que essa organização social é resultado do tipo de alimentação desses macacos, que se adaptaram a comer frutos e pequenos animais, como os chimpanzés, além de folhas e raízes, como os gorilas. A facilidade de obter alimentos desestimulou o desenvolvimento da agressividade dos machos, mas incentivou as alianças entre as fêmeas. Essas alianças acabam resultando em mais poder para quem as estabelece.

Mas a “sociedade matriarcal dos bonobos” só se torna efetivamente possível porque, ao contrário da maioria das fêmeas de outras espécies, que só são receptivas ao sexo no período fértil, as fêmeas bonobos são atrativas e ativas sexualmente durante quase todo o tempo. Além de intensa atividade sexual com seus parceiros, em que tomam a iniciativa, elas simulam relações com outras fêmeas (é justamente através do sexo que estabelecem as alianças entre si). Os machos também participam dessa espécie de homossexualismo light. As atividades eróticas dos bonobos compreendem ainda sexo oral, masturbação mútua e beijos de língua.

Um dos “inconvenientes” da sociedade dos bonobos é que incestos e pedofilia são relativamente comuns... Isso parece ter sido motivo suficiente para muitos ditos cristãos demonizarem a espécie inteira, como se outras espécies também não praticassem incesto e pedofilia (e coisas muito piores). Na verdade, o problema com os bonobos é que eles fazem sexo, muito sexo, e nisso lembram a nós mesmos.

Como sabemos, por muitos séculos, principalmente na Idade Média, o sexo foi considerado sujo, condenado e sentenciado as trevas... Mesmos nos dias atuais, em que o ímpeto sexual humano parece explodir de forma descontrolada, como um rio há muito tempo represado, que finalmente rompe a represa, ainda há muita gente “conservadora e religiosa”, que abomina a visão de uma sociedade humana se parecendo com uma sociedade de bonobos.

Mas, será que temos lembrado mais os bonobos ou os chimpanzés? É preciso lembrar que para os bonobos o sexo é um elemento central

de redução da agressividade nas relações entre os indivíduos. Embora já tenham sido registrados casos até mesmo de canibalismo entre os bonobos, estes são raríssimos – os bonobos, quando comparados aos chimpanzés, seriam uma sociedade de *gandhis* e *madres teresas*, ao menos no quesito agressividade. Nós, humanos, entretanto, temos sido ainda mais agressivos que os chimpanzés, com nossa própria espécie, com as outras, e com o meio ambiente como um todo.

Alguns nos chamam de “terceiro chimpanzé” [14], mas é óbvio que, ao mesmo tempo em que estamos conectados a todas as outras espécies na árvore da vida, temos uma diferença imensa em relação a todas elas: a consciência humana, única em sua racionalidade e espiritualidade.

Os chimpanzés fazem parte dos poucos animais que conseguem se reconhecer no espelho, e sob muitos aspectos parecem mesmo conosco, mas foi exatamente a nossa imensa inteligência que possibilitou que, dentre outras coisas, destruíssemos seu habitat natural até que entrassem na lista de espécies ameaçadas de extinção, da qual dificilmente sairão um dia...

Não, nós não temos sido primatas promíscuos, que fazem sexo a torto e a direito, nós temos sido algo muito pior do que isso: primatas dominantes sedentos por territórios e recursos naturais, que não expulsam os outros primatas de seus territórios natais com grunhidos e intimidação, mas com fogo, pólvora, bombas e estranhas doutrinas religiosas.

O sexo humano pode sim se desencaminhar para a promiscuidade total, a pedofilia e outras bizarrices, mas ainda assim, na “escala de escuridão” em que os ditos cristãos o colocaram, ainda está muito, muito mais próximo da luz do que a agressividade, a intolerância e o fanatismo. Não foram os bonobos quem enviaram bombas atômicas para cidades de nações rendidas, ou adolescentes com bombas na cintura para se explodirem em mercados e praças públicas, não foram nem mesmo os chimpanzés – foram nós, os humanos.

Porém, ainda assim é tarde para ser pessimista: enquanto este mundo tem girado em torno de uma pedra ardente, de alguma forma as consciências dos *homo sapiens* têm despertado, uma a uma, e se dado conta de que estamos aqui não para sobreviver e domesticar a Natureza, mas, pelo contrário: para viver, e exaltar esta mesma força da vida que nos deu os chimpanzés e os bonobos, e todos os outros seres desta Terra, não através de um *decreto divino*, mas através de um *mecanismo divino* que tem evoluído ao longo das eras nas formas mais belas e surpreendentes; e do qual é o sexo, não a agressividade, o grande motor.

OFERENDAS ANCESTRAIS

13.10.2009

O bipedalismo, ou seja, a capacidade de se andar apenas com dois membros, e não com quatro, é uma característica desenvolvida por pouquíssimos animais ao longo da evolução das espécies. Como se sabe, um desses animais é o *homo sapiens*. Segundo a teoria de Darwin-Wallace, o *homo sapiens* evoluiu a partir de um ancestral comum com o chimpanzé, ou pelo menos esta era a teoria mais aceita até alguns anos atrás. Uma outra teoria acerca da evolução humana postulava que o bipedalismo foi desenvolvido sobretudo quando os humanos arcaicos, ancestrais do *homo sapiens*, abandonaram as regiões africanas de densas florestas e se aventuraram nas pradarias, onde a capacidade para arrancar frutos e carregar comida e armas de caça seria, talvez, mais importante do que a velocidade e equilíbrio conferidas pelo andar em quatro patas, o que seria muito mais útil para se fugir de predadores.

No entanto, descobertas da arqueologia nas últimas décadas têm colocado em xeque tais teorias. Particularmente a descoberta do esqueleto de Ardi (*ardipithecus ramidus*) encontrado em 1992. O esqueleto demorou três anos para ser escavado pela equipe do Projeto Médio Awash, em Aramis, na Fenda de Afar, Etiópia.

Sua reconstrução foi realizada por dezenas de cientistas de todo o mundo, sendo que atualmente a liderança dos estudos está nas mãos de Tim White. Ele trabalha com Paleontologia e Arqueologia Paleolítica na África desde 1974, sendo professor de biologia da Universidade da Califórnia em Berkley e codiretor do projeto que atuou na retirada do achado.

Após mais de uma década de análises minuciosas, as conclusões finais dos arqueólogos e cientistas envolvidos foram finalmente publicadas na revista *Nature* de Outubro de 2009. A datação de Ardi como tendo vivido a 4,4 milhões de anos, e sua combinação única de bipedalidade indiscutível com os dentes molares pequenos, assim como a curiosa semelhança dos pés com os pés de outros símios, capazes de agarrar objetos com as mãos, lança muito mais dúvidas do que certezas no estudo dos cientistas.

Primeiro, fica comprovado que o “elo perdido”, ou a espécie ancestral que o *homo sapiens* teria em comum com outros símios, teria vivido há muito mais tempo do que antes se imaginava, há pelo menos 7 milhões de anos. Isso levanta a curiosa hipótese de que os chimpanzés evoluíram por muito mais tempo após terem se “dissociado” de nosso galho evolutivo. Nesse sentido, é possível que muitas características dos chimpanzés sejam exclusivas deles, e nunca tenham estado realmente presentes em humanos arcaicos.

Mas a questão mais curiosa é que, além da bipedalidade ter se desenvolvido há muito mais tempo do que antes se imaginava (sabe-se também que ela ocorreu milhares de anos antes do aumento e evolução do cérebro humano), estudos da região onde Ardi foi encontrada comprovaram que, em sua época, há mais de 4 milhões de anos, aquela região da Etiópia era cercada por densas florestas! Isso significa que a ciência precisa arranjar uma nova e arrojada explicação para o motivo dos humanos arcaicos termos evoluído para a bipedalidade e os caninos menores, ainda milhares de anos antes de desenvolverem a cognição peculiar da mente do *homo sapiens*.

Uma das hipóteses que mais me agradaram foi a descrita no documentário *Ardi*, da *Discovery Channel*. Segundo essa teoria, o bipedalismo e a redução dos dentes caninos foi acompanhada das primeiras convenções sociais entre os caçadores-coletores. As fêmeas passaram a preferir machos menos agressivos, e passaram também a trocar sexo por comida, além de se comprometerem por mais tempo com a “educação” dos filhos. Isso favoreceu nos machos, e consequentemente em toda a espécie, o bipedalismo: assim poderiam se deslocar por distâncias maiores, e carregar oferendas (pequenos pedaços de comida, sejam frutos ou carne de animais abatidos) por sexo. A redução dos caninos talvez indicasse que os machos não precisavam mais competir agressivamente pelas fêmeas, e que a troca de carinho (sim, talvez pudéssemos usar esta palavra) era mais reconfortante e necessária, então, do que as lutas sangrentas pelo direito de copular com as fêmeas.

Será que isso faz sentido? Será que nossas convenções sociais, nossa organização em famílias de indivíduos, tem uma origem ancestral, bem mais antiga até do que nossa cognição avançada?

Hoje se sabe que o altruísmo é uma forma de evolução da espécie. Grupos de indivíduos capazes de colaborar entre si têm maiores chances de sobrevivência do que indivíduos solitários que caçam sozinhos. Sim, eles têm maior reserva de alimento, mas muito menos proteção contra outros predadores, e contra a própria solidão da vida selvagem... Caso possamos fazer uma associação entre o altruísmo e o que o homem moderno chama de amor, talvez o estudo científico da evolução humana nos traga lições muito mais profundas do que a mera compreensão do mecanismo pelo qual nossos corpos evoluíram. Talvez compreendamos que não foram apenas dentes que deixaram de ser pontiagudos, ou mãos que passaram a ser capazes de produzir ferramentas especializadas, mas antes a evolução social que potencializou nossas chances de sobrevivência, e nos tornou a espécie dominante deste planeta.

Talvez, as oferendas ancestrais de humanos arcaicos em troca de sexo, dando origem aos rudimentos do que hoje chamamos de

família, tenha sido o momento-chave que possibilitou toda a evolução seguinte. Afinal, a partir do momento que deixamos de rastejar junto ao solo, buscando comida e sobrevivência, e passamos a andar eretos, e a enxergar as estrelas no céu, e os olhos e a face de nossos semelhantes, possivelmente tenhamos passado a desenvolver o rudimento da consciência de nós mesmos, e do que afinal viemos fazer nesta terra.

REFLEXÕES SOBRE O SEXO

10.03.2010 ~ 06.04.2010

1. No mais elevado trono

O ato sexual ou relação sexual é a denominação geral dada à fase em que dois animais com reprodução sexuada, mais especificamente o ser humano, realizam a ação física de junção dos seus órgãos sexuais, originalmente para a transmissão do gameta masculino ao feminino. Contudo, nem sempre tem uma função reprodutiva.

Ao longo dos tempos o sexo tem sido tratado como um “assunto secundário” no pensamento filosófico. Talvez os antigos simplesmente não achassem o assunto digno das reflexões filosóficas, ou talvez os compiladores de seus ensinamentos tenham tido certo pudor em expor assuntos que normalmente escandalizam o ser social. Escandalizam, isto é, na medida em que dada sociedade é aberta ou fechada ao assunto.

A época medieval na Europa é particularmente lembrada por seu cuidado em relação ao assunto. Não que não praticassem sexo, mas é que evitavam falar abertamente sobre ele; até mesmo porque segundo a religião dominante da época o sexo deveria ser praticado apenas com fins de reprodução, e toda uma gama de pecados foram associados ao ato libidinoso. De forma que, em certos contextos, era preferível ser considerado um depravado moral do que um depravado

sexual – embora as duas classificações andassem de mãos dadas na maioria dos casos.

Michel de Montaigne viveu nessa época, e era um filósofo particularmente interessado nesse paradoxo. Ora, se todos fazem sexo, por que falamos tão pouco sobre ele, pelo menos abertamente ou em algum livro de filosofia? O pensador francês atribuiu em parte os problemas que enfrentamos com nosso corpo ao fato de eles não serem tema de uma discussão honesta entre pessoas educadas. A literatura e a pintura representativas não tendem a identificar a graça feminina com grande interesse por atividades sexuais, nem a autoridade com o fato de possuir esfíncteres e falos. Representações pictóricas de reis e damas não nos encorajam a imaginar que espíritos tão eminentes possam soltar gases intestinais ou copular. Montaigne recorreu a um francês belo e sem cerimônia para preencher essa lacuna nas artes:

Au plus eslevé throne du monde si ne sommes assis que sus nostre cul. Les Roys et les philosophes fientent, et les dames aussi.

(Mesmo no mais elevado trono do mundo, continuamos sentados sobre nossos cus. Os reis e os filósofos defecam, e as damas também.)

Essa falta de pudor para tratar de assunto tão natural, mas que por alguma razão é sempre resguardado em nome dos “bons costumes”, geralmente faz com que as pessoas associem tais palavras à mente de pessoas vulgares e ignorantes. Mas isso não parece ser verdade, Montaigne foi apenas o primeiro da série de grandes pensadores que passaram a falar abertamente sobre o sexo, até os nossos dias.

No *Gênesis* bíblico temos uma bela metáfora para a época em que os seres humanos passaram a ter vergonha da nudez alheia. Talvez sirva como uma boa explicação para a origem desse pudor, talvez a “descoberta do bem e do mal” tenha levado o homem a cobrir as partes íntimas e passar apenas a praticar o sexo, mas raramente falar abertamente sobre ele... Isso parece ligar o ato sexual a uma forma

obscura de nossa natureza, como se ele fosse algo sujo e pecaminoso, algo que não deveria ter tanta relevância na vida de seres racionais. Será mesmo?

Montaigne chegou a perambular por boa parte da Europa a cavalo, e em suas viagens descobriu que uma norma cultural bem aceita em determinado país ou cidade poderia ser diametralmente oposta à outra norma, centenas de quilômetros em alguma outra direção do velho continente. Isso despertou sua curiosidade para terras ainda mais distantes: teve acesso ao livro *Viagem a terra do Brasil*, onde Jean de Léry afirma, por exemplo, que na América do Sul as pessoas gostavam de comer aranhas, gafanhotos, formigas, lagartos e morcegos.

O filósofo, porém, ficou mais curioso com o lado sexual dos índios nativos. Afinal de contas, eles mal cobriam o corpo no calor tropical – era como se ainda não tivessem sido expulsos do Éden... Os homens tupis tinham permissão para desposar mais de uma mulher, e eram considerados maridos devotados a todas. Segundo Montaigne, “seu código de ética contém apenas dois artigos: demonstrar coragem em tempos de guerra e amar as esposas.” As esposas pareciam felizes com a poligamia e não se mostravam ciumentas. A única coisa realmente proibida em relação à vida sexual era a proibição em se dormir com um parente próximo.

Montaigne estava maravilhado:

“Uma característica interessante de sua vida sexual é digna de nota: nossas esposas mostram-se extremamente zelosas em reprimir o amor e a ternura que outras mulheres despertam em nós; já as esposas tupis são igualmente zelosas em arrebanhar outras mulheres para seus maridos. Mais preocupadas com a reputação deles do que com qualquer outra coisa, elas empenham-se em conseguir o maior número possível de ‘co-esposas’, já que uma ‘família’ grande reafirma o valor do marido.”

O filósofo não encontrou nada de particularmente anormal ou terrível no comportamento sexual desses índios, mas ele fazia parte da grande minoria. Logo depois da descoberta de Colombo, os colonizadores portugueses e espanhóis que vieram da Europa colonizar o novo mundo concluíram que esses nativos eram “pouco mais do que animais”. Um ministro calvinista afirmou que não possuíam nenhum senso moral. Um médico europeu, após examinar cinco nativas e perceber que não menstruavam, concluiu que “não pertenciam à raça humana”...

Não satisfeitos em despojá-los de sua humanidade, os espanhóis começaram a dizimá-los como animais. Por volta de 1534, 42 anos após a chegada de Colombo, os impérios inca e asteca haviam sido destruídos e seu povo escravizado ou assassinado. A hospitalidade inata dos nativos não comoveu os “seres morais do velho continente”: os colonizadores matavam crianças, rasgavam o ventre de mulheres grávidas, arrancavam olhos, queimavam vivas famílias inteiras e incendiavam aldeias à noite.

Montaigne gostava desta frase de Terêncio, um poeta cômico latino que viveu no segundo século a.C.:

Homo sum, humani a me nihil alienum puto.

(Sou homem; nada do que é humano me é estranho.)

Em nossa curta estadia neste planeta, temos erguido civilizações e sociedades das mais variadas culturas e formas de pensamento. Se é verdade que boa parte de nossas sociedades encontram enorme dificuldade em tratar do sexo, não é verdade que ele deva ser relegado a escuridão, como se o ser sexual fosse o maior depravado, o maior devasso.

É exatamente por escondermos o assunto que muitos de nós desenvolvem os mais variados transtornos psicológicos, e passam a agir de forma violenta, como animais que não sabem o que fazer com tamanha força e tamanho instinto trancafiado dentre regras e

mandamentos absolutamente hipócritas. Ora, quem foram os maiores depravados no novo mundo, os nativos que andavam seminus e eram polígamos, ou os “conquistadores” que viram nisso razão para os exterminar da maneira mais bruta e cruel possível?

Ao longo da história, o ser humano acreditou que, em sendo um animal racional, estava tão acima dos outros animais que não poderia mais praticar atos animais. Mas a força que move a vida não pode ser renegada e nem esquecida apenas porque manuais de verdade absoluta assim ditaram. Que o homem ainda está longe de deixar de lado o seu lado animal, e todo o sangue derramado no novo mundo, em pleno Renascimento, é um obscuro lembrete disso...

2. A força motriz

Assim como Montaigne, outro filósofo de renome que veio depois inquietou-se com o “pudor filosófico” em relação ao sexo. Arthur Schopenhauer era particularmente perplexo com o poder que a atração sexual exercia na vida de qualquer pessoa de sua época, do mais humilde e ignorante ao mais nobre e educado:

“O amor [...] interrompe a cada momento o mais sério dos trabalhos e algumas vezes deixa perplexos, mesmo que por alguns instantes, os cérebros mais geniais. Ele não hesita [...] em interferir nos negócios do estadista e nas investigações do intelectual. Ele sempre encontra meios furtivos de introduzir seus bilhetes apaixonados e cachos de cabelos do ser amado até mesmo nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos... Ocasionalmente, exige o sacrifício da saúde, dos bens, da posição social ou da felicidade.” [15]

Por que afinal o homem, o mais racional dos animais, insistia em comportar-se, de tempos em tempos, como um animal no cio? Como pôde a razão, a divina razão, permitir tal irracionalidade – como sabemos, mesmo nas instituições mais sacras? O filósofo alemão

encontrou uma resposta surpreendentemente atual, considerando-se a sua época (1788-1860):

“Por que uma ninharia como essa exerce papel tão importante [...]? Não devemos nos deter em pormenores insignificantes; ao contrário, a relevância deste assunto está em plena harmonia com a sinceridade e o empenho que lhe dedicamos. Toda relação amorosa tem um objetivo primordial [...] que, na verdade, se sobrepõe a qualquer outro projeto humano. É, portanto, digna de ser encarada com profunda seriedade.

O que caracteriza este objetivo é nada menos que a criação da próxima geração [...]; a existência e organização específica da raça humana no futuro.”

Antecipando o que a genética evolutiva viria a confirmar posteriormente, Schopenhauer teorizou que era a própria força motriz da vida, da perpetuação da espécie, que influenciava a razão dos homens mais sensatos, através de um inconsciente que tinha os seus próprios planos. Mas em sua imaginação, foi mais além, afirmando que esta vontade inconsciente tentava estabelecer uma harmonia entre as características físicas e mentais de homens e mulheres:

“Todos desejam, por intermédio de seu par, eliminar suas próprias fraquezas, defeitos e desvios do padrão, para que não sejam perpetuados ou transformados em completa anormalidade no filho que será gerado.”

Pela lógica peculiar do filósofo do amor, um homem de queixo e nariz protuberantes iria se sentir atraído – ainda que de forma inconsciente – por uma mulher de face delicada e nariz pequeno. Da mesma forma, um homem tímido e pacato se interessaria por uma mulher extrovertida e neurótica. Assim a força da vida tendia para

uma harmonia de características, e os opostos deveriam se atrair, ainda que sem saber...

Por isso Schopenhauer foi mais um a decretar a separação entre o casamento e a felicidade: pares de características opostas estavam fadados a um relacionamento tempestuoso. Porém, toda a desarmonia que é a causa da infelicidade de sua relação é compensada pela harmonia de características de sua prole. Segundo esta curiosa teoria, a vida não estaria mais interessada na felicidade e no “amor eterno” do casal do que na garantia da reprodução e uma prole harmônica e “balanceada”.

Interessante notar as similaridades desta filosofia com as ideias defendidas por Richard Dawkins em seu célebre *O gene egoísta*, e mesmo com as teorias controversas da psicologia evolutiva. Seriam os genes espécies de homúnculos capazes de controlar nossa vontade – senão pelo inconsciente, ao menos pelos instintos sexuais?

Não é preciso tornar a ciência mística, nem recorrer a ideias sedutoras da filosofia para explicar tal problema... Ora, é certo que muitos de nós cedem facilmente aos instintos e a atração sexual, mas serão todos? E seria a explicação do desejo da perpetuação da espécie válida para todos os casos, mesmo os de relações homossexuais? O que dizer então dos seres assexuados, seriam eles abençoados ou amaldiçoados?

Schopenhauer não conseguia vislumbrar na força motriz da vida mais do que uma espécie de escravidão dos sentidos:

“A vida da maioria dos insetos não passa de um esforço incessante de preparar a alimentação e a moradia da futura prole, que sairá de seus ovos. Depois de ter consumido o alimento e ter passado para o estágio de crisálida, a prole começa uma existência cuja finalidade é cumprir novamente, e desde o princípio, a mesma tarefa [...]; não podemos deixar de indagar qual o resultado de tudo isso [...]; não há nada a revelar, apenas a satisfação da fome e do instinto sexual e [...] uma pequena recompensa momentânea [...], ocasional, entre necessidades e esforços infundáveis.”

Tivesse este amável pensador lidado com a vida de uma forma um pouco mais realista, e não pessimista, talvez tivesse repensado sua teoria. Não é que Schopenhauer – ou mesmo a genética – estivessem errados; obviamente a razão cambaleia ante os instintos sexuais em quase todos nós, a força motriz que impele todos os seres adiante neste sistema-natureza tem uma função muito específica, que somente na era moderna pôde ser vislumbrado em toda a sua grandeza: não apenas proliferar a vida, não apenas sobreviver, mas evoluir!

Toda vida se auto-organiza, constrói a si mesma e se melhora através de mecanismos belíssimos, que segundo Charles Darwin “tendem a perfeição”. Mas a vida não é só um *mecanismo*, ela também é um *sentido*. E seres conscientes, aqueles que descobriram os “mistérios do bem e do mal” e foram expulsos do Éden, parecem sim ser perfeitamente capazes de, senão racionalizar, ao menos compreender o sentido por trás desta força que nos impele sempre à frente.

Nem todos são ou foram escravos dessa vontade inconsciente, deste mítico “gene egoísta”: há que se lembrar dos santos (os verdadeiros, como São Francisco de Assis), dos grandes artistas (como Da Vinci, que trabalhou tanto que não parece ter tido tempo para o sexo) ou mesmo dos grandes cientistas (que ao invés da arte pictórica, dedicaram-se a arte dos números). E ainda que se diga que estes foram muito raros, certamente não poderemos dizer o mesmo dos assexuados e muito menos dos homossexuais, que certamente não pretendem proliferar a espécie (pelo menos, não fisicamente).

Eis que a força motriz da vida, o inconsciente sexual de Schopenhauer, o “gene egoísta” de Dawkins, nada mais são do que representações de uma espécie de “energia da vontade”. Quando deixada sem controle (como a respiração inconsciente), vem bater as portas da razão de tempos em tempos, causando um caos orquestrado que objetiva a proliferação da vida física.

Entretanto, quando bem compreendida e vivenciada, quando pode ser experienciada como a respiração consciente da meditação

transcendental, tal energia da vontade pode ser – senão exatamente controlada – ao menos redirecionada para objetivos diversos. Alguns diriam até, objetivos mais elevados, se esta fosse uma questão de simples julgamento.

A vontade com que Einstein buscou os pensamentos divinos, a vontade com que Da Vinci pintou e criou, a vontade com que São Francisco de Assis entregou-se a uma vida de caridade... Todas essas vontades (toda essa energia) foram de tal forma redirecionadas para um objetivo elevado, que certamente poderemos dizer que nesses casos as “interrupções irracionais” da atração sexual praticamente inexistiram [16].

Eis que alguns seres tiveram mais o que fazer desta vida; não apenas sobreviver, mas viver – e evoluir, passo a passo, sempre à frente...

SEM DEUS, TUDO É PERMITIDO?

17.05.2012

O jainismo é uma das mais antigas e rigorosas doutrinas religiosas de nossa história. As histórias que falam em monges jainistas retirando pequenas larvas do solo antes de cavá-lo para plantar, de modo a não causar dano sequer aos menores seres visíveis da natureza, são, acreditem, bem mais reais do que anedóticas. Apesar de seu ascetismo extremo, e sua busca constante pela não violência, é perfeitamente possível ser um jainista sem crer em Deus ou quaisquer deuses.

Alguns defensores da ética religiosa afirmam que sem o devido temor a Deus, e/ou a promessa de um céu eterno, não haveria razão para que os homens fossem éticos e amorosos uns com os outros. O humanismo, pelo contrário, em todas as suas vertentes coloca o respeito ao próximo, e a sua liberdade de pensamento e ação, como a ética mais elevada e que, por si só, é sua própria recompensa, já que num sistema onde todos são humanistas, um céu eterno talvez nem fosse mais necessário – já estaria instaurado na própria Terra.

Mas, será que o humanismo e o jainismo são quase utopias, sistemas por demais rigorosos para que todos os seres humanos um dia se incluam neles? Ainda há espaço para ser otimista ante um mundo em intenso conflito, ou a intolerância, em todas as suas mais nefastas manifestações, tem vencido a batalha? Em suma: se Deus não existe, tudo é permitido? [17]

Esta pergunta foi feita a um ocultista e a um cético, e esses foram os meus comentários acerca do assunto:

Estamos mais acostumados a presenciar casos de preconceito dos religiosos para com os ateus. Normalmente as explicações incluem “ora, mas ele não tem Deus no coração” e coisas do tipo; acho que todos aqui já sabem do que estou falando...

Pois bem, comigo ocorreu algo como o oposto disso, de certa forma: nos últimos meses eu tive a felicidade de ler o mais novo livro do filósofo suíço Alain de Botton, *Religião para ateus* [18]. Ora, eu sempre adorei os livros de Botton, e nunca me preocupei em saber se ele era ou não ateu...

Da mesma forma, nunca me preocupei em saber se o funcionário de uma livraria que frequento era ou não ateu. Ele sempre me atendeu bem, mas era impossível não notar a forma meio “distante” com a qual ele lidava comigo, particularmente quanto estava folheando livros das estantes de espiritismo e ocultismo. Eu pensava que ele era evangélico ou coisa do tipo, sabe como é: nós espiritualistas estamos mais do que acostumados com esse tipo de preconceito. Normal.

Pois é, tal funcionário por acaso era agnóstico, e seu “distanciamento” não tinha nada a ver com o preconceito por eu ser espiritualista, mas sim por uma pura pressuposição de que era eu quem devia ter preconceito para com ele... Engraçado como são as relações humanas: bastaram cinco minutos de conversa sobre o livro de Botton, e ambos percebemos que nenhum dos dois tinha a menor necessidade de “temer” o preconceito do outro.

Na verdade, nenhum dos dois tinha preconceito algum, pelo contrário: tinham certo cuidado, certo “distanciamento”, exatamente por considerar a possibilidade do outro ser preconceituoso. Cinco minutos de conversa: quem dera fosse tão simples resolver o preconceito do mundo assim...

O problema é que a maior parte das pessoas infelizmente não costuma frequentar muito a livraria, elas preferem que alguma autoridade leia os livros para elas, e resuma o que achou. Mas livros são apenas conjuntos de palavras, o que importa é o que conseguem fazer com aqueles que os leem. Livros não mudam o mundo, as pessoas que os leem é que mudam o mundo.

Você pode achar que um espiritualista ou ocultista não tem muito sobre o que conversar com um cientista ou cético. Pior ainda seria ambos dialogarem sobre Deus: “perda de tempo total”... Se este é o seu pensamento sobre a questão, permita-me trazer-lhe aqui um diálogo meu com um amigo que foi professor universitário de física e matemática (hoje está aposentado, mas é vice-diretor de um colégio de Viçosa/MG). Este amigo se auto intitula “livre pensador, cético, racionalista, humanista, estóico, epicurista, anarquista e ateuista” – você acha que eu não teria nada a falar com ele sobre Deus?

O diálogo começou quando eu comentei sobre um post seu numa rede social. No post ele mostrava parte da resposta para uma pergunta de uma provável jovem estudante:

“Acho que estou apaixonada de novo, o quão estou fodida?”

Para essa pergunta, tão corriqueira da juventude (com *fodida* e tudo), meu amigo me trouxe uma belíssima resposta do qual destaco apenas um trecho:

“Você ganhou o prêmio de estar experimentando a sensação mais maravilhosa que a vida pode propiciar. Você já está no céu sem ter morrido. O resto não importa.”

Foi a partir daí que comecei a dialogar com meu amigo, que vou chamar aqui de Wolf:

Raph – Se Deus for o nosso amor, não será preciso esperar a morte para chegar ao céu, nem temer inferno algum.

Wolf – O amor a Deus é um amor platônico. O amor completo, além dos aspectos *agape* e *philia*, também envolve o *eros*, que, em geral, não se devota a Deus. Além disso, o amor a Deus não é sensivelmente correspondido. Você pode ter a inteligência de que Deus o ama, mas você não tem essa sensação, como você pode ter do amor de outra pessoa. Assim, o céu que o amor de Deus pode propiciar é um céu intelectual. O céu que uma paixão amorosa humana propicia, além de intelectual, é também sensorial.

Raph – Pois é eu quis dizer literalmente isso: *se Deus for o nosso amor, se tudo o que associamos ao amor, ao amor puro, mesmo que sexual, seja Deus*. É mais um jogo de palavras, cada um entende a palavra “Deus” do seu modo, para o bem ou para o mal (poderia dizer, talvez, “se o Sagrado for nosso amor”)... Mas eu toquei nisso porque achei bonito o que disse: “Você já está no céu sem ter morrido”.

Wolf – Sim, se considerarmos que Deus significa, simplesmente, “amor”, então quem está apaixonado está com Deus no coração. Nesse caso, Deus não é um ser. Essa é uma concepção que me agrada. Quando alguém diz “fica com Deus” ou “vai com Deus”, está dizendo “fica com amor” ou “vai com amor”. Realmente, é disso que a humanidade precisa. Para tal vale ler o *Tao Te Ching* de Lao Tsé.

Raph – Exato, quem sabe o Tao não seja o Amor: Deus em movimento... Mas vamos aprofundar um pouco mais: quem sabe se o motivo de tantos terem medo de se apaixonar não tenha algo a ver com esse entendimento de Deus como agente de barganha: “eu Te amo, Pai, e em troca ganho isto ou aquilo” (por ex.: “a salvação”).

Nas relações amorosas, às vezes as pessoas parecem pensar assim, só que quando percebem que nem sempre recebem “amor de volta”, ficam com medo de amar. Mas, se o amor for sua própria recompensa, não deveriam se preocupar com barganhas, mas simplesmente com o exercício do amor.

Lao Tsé não espera nada em troca, o simples fato de refletir sobre o Tao o faz feliz. É como contemplar as estrelas: ninguém espera uma estrela cadente de presente, para guardar em casa – apenas as admira.

Wolf – Gosto dessa linha. A questão é a seguinte: o esquema da natureza fez com que a vida tenha surgido e, para que ela continue, desenvolveu-se o sexo, do qual o amor, qualquer amor, é uma sublimação. Então o amor é, assim considerando, o supremo objetivo da natureza. Ele é o caminho para que o esquema funcione e a evolução progrida, pois não há evolução sem reprodução.

Note que não falo “projeto” e sim “esquema”, pois não há plano nenhum nisso, por parte de ninguém. É o que aconteceu de acontecer. E se o que podemos chamar de “Deus” seja, simplesmente, uma personalização abstrata desse esquema, como o concebia Einstein e Espinosa, que não viam em Deus uma pessoa, e, nem mesmo um ser, então crer em Deus e amá-lo nada mais é do que se amoldar a esse esquema.

Como portadores do livre arbítrio, que nos retirou, em parte, do esquema cego e nos concedeu a liberdade de escolha, podemos escolher a salvação, que é, justamente, aderir ao amor, ou a perdição, que é negá-lo. Esse tipo de exegese eu aceito.

Claro que isso não quer dizer que estamos totalmente de acordo acerca do que seja Deus, ou o Amor, mas pelo menos deixou de haver este “distanciamento”, este “deus-barreira”, entre nós. Mas, talvez ainda falte uma explicação mais profunda acerca do que quero dizer aqui:

Se Deus é pensado como um Ser, ou apenas como um Ser, racionalmente e intuitivamente chegaremos a dilemas sem volta, a paradoxos irreconciliáveis, e invariavelmente dia chegaremos numa certa descrença. Mas, então, será o início, e não o fim... Pois quando finalmente percebermos que Deus é Substância, a Substância que não pode criar a si mesma [19], o Uno que formou tudo o que há através do Movimento, então teremos a genuína experiência de estarmos encharcados por seu Oceano onde quer que cheguemos, em todos os momentos da existência...

Então começaremos a compreender que todos somos parte dele, e todos estamos conectados numa longa teia de luz. E saberemos que é o Amor, só o Amor, a essência de seu Movimento. Então passaremos a amar, pelo prazer de amar, pois o Amor é sua própria recompensa, e quanto mais arde em nossa alma, mais combustível há para que o fogo cresça ainda mais, cada vez mais...

E não teremos nada pelo que crer ou descreer, nem nada a temer. Teremos dado o primeiro passo no caminho, e depois do primeiro já saberemos que a época da escuridão da alma ficou para trás. Será o início da vida, e o fim da sobrevivência.

Mas nada disso se aprende lendo palavras – o Amor não é uma palavra, tampouco Deus.

Se esse conhecimento pudesse ser obtido simplesmente pelo que dizem outros homens, não seria necessário entregar-se a tanto trabalho e esforço, e ninguém se sacrificaria tanto nessa busca. Alguém vai à beira do mar e só vê água salgada, tubarões e peixes. Ele diz, “Onde está essa pérola de que falam? Talvez não haja pérola alguma”.

*Como seria possível obter a pérola simplesmente olhando o mar?
Mesmo que tivesse de esvaziar o mar cem mil vezes com uma taça, a
pérola jamais seria encontrada.*

É preciso um mergulhador para encontrá-la...

[...]

*Vem,
Te direi em segredo
Aonde leva esta dança.*

*Vê como as partículas do ar
E os grãos de areia do deserto
Giram desnorteados.*

*Cada átomo
Feliz ou miserável,
Gira apaixonado
Em torno do sol.*

(Jalal ud-Din Rumi)

A AURORA DE MALÉVOLA

16.06.2014

Recentemente assisti ao filme *Malévola* (*Maleficent*), da Disney, com Angelina Jolie no papel principal, que se trata de uma releitura de um antigo conto de fadas que também já havia sido transposto ao cinema pela própria Disney há décadas atrás.

A versão mais conhecida do conto é a dos Irmãos Grimm, publicada em 1812, na obra *Contos de Grimm*, sob o título *A Bela Adormecida* (*Dornröschen*). No entanto, como de costume, os Grimm se basearam em mitos ainda mais antigos para compor sua

obra, de modo que podemos rastrear sua inspiração até o original *La bella addormentata nel bosco* (*A Bela Adormecida no Bosque*), do italiano Giambattista Basile (1566-1632), assim como o *La Belle au bois dormant*, do francês Charles Perrault (1628-1703), que já na época fazia sua própria releitura do anterior.

Há muitas análises simbólicas sobre os contos originais, mas meu objetivo aqui não é me ater ao passado, mas sim celebrar esta releitura atual, fruto da parceria da roteirista Linda Woolverton com o diretor Robert Stromberg. A seguir analisarei o filme com a minha interpretação da sua mitologia ainda presente, e embora os meus comentários tratem de assuntos que vão além da visão superficial da história, é inevitável que eu traga aqui alguns *spoilers*, de modo que recomendo que vejam ao filme *antes* de lerem o restante deste artigo...

A fada criança

No início do filme vemos uma fada Malévola muito diferente da bruxa má que aparece de repente nos contos antigos. De cara, já fica óbvio que a história tratará de explicar os acontecimentos ocorridos muito antes do início dos contos.

Aqui vemos uma menina inocente e brincalhona, que gosta de voar pela terra das fadas, brincar de guerra de lama com os duendes e, de vez em quando, subir até o alto do céu para tomar um banho de sol. Alguns desavisados podem achar que os seus enormes chifres, por si só, fazem dela um “ser maléfico”, mas é preciso estar atento para o fato de que, em muitas mitologias pagãs, os chifres estarem associados a sabedoria, e não a maldade.

Em todo caso, não poderíamos dizer que esta fada era muito sábia. Ela acaba encontrando um garoto larápio que havia adentrado a floresta encantada em busca de pedras preciosas, mas consegue convencê-lo a devolver o que havia roubado e, eventualmente, se afeiçoa a ele. A princípio a amizade dos dois é pura e verdadeira, mas eventualmente o mundo externo acaba seduzindo mais ao larápio do que sua amiga fada, e ele abandona a amizade.

Com o tempo ficamos sabendo que no mundo externo também existe um rei bem velho que não se conforma com o fato de não poder conquistar as terras das fadas. Durante o filme, este rei eventualmente perde uma batalha para uma Malévola crescida e jura se vingar...

Até mesmo crescida, entretanto, Malévola ainda não parece se dar conta da maldade que existe no mundo externo. Esta parte do filme tem algum paralelo com o mito do Éden, assim como com a época infantil.

Assim como Adão e Eva, as crianças são naturalmente boas, simplesmente pelo fato de ainda não terem conhecido o mal. Uma vez comida a maçã, uma vez atingida a adolescência e, principalmente, o despertar da sexualidade, todos passamos a conhecer tanto o bem quanto o mal, e todos passamos a, efetivamente, fazer nossas próprias escolhas internas sobre qual o caminho a seguir. Acredito que o restante do filme fale essencialmente sobre isto.

A inocência perdida

No decorrer do filme, o velho rei decreta: “Aquele que matar Malévola será o herdeiro do meu trono”. Aqui, vemos o garoto larápio já crescido, um reles serviçal do rei, porém muito ambicioso. Ele elabora um plano ardiloso.

O larápio retorna a floresta das fadas e, mesmo após muitos anos sem ver Malévola, ela acaba voando ao seu encontro ao ouvir seus chamados. Ele a seduz e diz querer reatar a amizade de outrora. Malévola, a criança crescida, aceita prontamente.

Então transcorre a cena mais impactante do filme, que é uma óbvia analogia a uma violência sexual, mas por contra de ser um filme para crianças, transcorre de maneira inteiramente simbólica. O larápio dá um sonífero para Malévola beber e, enquanto ela esta dormindo de bruços na relva, vemos sua tentativa de esfaqueá-la... No último momento, ele reluta, pois ainda há uma chama, quem sabe, de amor verdadeiro, que embora quase apagada, ainda o faz pensar noutra

solução: cortar suas asas para levar ao velho rei como “prova” do assassinato.

Ao acordar sem suas asas, e sem seu suposto amigo, Malévola prontamente compreende o ocorrido, e grita de tristeza. Sim, fica muito claro que é tristeza, uma profunda tristeza, o que ela sente ao perceber que foi não somente ludibriada por seu “amigo”, mas que também foi profundamente violentada por ele. Sem suas asas, ela não poderia mais escapar de vez em quando da terra para ver o sol nas alturas – ela caiu, definitivamente, do Éden; será que um dia conseguirá retornar?

A terrível maldição

Passam-se os anos e o garoto acaba mesmo se tornando um rei, que eu devo chamar de rei larápio. Ele se casa com alguma princesa (que não tem muita importância no contexto da história) e eles acabam tendo uma filha. É precisamente na festa do batizado desta filha, Aurora, que Malévola reaparece e chegamos, finalmente, ao início dos contos originais.

Malévola, que não havia sido convidada para a celebração, vai até lá por conta do ódio que nutriu, por anos, em seu coração (a tristeza não devidamente tratada). Chagando lá ela profere uma “terrível maldição que não poderia ser quebrada por nenhum poder do mundo”. A princípio, seu intuito era o de fazer Aurora dormir para sempre após completar 16 anos, ao espetar seu dedo na ponta de um fuso de tear; porém, como o rei larápio suplica de joelhos, ela “suaviza” a maldição e diz, “Mas se alguém lhe der um beijo de amor verdadeiro, ela acordará”.

Ocorre que, naquela altura, nem Malévola nem o rei acreditavam que o amor verdadeiro existia, de modo que o rei passa a crer que a maldição seria inevitável se ele não desse cabo de todos os teares do reino, e mandasse seu bebê para ser cuidado por três fadas “bondosas” em algum local secreto. Aurora é então levada para a própria terra das fadas, onde é criada pelas “tias fadas” num casebre em meio à floresta, enquanto o rei larápio fica cada vez mais paranoico com o

passar dos anos, passando até a “conversar” com as asas arrancadas de malévola, que decoram o seu salão, como se ela estivesse ali (e, como veremos, de certa forma, uma parte dela estava mesmo).

No início da criação de Aurora, nos surpreendemos ao perceber que Malévola, apesar de a odiar profundamente, acaba por cuidar para que não lhe falte alimentação, e envia o seu corvo serviçal para auxiliar no possível, onde as “tias fadas”, que não tinham lá muita experiência em cuidar de bebês humanos, falhavam [20]... Na sequência do filme ficamos na dúvida se o que Malévola sente por Aurora é mesmo ódio, ou amor; raiva, ou medo!

Face a face

O período em que Aurora cresce em meio a floresta encantada, sendo cuidada, de forma oculta, por Malévola e seu corvo fiel, é na minha opinião o ponto alto do filme. Elas chegam a se encontrar quando Aurora ainda é criança, mas é na cena em que Malévola se revela para Aurora, ainda que de forma relutante, que chegamos a um dos grandes momentos da história.

Malévola está escondida nas sombras dentre as árvores, enquanto Aurora está sob a luz que penetra mesmo naquele canto sombrio da floresta. Lembremos aqui que a própria floresta vai se tornando sombria na medida em que Malévola, sem suas asas e nutrindo o seu ódio pelo rei larápio, vai se tornando mais e mais reclusa. Ora, a única coisa que impede que Malévola se torne definitivamente a bruxa má, e deixe de ser uma fada, é a presença de Aurora, a quem ela chama de “peste” mas, ainda assim, nutre uma afeição crescente e verdadeira.

Neste encontro entre as duas, Malévola supõe que seria Aurora quem teria medo dela, mas é Aurora quem indaga se Malévola tinha receio em se revelar, e em seguida diz, “Eu sei quem é você, você é a sombra que sempre esteve por perto, cuidando de mim, você é a minha fada madrinha”. Para compreender a profundidade deste encontro, devemos lembrar do que dizia Joseph Campbell, grande estudioso de mitologia do século XX:

“Há uma velha história que ainda é válida. A história da busca. Da busca espiritual... Que serve para encontrar aquela coisa interior que você basicamente é. Todos os símbolos da mitologia se referem a você. Você enfrentou o seu monstro interior? Você renasceu? Você morreu para a sua natureza animal e voltou à vida como uma encarnação humana?” [trecho de *O poder do mito*]

Ora, sob este ponto de vista podemos notar que Aurora assume um papel duplo na história. Enquanto numa camada mais superficial ela continua sendo a Bela Adormecida, numa camada mais profunda desta releitura do mito, ela é a própria Malévola; ou melhor, ela é a essência mais pura, a alma de fada de Malévola, enquanto que a bruxa má é a sombra ressentida, a carcaça do ego que se afundou no ódio ao mundo que a violentou.

E por que Malévola tinha ao mesmo tempo, tanto amor e tanta raiva de Aurora, tanto ódio e tanto medo? Para compreender, nada melhor do que ouvir as palavras do grande Alan Moore, ocultista e roteirista de quadrinhos britânico:

“Muitos dos magos como eu entendem que a tradição mágica ocidental é uma busca do Eu com ‘E’ maiúsculo. Esse conhecimento vem da Grande Obra, do ouro que os alquimistas buscavam, a busca da Vontade, da Alma, a coisa que temos dentro que está por trás do intelecto, do corpo e dos sonhos. Nosso dínamo interior, se preferir assim. Agora, esta é, particularmente, a coisa mais importante que podemos obter: o conhecimento do verdadeiro Eu.

Assim, parece haver uma quantidade assustadora de pessoas que não apenas têm urgência por ignorar seu Eu, mas que também parecem ter a urgência por obliterarem-se a si próprias. Isto é horrível, mas ao menos vocês podem entender o desejo de simplesmente desaparecer, com essa consciência, porque é muita responsabilidade realmente possuir tal coisa como uma alma, algo tão precioso. O que acontece se a quebra? O que acontece se a perde? Não seria melhor anestesiá-la, acalmá-la, destruí-la, para não viver

com a dor de lutar por ela e tentar mantê-la pura?” [trecho de *The mindscape of Alan Moore*]

Creio que isto explica muito bem todo o medo que Malévola tinha de encarar sua alma, sua aurora, face a face. Mas este é o tortuoso caminho que todos nós temos de percorrer, sejamos fadas, duendes ou seres humanos, pois que é somente ao nos reconciliarmos com nossa essência mais íntima que poderemos enfim transformar o mundo – primeiro dentro de nós, e em seguida, também lá fora.

Voltando a história...

A história do filme prossegue, e Aurora está prestes a completar 16 anos e sucumbir a terrível maldição, quando encontra um cavaleiro que passava pela floresta encantada, perdido e procurando o caminho para o castelo do rei larápio.

Aurora, que nunca havia saído da floresta, mesmo assim aponta o caminho correto, e os dois combinam de um dia se reencontrar... É preciso lembrar que este jovem cavaleiro é o único ser humano (não faérico) além de Aurora a perambular pela terra das fadas. Como ele poderia estar lá, se não fosse por se tratar de uma alma pura, como a própria Aurora?

Neste momento fica subentendido que seria este jovem aquele quem daria o “beijo de amor verdadeiro” para livrar Aurora da maldição, mas esta releitura do mito transcorrerá de forma bem mais interessante...

A fuga de Aurora

Por um descuido das “tias fadas”, Aurora acaba sabendo que, na realidade, era filha do rei larápio. Nesta altura, o desejo dela era morar “para sempre” na floresta encantada, então ela vai encontrar mais uma vez com Malévola, quando acaba descobrindo que ela era quem havia proferido a terrível maldição que selaria o seu destino. Aurora e Malévola brigam e a jovem foge para as terras do rei larápio, buscando se apresentar como sua filha.

É preciso lembrar que antes desta briga Malévola chega a tentar desfazer a sua maldição. Porém, como ela “não poderia ser desfeita por nenhum poder na terra, além do beijo de amor verdadeiro”, ela acaba falhando.

Ao encontrar sua filha, o rei larápio, já paranoico e extremamente insensível, apenas manda que a deixem trancada nalguma torre do castelo. Ele planeja atacar a floresta encantada com todo o seu exército.

Enquanto isso, o jovem cavaleiro acaba retomando a terra de Malévola, em busca de Aurora. Ao se aperceber disso, o corvo de Malévola a convence a tentar levar o rapaz até o castelo, para desfazer a maldição com o seu aguardado beijo. Prontamente, Malévola faz o rapaz dormir com um feitiço e começa a jornada até o castelo do rei.

O misterioso amor verdadeiro

Pouco antes de adentrarem o castelo, Malévola sente que a maldição profetizada havia se consumado: Aurora havia encontrado “todos os teares do reino” escondidos nos calabouços do castelo e, quase que hipnotizada pela maldição, espeta seu dedo num fuso e cai em seu sono infundável. Esta cena demonstra a inevitabilidade do seu destino, o que é muito comum em se tratando de contos de fadas.

Então chegamos a outra cena grandiosa do filme. Malévola consegue adentrar sorrateira, com o corvo e o jovem cavaleiro em seu sono enfeitiçado, aos aposentos onde se encontra a Bela Adormecida em seu sono sepulcral. A seguir, Malévola e o corvo se escondem num canto e ela desfaz o feitiço, permitindo que o jovem acordasse bem em frente ao leito de Aurora.

No entanto o jovem, muito sabiamente, pergunta se “não seria errado beijar uma jovem em seu sono”... Mas uma das “tias fadas”, que “velavam” a Bela Adormecida, diz algo como, “Vai, pode beijar!”, e o cavaleiro arrisca o seu beijo de amor verdadeiro. E não ocorre absolutamente nada!

Malévola aparece e faz o rapaz dormir novamente, então lamenta profundamente que a sua própria maldição não possa ser desfeita,

visto que, como ela imaginava, “não existe o amor verdadeiro”. Ela dá então um beijo na testa da Bela Adormecida e, quando já se preparava para ir embora, Aurora desperta e diz, “Oi, fada madrinha”.

Quão misterioso é, afinal, o amor verdadeiro! Não algo que pode surgir do nada, de um encontro casual entre dois jovens, por mais puros que sejam; não algo que surja a primeira vista, mas algo que pulsa e pulsa, em nosso interior mais íntimo, nos recônditos da eternidade!

Reencontrar o amor verdadeiro faz com que Malévola se reconcilie com sua alma e com seu passado, e deixe definitivamente de ser a bruxa má, para voltar a ser a fada. Agora, não mais uma fada inocente e inexperiente, mas uma fada que viu o quão grosseiro pode ser o mundo fora de sua floresta encantada, e que ainda assim consegue manter a conexão com a sua essência eterna.

O retorno das asas

Na sequencia da história, enquanto tentavam fugir do castelo sem serem vistas, Malévola é pega numa armadilha com uma rede de ferro (o contato com o ferro fere gravemente as fadas – a alquimia explica), e então precisa combater o rei larápio e os seus guardas.

A batalha ia muito mal para Malévola (mesmo com seu corvo transformado num assombroso dragão), mas é então que Aurora, em sua fuga da batalha, acaba encontrando as asas trancafiadas de Malévola. Ela derruba a caixa de vidro onde elas estavam, e elas saem voando em direção a Malévola, unindo-se novamente ao seu corpo.

A essa altura já deve ter ficado clara a simbologia de toda a cena: as asas retornam quando Malévola consegue se reconciliar com sua essência, e transformar o seu ódio novamente em amor pelo mundo. Mas ainda faltava o rei larápio...

Ao tentar fugir voando, o antigo amigo de Malévola consegue se engalfinhar em suas pernas com o auxílio de uma arma de corrente, e os dois acabam lutando no topo de uma das torres do castelo. Em

dado momento, Malévola poderia o ter enforcado até a morte; mas ela desiste, e diz, “Acabou!”.

De fato, para ela havia acabado o ódio, ela finalmente o havia perdoado. Perdoar não significa relevar o ocorrido, nem exatamente esquecer, mas reconhecer que o ódio e o ressentimento são apenas represas para o amor, e o amor, o amor verdadeiro, uma vez encontrado, deseja romper todas as represas, deseja inundar o mundo todo... Não há ressentimento que resista a tamanho milagre!

Infelizmente não foi a conclusão a qual o rei larápio chegou... Tentando atingi-la por trás, ele acaba caindo da torre e morrendo.

Depois, no final do filme, ficamos sabendo que Aurora e o jovem cavaleiro iriam se casar, e que a floresta encantada voltara a ser como era antes, na infância de Malévola. E assim, *todos viveram felizes para sempre...*

Joseph Campbell também dizia que “o mito é algo que não existe, mas que existe sempre”. Os mitos são, afinal, os fatos da alma e da mente humana encenados no mundo externo. Por isso são atemporais, pois os assuntos da alma residem na eternidade, e embora não existam na realidade mundana, existem na realidade da imaginação. A única forma de viver *feliz para sempre* é viver neste caminho que leva a nossa essência mais íntima, a nossa aurora.

O HOMEM QUE ESQUECIA

06.07.2010

Um conto sobre os observadores do céu...

Oliver apaixonara-se pelas estrelas ainda criança, aproveitando muitas de suas horas noturnas para brincar com a imaginação, valendo-se não de soldados de plástico ou animações de pixels, mas da luz das estrelas sobre o pálido céu noturno e soturno de sua pequena cidade no interior.

Seus pais lhe ensinaram que as estrelas não eram deuses, e sim gigantescas fornalhas cósmicas. Mesmo assim, o garoto lia muitas histórias em quadrinhos, e imaginava que algumas das estrelas cintilavam de forma diferente das outras... “Será que são alienígenas nos enviando alguma mensagem? Será que alguém está nos chamando para viajar até lá?” – como nenhum adulto considerava seriamente suas questões, terminou por admitir: “Bem, são só estrelas mesmo”.

Quando decidiu o que apostar no vestibular, já sabia das histórias de Kepler, Galileu, Newton e Einstein. Já havia se apoiado em ombros de gigantes e vislumbrado com sua vasta imaginação toda a longa trilha da luz – desde os primeiros minutos do Cosmos até alcançar o mesmo céu que observara por tantas horas de tantas noites em sua pequena luneta. Oliver queria ser astrônomo. Seus pais afirmavam que era por amor a ciência, mas ele sabia que no fundo queria mesmo era ter acesso a lunetas maiores, cada vez maiores...

Oliver quase se arrependeu quando percebeu que tinha de estudar muito mais do que seus colegas economistas e advogados, para ganhar muito menos. “Que importa, mesmo que fosse milionário não poderia comprar um observatório inteiro só para mim...” – esse pensamento costumava amenizar seu rancor em relação ao assunto.

Durante a faculdade conheceu uma bióloga que se chamava Maria. Quando a pediu em namoro, em um parque da capital, apontou para o céu noturno e disse: “Eu sou Rigel, porque sempre

gostei desse sol da constelação de Órion; e você é aquela ali, Maria, logo ao meu lado”. Porém, para sua surpresa, Maria respondeu: “Ei, mas ali são as Três Marias, assim vou ficar com ciúmes das outras duas!”.

“Não se preocupe, é que as outras duas são nossas filhas: Maria Cristina e Maria Luísa” – assim Oliver conseguiu contornar o problema astronômico do início de sua relação, mas ao terminar o mestrado se arrependeu: Maria estava grávida de duas meninas gêmeas... Oliver preferia que as Marias ao menos nascessem uma de cada vez...

Era uma vida feliz. Oliver conseguira constituir família e ter um bom padrão social trabalhando com o que ama, observando o céu e tentando encontrar padrões que auxiliassem nas teorias de ponta de sua época. Trabalhava em contato com grandes astrônomos do mundo todo e estava pensando em escrever um livro sobre as estrelas. Mas essa vida terminou quando um dia, após deixar as filhas no colégio, sofreu um acidente de carro a caminho do observatório... Era grave, e Oliver teve de permanecer em coma induzido por mais de uma semana. O que preocupava não era seu corpo, alguns arranhões e um pé quebrado não eram nada... Mas sua situação neurológica talvez nunca mais fosse a mesma.

Quando acordou viu toda a família, mas se lembrava apenas dos pais, dos irmãos e dos primos – esquecera quase por completo que tinha esposa e filhas gêmeas... Oliver manteve sua capacidade lógica e raciocínio intactos, mas todas as emoções que houvera tido ao lado das três Marias haviam sido eclipsadas por alguma lua obscura.

Desde esse dia, e todos os dias, sua família lhe ajudava a lembrar das três Marias, mas após cada noite de sono, acordava novamente sem qualquer memória delas... Por um lado era um casamento maravilhoso: Oliver redescobria seu grande amor e suas filhas todas as manhãs, e dormia radiante, tão apaixonado quanto estava ao declarar seu amor num parque da capital.

Por outro lado, era uma situação terrível para aqueles que não esqueciam: sua mulher já não conseguia mais descrever a mesma história todos os dias, pelo menos não com a mesma emoção... E suas filhas já haviam cansado de tentar ensinar ao pai que eram suas filhas, preferiam simplesmente ver desenho a essa altura.

Tentaram todo tipo de tratamento neurológico, mas não resolveu... Como agora trabalhava apenas como divulgador de ciência, escrevendo livros aclamados pela crítica especializada, Oliver achou por bem tentar registrar em um caderno as histórias que ouvia todos os dias pela manhã – por mais bizarras que lhe parecessem –, assim pelo menos poupava sua recém descoberta esposa de ter de repetir a mesma história *ad infinitum*. Poderia agora ler, ele mesmo, seu próprio caderno de anotações. Ele o chamou de Caderno do Amor.

Com o tempo, as anotações no Caderno de Oliver deram resultado: afora o fato de que ele gastava cada vez mais tempo lendo-o todas as manhãs, sua vida conjugal parecia bem mais normal agora... Para Maria e as gêmeas, era quase como ter o marido e o pai de volta, após uma breve pausa para leitura. No final das contas, Maria acabou tendo ciúmes das estrelas: é que Oliver esquecia da esposa, mas jamais esquecia das posições das estrelas.

Após chegar às mil páginas, Oliver teve de contratar um biógrafo para poder resumir sua própria história conjugal, senão só lhe restaria tempo de trabalhar a noite – teria de gastar todo o dia lendo sobre sua vida com as três Marias... Deu certo, mesmo quando suas filhas já estavam chegando na época do vestibular, o biógrafo conseguia resumir tudo em umas 500 páginas. A vida parecia mais superficial, mas funcionava, e sobrava o tempo necessário para continuar observando estrelas...

Maria Cristina queria ser cineasta, e Maria Luísa jornalista. Ainda que os pais tenham insistido, nenhuma das duas quis fazer documentários ou artigos sobre ciência... Elas achavam que esse negócio de ser cientista que tinha deixado o pai daquele jeito meio

esquisito – embora o amassem como o melhor pai do mundo. O pai que retomava sua paternidade a cada nascer do sol.

Era uma vida feliz, novamente. Mas quiseram os deuses da fortuna que a história de Oliver e das três Marias se complicasse uma vez mais... Não se sabe se foi pelo estresse da situação conjugal, mas após o acidente de Oliver, Maria havia voltado a fumar – coisa que havia feito brevemente na adolescência, mas desde o acidente tinha retornado com força total: três maços por dia. Ela chamava-os de as três Marias também. O resultado foi câncer no pulmão, descoberto fora de hora. Que coisa, uma bióloga que não se cuidou... Acontece.

Quando visitava a esposa no leito do hospital, Oliver não se conformava com sua sorte: “Meu Deus, para que descobrir que tenho uma família tão linda todas as manhãs, se à noite percebo que estou prestes a perdê-la?”. Maria havia desenvolvido uma grande sabedoria através dos anos, e sempre respondia seu amado da mesma forma: “Não chore. Pior seria você não ter sobrevivido e suas filhas não terem crescido com um pai tão maravilhoso ao lado. Se estou assim não é culpa de Deus ou da sorte, mas do câncer que eu mesmo procurei sem saber... Em todo caso, é melhor amar e perder, amar e esquecer, do que nunca haver sequer amado!”

A beleza dos discursos de Maria só foi aumentando na medida em que se aproximava de sua hora... Mas para Oliver era sempre um único discurso. Não havia tempo para elaborar a perda: ele percebeu que em verdade perdia a quase todos que amava todas as noites. Era difícil se conformar...

Quando Maria finalmente se foi, Oliver pediu às filhas que lhe levassem para a cidade nas montanhas onde viviam dois de seus irmãos... Ele queria descansar de todo aquele sofrimento. Para seu biógrafo, fez um pedido especial: queria uma versão do Caderno do Amor onde não houvesse encontrado Maria. Nem encontrado nem perdido. Queria que as filhas fossem adotivas... Disse que queria ler assim sua vida, apenas durante as férias que ia passar nas montanhas.

Suas filhas concordaram, em todo caso já estavam atarefadas demais na faculdade para dar suporte ao pai.

Vivendo nas montanhas Oliver parecia vivo e cheio de si novamente. Sempre perguntava das filhas, mas continuava fascinado pelas estrelas. Observava sempre as Três Marias e se perguntava se não havia conhecido uma terceira Maria...

Como seus irmãos não consideravam suas questões, terminou por admitir: “Bem, são só estrelas mesmo.”

A vida nas montanhas fez muito bem a Oliver. Caminhava quase todos os dias pelas trilhas até pedras com vistas belíssimas para os vales salpicados de bois aqui e ali, e nas noites de verão às vezes madrugava lá no alto, sozinho com sua luneta e uma garrafa de vinho... Com tudo isso passou a escrever não somente em prosa, mas em poesia, no seu Caderno do Amor.

As filhas preferiam vir visitá-lo de vez em quando do que ter de lidar com ele na capital. Em todo caso, a família chegou a um consenso de que era melhor simplesmente não mais lembrá-lo de sua amada Maria. Pensaram: “O luto já passou, assim ele vai muito bem.”

Seus livros cada vez vendiam mais, era agora reconhecido não somente como grande divulgador científico, mas também como um dos mais inovadores poetas dos últimos tempos. “Quem diria” – repetiam os críticos –, “um astrônomo que trata das estrelas como poesia”... A verdade é que qualquer cientista de mais idade que se metesse a escrever de forma não ortodoxa já chamaria atenção suficiente. Mas a outra verdade é que ele era mesmo um excelente poeta, pois em seu âmago sentia alguma tristeza obscura.

Ele preferia não comentar com ninguém, mas sempre que relia seu Caderno sentia que faltava alguma coisa... Era sobre isso que suas poesias tratavam, só que ninguém percebia. Ele olhava as estrelas, a constelação de Órion, e se perguntava se elas não queriam lhe dizer algo. Era quase como um “chamamento” – isso acabou acarretando

uma depressão que ele também soube esconder dos irmãos e das filhas, pois que sempre foi muito inteligente – ou nem tanto assim...

Num fim de tarde estava encarando o abismo do alto de uma de suas pedras preferidas. Seus pensamentos eram um tanto confusos, mas já no início da idade que muitos chamam de “idososa”, acreditava que seria mais fácil, talvez, abreviar um pouco a vida... Queria deixar o vento carregá-lo, queria descobrir o que faltava em sua vida, o que havia esquecido, o que as estrelas tinham a lhe dizer...

Foi desperto abruptamente de seus devaneios por um latido de cachorro... Virou-se surpreso e viu o *golden retriever* um pouco mais acima nas pedras. Era o cachorro do Sr. Heinz, um judeu alemão que havia ido morar lá desde a fundação da cidade, fugindo da ignorância dos homens do norte. O Sr. Heinz era uma pessoa muito espiritualizada, e somente por isso Oliver se esquivava de conversar com ele – era o único que percebia sua depressão, disso tinha certeza.

“Suba aqui, Oliver. Vamos conversar. Eu sei que você quer me contar seu problema, vamos aproveitar o fim de tarde aqui de cima. As montanhas vão continuar onde estão por muito tempo ainda...” – disse o velhinho.

Conversaram por quase duas horas. Tempo suficiente para Oliver lhe contar que apesar do seu amor pelas estrelas, apesar dos irmãos e das filhas adotivas, e mesmo apesar de seu estranho esquecimento, sentia que sua vida não era tão diferente assim das vidas dos outros. Seu problema era o cintilar das estrelas – ele sentia, ele sabia que elas queriam lhe dizer alguma coisa... Talvez o que não pudesse saber na vida, soubesse na morte.

“Ora, e o que é a morte, senão o eterno renovar das coisas que formam a vida? Você diz que não é tão diferente dos outros, e digo que não é mesmo. Todos morremos, como você, todas as noites. E todos renascemos, como você, todas as manhãs. A única diferença é que a sua experiência é um pouco mais intensa.”

“Um pouco mais intensa?! Mas eu esqueço de todos que conheci e amei desde a adolescência, esqueço até das minhas próprias filhas! Estou sempre perdendo e redescobindo o amor. Nunca fui muito chegado a drama, mas sou obrigado a admitir que a minha vida é o maior drama do mundo!”

“Isso é o seu ego que admite. Em sua essência, você sabe muito bem que nunca perdeu o amor. Você perde memórias, mas não a capacidade de amar. A potencialidade de amar, em você, nunca diminuiu... Todo esse drama – ‘o maior drama do mundo’ – só serviu para te tornar uma pessoa mais e mais sensível e amorosa, basta ler seus próprios poemas para se lembrar disso... Aliás, não que precise não é? Pois você nunca se esqueceu de um poema sequer.”

Era isso, essa era a resposta! Oliver nunca se deu conta de que seu sofrimento tinha a ver não com o esquecimento, mas com o relembrar! Ele recordava de cada poema que havia escrito, e seus poemas eram carregadas de sentimentos e emoções – ele estava se livrando de sua maldição, estava voltando a relembrar, lentamente, cada momento e cada emoção de sua vida... Voltou-se para o Sr. Heinz e perguntou, de olhos já marejados:

“Mas como eu posso abreviar esse processo? Como posso relembrar o que as estrelas estão a me dizer?”

“Ora, é muito simples. Até hoje você se maravilhou com as estrelas e as mensagens que sua luz nos traz a cada noite... Agora, basta apontar sua luneta para outra direção, para ler as mensagens que as estrelas de sua própria alma têm lhe trazido, mas que você deixou aí dentro, *presas*. É importante ler a mensagem da noite infinita, mas é ainda mais importante ler a mensagem do próprio ser em si.”

E desde então Oliver tem apontado sua luneta para a imensidão que se esconde dentro de si mesmo. Embora nunca tenha deixado de

amar as estrelas lá fora, agora passou a amar as estrelas lá dentro... Particularmente a mais amada, e agora a que lhe traz as recordações mais doces e dolorosas: a terceira Maria.

Conto inspirado em descrições clínicas dos livros de Oliver Sacks

“Estranho de se pensar, nenhum dia é como o dia que se foi e nenhuma noite como a noite que virá! Porque, então, temer a morte, que é noite e nada mais? Porque se preocupar, se o dia que virá trará uma nova face e um novo espírito?” (John Galsworthy)

“Viver na memória dos que nos amam, é viver para sempre” (Carl Sagan)

CAMINHANDO EM NOITE FRIA

11.06.2012

Há alguns anos, quando ainda era jovem e solteiro, costumava passar as férias da faculdade no interior de Minas, numa cidadezinha sempre fria e maravilhosa, colonizada por europeus fugitivos das guerras, e na qual minha família tem um hotel fazenda. Renatinho [nome fictício] era um dos funcionários com maior salário por lá, já que era inteligente e sabia lidar bem com os hóspedes. Não era exatamente um amigo íntimo, mas já o conhecia há alguns anos. Numa dessas tantas noites gélidas do inverno do sul de Minas, estávamos eu e ele, e outros amigos, numa balada na rua principal da cidade, há uns 2 ou 3 Km do hotel...

Como era comum na minha juventude um tanto quanto tímida, acabou a noite e eu não havia arrumado nenhuma garota, então aceitei o convite do Renatinho para que voltássemos os dois andando

até o hotel, já que o restante do pessoal que estava com a gente ou já havia ido embora, ou ainda ficaria muito mais tempo (os que “se deram bem”, pelo menos). Subimos então a longa rampa de estrada de terra que dava no hotel, com a noite tão escura que as estrelas mais pareciam anúncios siderais, e qualquer cavalo que passasse pelo caminho podia ser facilmente confundido com um demônio silencioso.

Em dado momento, Renatinho se aproximou e apoiou o braço esquerdo nos meus ombros, quase me abraçando, embora estivéssemos ainda caminhando... Pode ser algo vergonhoso para alguns, mas eu realmente nunca havia me dado conta, até aquele momento, de que meu amigo era homossexual. Naqueles segundos em que andamos quase abraçados, antes que qualquer um dissesse qualquer coisa, eu me dei conta de que, em todo o tempo que o conhecia, houveram inúmeras “pequenas dicas” de que ele era gay, mas eu não havia prestado atenção em nenhuma delas... Seria inocência? Duvido, pois naqueles segundos os pensamentos que me assaltaram a mente não eram nem um pouco inocentes: “Que droga, não acredito nisso; não peguei ninguém na festa, e agora ainda mais essa!”

O que Renatinho propôs em seguida não ajudou muito a afastar tais pensamentos. Meu amigo havia proposto fazer sexo oral em mim, e ainda prometeu que não iria contar pra ninguém, que aquilo nunca mais precisava acontecer, etc. Eu disse apenas: “Renatinho, foi mal cara, mas não dá, meu negócio não é esse não...”

Mas continuamos caminhando, meio abraçados, em noite fria. Meu amigo não respondia nada, e eu continuava com alguns pensamentos distintos assaltando minha mente: “Será que ele achou que eu era gay? Será que todo mundo acha que eu sou gay? Mas que droga!”. Foi o que ocorreu em seguida que transformou essa história tragicômica em algo mais profundo, digno de ser relatado adiante – subitamente, Renatinho começou a chorar compulsivamente...

Percebendo o choro, eu parei de caminhar e perguntei o que havia acontecido... Ele apenas se desvencilhou de mim e seguiu aos prantos, na minha frente.

“Ei, ei Renatinho, calma cara, não precisa ficar assim... Não estou com nojo de você nem nada disso.” – eu pensei que era alguma coisa útil a se dizer, e estava sendo sincero, não era nojo o que eu havia sentido, em nenhum momento.

“Pois deveria... Todos têm nojo de mim... Eu estou condenado. Eu sei que sou doente, mas não consigo me curar...” – dizia meu amigo em meio à noite estrelada. O assunto havia ficado mais sério, mas, por sorte, o aspecto religioso do problema era a minha especialidade...

“Doente? Como assim doente... Vem cá, Renatinho, para um pouco de correr aí na frente e me diz: desde quando você gosta de homens?”

“Desde sempre! Desde que nasci... O demônio me amaldiçoou...”

“Que amaldiçoou o que... Você não sabe que tem animais que são homossexuais? Se você já nasceu assim, é porque Deus te fez assim mesmo, do jeito que você é. Qual o problema disso?”

“Qual o problema? O problema é que eu vou para o Inferno!”

“E como você sabe?”

“É o que todo mundo diz... Que na bíblia diz que todo gay vai arder no Inferno... Mas eu tentei mudar, tentei me curar, mas não consigo!”

Então já estávamos na entrada do hotel, o que foi bom, pois pudemos entrar e tomar um chá quente perto da lareira da recepção... E assim, com o coração mais aquecido, Renatinho pôde se acalmar e prestar atenção em tudo que eu tinha para dizer sobre como a bíblia não era infalível e, mesmo que fosse, sobre como não há uma referência clara ao fato de todo homossexual ir para o inferno (pelo menos, não mais do que para todo ladrão de galinhas, ou para todo aquele que possui um escravo da mesma região em que nasceu).

Também lhe indaguei se era justo da parte de Deus que deixasse um demônio a solta que poderia amaldiçoar as pessoas ainda no berço, e ele sabiamente disse que não, no que aproveitei para questionar se poderia mesmo existir um ser que fosse “rival” de Deus, o que ele não soube responder, mas talvez tenha se tornado um pouco mais cético em relação a real extensão dos “poderes” do tal demônio, se é que ele existe.

Finalmente, ainda lhe disse que o mundo estava superpovoado, e que não era necessariamente um “pecado capital” não termos filhos e que, em todo caso, sempre seria possível ele e um futuro namorado adotarem uma criança órfã.

E você pode estar achando que eu estava me sentindo melhor por estar ajudando na “iluminação” do meu amigo, mas a verdade é que tudo o que disse servia tanto para ele quanto para mim. Eu havia aberto o coração e me colocado no lugar dele e, como numa magia empática, subitamente a inspiração para tudo aquilo que disse foi chegando, como que irradiada de alguma estrela da noite mineira – as estrelas, afinal, não haviam saído do lugar.

Dessa forma, a razão pela qual não relato aqui exatamente o que eu disse ao Renatinho é principalmente porque já não me lembro mais. Tudo o que lembro é de ter passado por uma experiência libertadora, espiritual, que parece ter modificado tanto a ele quanto a mim... Depois daquela noite fria, meu amigo nunca mais foi o mesmo: meses depois, já havia largado o emprego no hotel e assumido um cargo muito mais exigente, como gerente de um outro grande hotel da cidade.

Anos depois, soube que se tornou jornalista, radialista, articulista, e que havia se mudado para São Paulo. Também soube que, desde aquela noite, ele nunca mais havia tentado ocultar dos outros que era gay. Renatinho se tornou ele mesmo: apenas do jeito que Deus o colocou no mundo.

Mas eu também havia saído daquela noite fria maior, com o coração mais quente, e quem sabe um pouco mais atento a luz das estrelas... Desde então, passei a prestar maior atenção a todos aqueles pensamentos estranhos que tentaram me afastar de meu amigo num primeiro momento, mas que em realidade nunca foram exatamente meus.

Naquela noite eu soube, enfim, que não poderia jamais me aproximar de Deus enquanto me afastava dos homens, de qualquer um que fosse que houvesse me ofertado apenas amor – seja ele de qual tipo for –, e que não mereceria, nunca mais, a violência, a ignorância, a cegueira ante as estrelas, em troca.

UMA CORRESPONDÊNCIA DE AMOR

05.12.2011

Este conto em homenagem aos 5 anos deste blog...

Oi menina. Resolvi lhe enviar uma carta, já que esse me parece o meio mais sincero que tenho para me expressar sobre nossa relação.

E aqui estou eu escrevendo a mim mesmo, e desse modo também a você. Parece estranho não? Mas é verdade. A menina que eu conheço é aquela que eu sinto dentro de mim, e a cada vez que a encontro, aprendo mais sobre ela, até que ela fique cheia e brilhe como uma estrela no meu coração.

Para mim, o amor se constrói...

Para mim, o amor não se baseia em uma condição, é incondicional...

Para mim, o amor não exige nem é exigido, ele apenas é, existe. Como o gato que simplesmente dorme, come, recebe carinho e corre atrás dos mosquitos de luz...

Pergunte para o gato como é ser gato e ele lhe dirá mais ou menos assim: “Sei lá, mesmo que eu tivesse consciência sobre o que sou acho que não gostaria de saber. Eu apenas sou o gato”.

Assim eu também apenas sou eu, seu amigo, que te ama.

Um amigo que te ama.

Talvez alguém que você não entenda... Algum maluco que entrou na sua vida e fica mandando cartas sem sentido. Mas não existe tanto sentido nisso não. Não dá para explicar, você tem de descobrir por você mesma. Eu posso só ajudar.

Não quero dizer que sei de algum segredo que vai mudar sua vida, sou só apenas eu. Mas acho que posso te amar, e eu sei que isso vai te ajudar. Basta que você seja sincera. Primeiro, com você mesma, e depois comigo...

E antes que isso pareça uma cobrança, digo que não é...

Que se dane se vou te beijar ou não. Coisa pouca. Já estou feliz por lhe ter encontrado e conhecido... Se continuar como está, que seja maravilhoso como é. Como sempre foi maravilhoso, e sempre será, encontrar pessoas simples e puras como você.

Eu sei que você criou mascarás para se proteger da falsidade dos outros, e também sei dos seus defeitos. Mas eu enxergo através da mascará, pois consigo ser verdadeiro. Eu perdoo os defeitos, pois também tenho defeitos em mim, e não me culpo por isso. Trabalho para atenuá-los.

Não me limito, não mais. Eu já cansei de me preocupar com o que pode acontecer. Cansei de não dizer a verdade por orgulho ou medo. Eu estou em paz. Quem sabe até quando ela vai durar, mas sinto que dentro dessa paz também sou sábio de certa forma...

Sábio como uma andorinha, mas pelo menos acho que conquistei algo que não irá mais se perder. Não irá sumir com a primeira rajada de vento, como uma cabana de palha...

Portanto, da nossa relação, espero que também tenha a mesma base de cimento sólido, que não se racha. E então poderemos ver a andorinha virar uma águia... E sabe lá quão alto irá voar.

Não tenha medo de voar, como todo o resto, é coisa pequena, e não devemos esquentar a cabeça com elas... Assim, quando percebemos sua grandeza, nem nossa própria sombra ignorante poderá interrompê-la.

Apesar de tudo, acho que o ser humano nasceu para ser feliz.

E que melhor maneira de ser feliz do que amando os outros?

Portanto, não tenho medo de te falar desse amor, e eu mesmo sei que um dia você também não o terá. Vamos trabalhar para isso então.

E o resto é o resto...

INTERVISTA

17.07.2012 (1999)

Esta é uma “entrevista de mim mesmo” que escrevi em 1999 e agora trago para este blog. Achei que seria mais interessante usar o título “Entrevista”, já que todos que olham para o espelho por algum tempo, acabam por encontrar uma vista de si mesmos:

– Muito bem, aproveitando este tempo que dispomos, vamos iniciar logo essa entrevista. Começarei com uma pergunta bem simples...

Quem é você?

– (*arregala os olhos surpreso*) Essa é a sua ideia de pergunta simples?

– Qual o problema com ela? Basta responder seu nome, o que faz, onde mora... Coisas assim...

– (*sorri*) Quer dizer que por saber tais coisas você poderá me dizer quem eu sou?

– Bem... Se quiser pular essa não tem problema. Eu já sei quem você é de qualquer jeito.

– Para você saber quem eu sou, antes teria de saber quem é você mesmo; e, por consequência, quem são todos os outros.

– Tudo bem, eu não sei sobre os outros, mas seu nome é...

– (*interrompe*) Não, não é meu nome quem lhe dirá quem eu sou. Não é meu nome nem meu sobrenome, muito menos meu signo, tampouco minha data de nascimento, ou mesmo o lugar onde nasci. Não será minha casa, nem meus pais, nem meus amigos, nem meu gato, nem minha agenda ou plano de saúde. Minha carteira de identidade não lhe dará muitas pistas, e todos esses outros códigos que presumem nos resumir a uma reles sequência de números também não lhe serão de nenhuma utilidade...

– Entendi o que quer dizer, apenas seu interior me dirá quem você é. O coração, a alma, coisas desse tipo não?

– Talvez lhe deem uma pequena pista. Talvez se você me ouvir por mais alguns anos, prestando atenção em tudo o que falo, faço e penso. No que gosto e no que não gosto, no que acredito e no que

amo... Talvez depois de anos você tenha uma pista de quem eu sou de verdade. E então achará uma pista sobre quem é você da mesma forma.

– Depois de anos? Então só quem vive junto pode conhecer um ao outro?

– Claro, mas em realidade todos vivemos juntos, estamos juntos nesse planeta há milhares de anos, estamos muito próximos, o suficiente para podermos observar um ao outro e com isso aprender sobre nós mesmos... Quem somos, o que fazemos, ou ao menos o que deveríamos fazer. O que procuramos? Poderemos achar? E se acharmos, o que vem depois? Até onde, ou até quando, penetraremos no mistério da vida?

– (*sorri com leve ironia*) Você está começando a me convencer de que não era uma pergunta tão simples afinal...

– As perguntas nunca são simples como achamos que são, apenas as respostas o são; mas, quando não sabemos as respostas, tendemos a complicar as perguntas também. Como saber o que somos, se não sabemos do que somos feitos exatamente, muito menos de onde viemos, ainda menos quanto tempo temos. Só se pode definir alguma coisa depois de se ter compreensão total sobre ela... Antigamente achávamos que os raios que caíam do céu nos dias chuvosos eram lançados por deuses raivosos, hoje usamos esses mesmos raios para ver TV, ligar lâmpadas, acessar a internet, e tantas outras coisas... Talvez ainda venhamos a utilizar esses raios para outras coisas mais, isso porque nós temos apenas uma pista do que vem a ser um raio, e não podemos prever até onde ele nos levará. Eu só tenho uma pista sobre mim...

Eu sei que eu acordo geralmente de manhã, e só às vezes me lembro do que aconteceu comigo enquanto dormia, e mesmo quando me lembro acho tão estranho que não consigo associar com a

minha realidade desperta. Mas eu continuo tentando, sabendo que vou sentir fome algumas vezes ao dia, sabendo que vou desejar alguma coisa, que vou amar e até mesmo odiar, que vou sorrir e infelizmente chorar, que vou, sobretudo, aprender; mas nunca será o bastante, e quando a lua vier e me obrigar a me distanciar da minha realidade de novo, ainda não farei a mínima ideia do que irá acontecer. Acredito, e estudo, muitas coisas, muitas formas de se pensar este mundo, essa realidade que nos é apresentada, mas são muitos os caminhos, e nunca sabemos quantos são e para onde exatamente nos levam...

Portanto eu não posso mesmo lhe dizer quem eu sou, pois eu não sei para onde estou indo, apenas sei que tenho de caminhar, pois essa questão é exatamente o que me impele a seguir sempre em frente, e a tentar o melhor caminho. Eu não sei quem eu sou, mas daria tudo, aliás, estou dando o máximo de mim para saber. Porque se um dia eu finalmente descobrir, talvez não tenha mais de caminhar, e talvez possa ainda ajudar os outros em seus caminhos... Mas até lá provavelmente ainda falta muito, e o que me preocupa nesse momento não é chegar, mas saber caminhar da melhor maneira. Então quem serei eu? Rei ou mendigo? Santo ou devasso? Amado ou odiado? Como eu posso saber? Que diferença isso faz?

– Sim, concordo com o que diz... Mas você me deixa um tanto confuso quando afirma que se descobrir quem é, saberá quem eu sou, e quem são todos nós...

– Talvez não saiba, talvez saber não venha a ser a questão; talvez *ser* seja o verbo mais indicado. Porque saber que estou vivo aqui nesse planeta, que sou um cidadão e devo me dedicar a auxiliar o progresso de meu país, não me diz muita coisa. Na verdade todos pensam da mesma forma, todos estão aqui para isso, e tentam viver suas vidas da melhor forma... Mas então, porque todos não somos iguais? Porque uns roubam e outros doam? Porque uns são chefes e outros subordinados? Porque uns querem ser artistas e outros

médicos? Acho que apesar de tudo isso todos continuamos a ser profundamente iguais. Acho que nossa profissão ou sexo, ou cor da pele, ou o que quer que seja, não nos diferenciara nem um pouco. Talvez diferencie uma vírgula, mas todos somos livros extremamente iguais, extremamente bem escritos, o problema todo vem da nossa incompetência para a leitura de nós mesmos.

Nós vemos que alguns livros têm uma vírgula fora do lugar, ou uma frase com o predicado antes do sujeito, e nos convencemos de que somos histórias diferentes. Mas nossas histórias sempre se repetem, com os mesmos inícios e finais, os mesmos temas e elementos, às vezes até os mesmos personagens... No entanto poucos se dão conta disso, então cada um passa a viver isolado em sua própria história, em seu próprio mundo. Nós temos apenas um planeta, e mais ainda, temos apenas uma raça pensante nesse planeta. Somos somente nós aqui, os seres humanos, e somos todos personagens do mesmíssimo livro, a mesma história, sempre...

Talvez uns sejam mais cômicos, outros mais poéticos, outros mais voltados para o terror, mas a história é a mesma, e quem a está escrevendo somos nós. Não podemos deixá-la chata e repetitiva, temos de descobrir novos caminhos, novas formas de narrativa, talvez até novos personagens para ela. E será mesmo muito difícil conhecer ela toda, porque quando chegamos aqui ela já estava no meio, então só nos resta ajudar a escrevê-la o melhor que pudermos.

Mas uma coisa é extremamente importante compreender: Nossa história tem muitos, muitos personagens, e estão errados aqueles que acreditam serem os únicos personagens de sua história... Uma história de um personagem só pode ser muito monótona, quando não algo pior; mas a nossa história, a história do ser humano, é um conto maravilhoso, um livro que não me canso de folhear, e é exatamente para isso que estou aqui vivo, apesar de não fazer ideia exata do porquê.

Você ama?

- Claro que amo. Agradeço todos os dias por isso.
- (*sorri*) Eu adoraria pular para a próxima pergunta e poupar tempo, mas ainda preciso saber... O que você ama?
- Ora, se eu amo, amo o tudo. Amo tudo o que existe...
- Era o que eu temia...
- Tudo bem, eu também não estou habituado a encarar o amor dessa forma. Talvez por ser assustador, infinito. Mas se eu sinto que amo, e isso só mesmo eu posso dizer, posso apenas amar ao tudo, já que essa é a finalidade do amor.
- Então você não odeia ninguém, ou nada? Nem os políticos corruptos ou os torturadores das guerras?
- Uma coisa não leva a outra... Mas eu posso dizer que não tenho nada contra eles, e até me dedico a gostar deles. Mas gostar de sua essência, que é a mesma presente em cada um de nós. Não posso amar o que eles fazem, naturalmente, pois seria extremamente contraditório.
- Amar ao todo significa amar a essência que é o universo, cada um de nós. É amar a energia que molda e move a existência a cada segundo de nossas vidas. No que cada um de nós usa tal energia vai de acordo com nossa liberdade, mas não importa o que façamos, seremos sempre seres maravilhosos e dignos de amor... Uns estão sujos de tanta ignorância e brutalidade, mas outros são leves e cintilantes, da mais pura beleza.

– Tudo bem, o seu amor é uma espécie de amor religioso... Mas você não acha que precisamos de mais do que isso para compreender e aceitar as pessoas?

– (n) É fácil para você enquadrar as coisas e classificá-las, afinal esse é o seu trabalho, não o culpo. Acontece que meu amor não é apenas religioso, pois eu não gosto só de um velhinho que mora no alto do céu e dita a existência... Esse arquétipo não existe, o que existe é a ignorância das pessoas para com essa energia que criou o tudo, e constantemente se mostra presente em nossas vidas, a cada segundo, como já disse.

O que eu amo é aquilo que criou e moldou nosso mundo, que rege as leis da natureza, que mantém nossos átomos unidos e não nos deixa simplesmente dispersar numa nuvem caótica de partículas... É o algo mais que estava aqui antes mesmo do *aqui* existir. É a inteligência máxima, que não quis que fôssemos robôs e nos deu o direito de escolher nosso próprio rumo. Que nos deu o direito de observar o mundo, amar, aprender e evoluir por nossos próprios passos... E, além disso tudo, é também a folha que cai anunciando o outono, a criança que brinca e nos faz recordar e sorrir, o criminoso que se regenera e nos faz ter esperança de dias melhores, ou mesmo o sábio, que no fim da vida ainda encontra forças e determinação para ensinar, e aliviar nosso medo do penoso fim. Isso tudo, mais ou menos, é o que eu amo.

– Bonito, bonito... Mas você disse a pouco que odiar não era uma consequência de não amar...

– Sim, claro... Odiar não é exatamente o oposto de amar, acho eu. Quero dizer, você pode odiar as ações de certo alguém, mas não o alguém em si, já que todos somos livres para errar e aprender, corrigindo a nós mesmos. Não poderemos cometer todos os erros possíveis, muito menos alcançar todos os acertos, por isso mesmo é tão vital que amemos não só as pessoas, mas nossa própria história,

para que aprendamos com nossos acertos e erros, visando não repetir os últimos, e evoluir com os primeiros...

– (*confuso*) Hum... O que seria o oposto de amar então?

– Veja bem, amando ao tudo, estaremos transportando energia, conhecimento, e muitas outras coisas que não podemos explicar ao certo ainda, para nossa memória, ou nosso ser. Quando você olha para uma árvore sob a luz da manhã, poderá se encantar com aquele cilindro de madeira que sustenta pequenas gotas de verde que se agitam para lá e para cá quando as brisas passam... Retornando a mesma árvore a noite, você perceberá que o brilho verde deu lugar a uma penumbra semi-prateada, refletindo a lua, e que o tronco está tão escuro que mais parece um arauto negro de aspecto retorcido... Você pode preferir a árvore da manhã, ou a da noite, mas de qualquer jeito a árvore continuará sendo somente uma árvore. Você só poderá saber qual das duas prefere se observar com carinho e atenção, se gostar do que vê, se lhe interessar o que aprendeu da natureza visível da árvore. E quando você tiver observado o suficiente para entender isso tudo, e amar o que viu, ainda lhe restarão uma infinidade de outras coisas para aprender, pois que viu somente uma das faces da árvore...

Imagine quanta coisa não poderá descobrir mais de uma árvore? Quantos segredos não lhe reservam essa empreitada? Isso é amar uma árvore, amar todas as árvores, e consequentemente transportá-las para o seu próprio ser, para que quando você estiver numa cidade de puro concreto, ou sob o sol punitivo de um deserto, você possa recordar do ar puro e da sombra fresca, características das árvores... Se fizer direito, poderá se sentir realmente feliz na cidade ou no deserto, tal que saberá que existem coisas tão belas, coisas que ama, dentro de si próprio.

Melhor ainda seria amar a areia e a imensidão do deserto, ou os arabescos e muros cinzentos da cidade, já que daí se encontraria maravilhado em qualquer lugar. Agora, odiar a areia ou os muros não

lhe fará deixar de lembrar das árvores... Portanto você pode ainda não entender que o tudo é produto da mesma energia e inteligência, e pode mesmo acreditar que ama uma parte e odeia outras, quando na verdade se ilude totalmente.

O oposto do tudo é o nada absoluto, o grande e abominável e *inexistente* nada. O oposto do amor talvez seja melhor definido na indiferença ou mesmo na ignorância do mundo a volta, posto que quando não nos interessamos por nada, quando não nos sensibilizamos com as árvores nem gostamos de cidades ou desertos, somos poços de imenso vazio, angustiados e profundamente solitários, sem nada nem ninguém dentro de nós mesmos a nos confortar, a nos auxiliar em nossa evolução e aprendizado, que necessariamente irá nos colocar a prova no decurso de nossas vidas. Não amar é estar morto em vida, mas talvez mesmo no poço mais negro, mais profundo, ainda exista um pouco dessa energia que faz o mundo girar, e a civilização florescer.

Você se considera alguém esperançoso?

- Como assim? No sentido de ter esperança em quê?
- Na vida, no mundo, nas coisas em geral...
- Ah sim... Pois bem, neste sentido posso dizer que não tenho esperança alguma, pelo menos não como as outras pessoas têm.
- Ora, mais uma resposta enigmática, como era de se esperar...
- (*sorri*) Você gostaria que eu explicasse melhor?
- Claro! E não se preocupe porque temos bastante tempo ainda.

– (*sorri mais uma vez*) Eu estava querendo dizer que as pessoas me parecem ter muita esperança, muito mais do que eu tenho por assim dizer... Elas têm, por exemplo, a esperança de serem amadas, bem sucedidas e felizes, mas para isso contam mesmo apenas com sua esperança. Elas querem ser amadas sem se preocupar em amar a elas mesmas, ou a sua vida e seus amigos, ou a quem quer que seja. Querem receber carinho, mas desde cedo aprendem que demonstrar carinho é uma coisa vulgar, que demonstra sua fraqueza, e as impede de serem bem vistas pelos homens que criaram tais regras. Elas na verdade não estão nem aí para tais regras, elas querem é ser amadas, mas como elas têm tanta esperança, seguem as regras porque acham que vão ser amadas de qualquer jeito.

Porque seguindo as regras elas têm a esperança de serem bem sucedidas, de terem um grande imóvel, os melhores carros, os companheiros mais bonitos ou famosos, e de poderem viajar para onde quiserem uma vez ao ano pelo menos... Elas acreditam que conseguirão isso apenas seguindo as regras, e que além de conseguir tudo isso, ainda serão amadas, muito amadas; e, portanto, felizes. Elas têm tanta esperança que acham que tudo isso irá verdadeiramente cair do céu em cima delas.

Não se preocupam em fazer o que gostam, nem em desenvolver um gosto pessoal, elas apenas seguem as regras, e fazem o que quer que vá transformá-las em pessoas bem sucedidas, gostam do que têm de gostar para serem tais pessoas; e, incrivelmente, elas têm a esperança de serem muito felizes, e ainda muito amadas, vivendo dessa maneira.

– Sim, sim, você está querendo dizer que os meios de comunicação, aliados a lei do consumismo capitalista e ao que é considerado politicamente correto, escravizam as pessoas em vidas sem rumo pessoal ou sentido próprio?

– Meu Deus, eu não quero dizer nada disso! Veja bem, eu não estou querendo ser irônico, e as pessoas não estão escravizadas! Ora, é

muito fácil pensar assim, que alguma elite multimilionária simplesmente controla toda a forma ocidental de pensar. Não é nada disso... As pessoas vivem assim porque querem realmente, porque estão acomodadas e com medo de tentar algo novo, como sempre... Na realidade, esse algo novo é muito antigo, a verdade da vida sempre esteve oculta dentre o mundo, e são muito poucos os que conseguem desmascará-la.

– A verdade está atrás de uma máscara?

– Claro, não só a verdade do mundo, mas a nossa própria verdade. Quantos de nós não usam máscaras para se adequarem ao mundo que nos é apresentado, escondendo nosso amor, nossa criatividade, nossa vontade de dançar, para sermos considerados pessoas normais?

A verdade está mascarada porque as pessoas não se preocupam em retirar sua máscara, não porque tenham medo da verdade... Alguns até têm medo, mas acredito que a grande maioria esteja mesmo é acomodada. Sabe por quê? Porque a grande maioria têm muita esperança! Esperança de que essa máscara caia sozinha, sem que eles tenham que se arriscar a desvendar a si mesmas, e ao mundo...

Quando andamos pelas ruas movimentadas das cidades grandes, queremos conversar com as pessoas, mesmo que não sejam tão bonitas; sempre encontramos alguém que nos chame a atenção, num bar, na praia ou no ônibus... Pensamos diversas coisas, como seria aquela pessoa? Será que não poderíamos ser bons amigos? Ao menos viajar juntos ou conversar por algumas horas...

Porque as cidades são mesmo um caos, mas somente porque nos sentimos sozinhos mesmo em meio a uma multidão. Nas escolas não aprendemos a nos comunicar, não nos foi ensinada uma boa maneira de conversar, trocar ideias e comentários. O que importa é defender nossa opinião, 99% do tempo fazemos isso... Se gostamos de um filme é bom que as pessoas também gostem, para termos certeza de que o filme é realmente bom. Se as pessoas não gostam, talvez o filme não seja tudo aquilo que imaginamos, afinal...

E, portanto, ficou entendido que não devemos nos comunicar com qualquer um, principalmente pelas ruas e caminhos da vida. Vai que a pessoa não concorda com nossa opinião?

– Você está dizendo que as pessoas não se comunicam porque têm medo de que discordem de sua opinião?

– Não exatamente, elas não têm medo de que discordem de sua opinião, elas têm medo do novo! Elas têm medo de que sua definição da vida seja falsa, e que alguém na rua lhes convença disso. Elas não têm medo dos que discordam de sua opinião, pois aí vão continuar se divertindo, defendendo sua própria opinião, muitas vezes sem nem ouvir ou dar crédito a opinião alheia... Elas dão valor as opiniões mais populares, mais bem aceitas na sociedade, nas regras do que é correto, e se mascaram atrás delas. Se as pessoas divergem de sua opinião, ela pode então discutir, brigar, guerrear com elas, até que sua opinião impere sobre as outras.

Mas elas não têm problema nenhum com isso, pois em verdade estão duelando protegidas por suas máscaras maravilhosas, que as mantém longe do desconhecido, do que é novo. Na realidade as pessoas têm mais problemas em se comunicar com aquele que aceita qualquer opinião, elas não entendem esse alguém, pois ele está olhando, e falando, com a pessoa verdadeira, aquela por detrás da máscara... E isso tudo é muito novo para elas, muito provocativo e original, e elas não querem entender isso, pois acham que já entendem de tudo.

– Então as pessoas têm mesmo é a esperança de que essas tais máscaras maravilhosas as protejam para sempre do novo, e, portanto, jamais terem de encarar desmascaradas ao desconhecido?

– Me parece que é isso... Elas não querem encarar a verdade. Talvez não seja nem culpa delas, mas de tantas outras que viveram antes de nós, e criaram tais regras brutais. Mas enfim, as pessoas

parecem ter mesmo muita esperança, pois acham que vão conseguir enxergar ao mundo inteiro com sua visão tão curta, e ainda por cima encoberta por uma máscara!

– Interessante, interessante... (*pensa por algum tempo*) Mas agora eu tenho uma última pergunta: Se a esperança não serve de nada a essas pessoas, o que será do futuro?

– Não! Desculpe se não soube me explicar... (*preocupado*) Na verdade estava mais preocupado em não parecer irônico... Eu não quis dizer que a esperança não serve de nada, apenas que somos nós mesmos quem construímos a esperança.

Eu explico: a humanidade se tornou uma especialista em padronizar as coisas. Ela diz que esperança é ter fé em algo melhor, numa vida melhor. Daí ela inventa a palavra “esperança” e publica em seus dicionários monstruosos que esperança é isso que foi dito acima. Mas se esquece de que tem de ensinar as crianças sobre tais verdades, pois senão corre o risco de que elas interpretem tais definições de dicionário ao pé da letra, e então padronizem a coisa toda...

Por acaso as pessoas sabem o que é ter fé? Então como vão saber o que é ter esperança? Ora, a gente não nasce com fé, ou pelo menos se nascemos com ela, não vamos conseguir mais fé num shopping center ou comprando com cartão de crédito. Nós construímos essa fé, e conseqüentemente a nossa esperança, ao nos dedicarmos a achar a verdade pelo mundo... Porque a verdade foi massacrada por tanta ignorância através dos tempos, e sua única saída foi se esconder também, pois essa foi a única maneira de não ser totalmente arruinada pelos preconceitos e inquisições patrocinados pelos homens mascarados, distantes de si mesmos...

Mas a verdade não foi embora, e, portanto, ainda existem caminhos a serem seguidos, e decerto ainda existe esperança. Mas veja bem: só se conquista a esperança ao desbravar o desconhecido, ao ter a coragem de seguir tais caminhos por onde tão poucos passaram, mais

por onde todos um dia inevitavelmente terão de passar. A cada passo sua esperança irá aumentar, a cada recuo, ela irá se abalar, mas em realidade você nunca terá esperança! A esperança não é uma moeda que se perde ou ganha, ela é uma força poderosa destinada a nos levar daqui para mundos muito melhores. Você não ganha esperança, mas pode correr para ela, sem medo, sem máscaras, e abraçá-la de coração!

Irá abraçar a si mesmo, e depois a todos aqueles que passam angustiados pelas ruas, e mostrar para eles que o homem pode sim jogar a máscara fora, e então se preparar para aceitar toda a verdade, todo o amor, e toda a felicidade decorrentes de tal ato.

Por algum motivo, na época eu não prossegui com esta entrevista... Talvez, quem sabe, por ter se tornado pessoal demais – afinal, seria hipócrita se dissesse a vocês que eu mesmo não carrego mais máscara alguma. Mas o que me interessa em retornar até 1999, revisitando esse texto, é tentar reconhecer quem eu era, e não sou mais...

Este é um belo exercício, que recomendo a todos. As máscaras são trocadas, e nem sequer percebemos, até que temos uma fantasia totalmente nova posta diante do espelho. Somente o folião por detrás da fantasia, o dançarino, o poeta, o espírito, é quem permanece – este grande ser oculto, para o qual tenho dedicado todas as minhas cascas de sentimento.

Notas do primeiro capítulo

[1] Trecho retirado de um livreto publicado no Brasil com o título de *Sobre a amizade*, pela Editora Tinta Negra, com a luxuosa introdução de Viviane Mosé (filósofa brasileira). [[voltar](#)]

[2] Trecho de *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, publicado pela Editora Unesp. [[voltar](#)]

[3] Na verdade este é um antigo ditado da sabedoria milenar oriental, do qual não sabemos ao certo o autor original. [[voltar](#)]

[4] Retirado de *Da morte – Metafísica do amor – Do sofrimento do mundo*, publicado pela Martin Claret. [[voltar](#)]

[5] Boa parte desse último parágrafo foi retirada (livre adaptação) de uma das respostas de Chico Xavier no lendário programa *Pinga-Fogo*, em que participou nos idos de 1971. [[voltar](#)]

[6] Retirado do roteiro do filme *A última tentação de Cristo*, de Paul Schrader, baseado no livro homônimo, do escritor Nikos Kazantzakis. Por sua vez, este livro foi baseado nos evangelhos apócrifos (tanto quanto nos oficiais), e numa visão gnóstica de Jesus. Cabe a cada um julgar qual visão é mais profunda e espiritual, a que nos traz um Deus feito homem, ou a que nos mostra o árduo caminho de um homem caminhando rumo a Deus. [[voltar](#)]

[7] Um contemporâneo de Agostinho, monge ascético (e que jamais foi boêmio), chamado Pelágio, combateu veementemente o dogma do Pecado Original, mas foi considerado herege pelo bispo de Roma. [[voltar](#)]

[8] Isto é, claro, segundo uma concepção altamente superficial do zoroastrismo. Infelizmente, no entanto, ainda que inconsciente-

mente, Agostinho foi influenciado por tal pensamento, e ele se encontra até hoje no cristianismo (basta ter olhos para ver). [[voltar](#)]

[9] Foi, por exemplo, o primeiro a analisar o aspecto psicológico do tempo de forma aprofundada (ao menos, no Ocidente). [[voltar](#)]

[10] Os mitos sobre filhos gerados por mulheres virgens são numerosos, constituindo uma ideia corrente já muito antes do cristianismo. Mesmo no Oriente, 2 mil ou 3 mil anos antes de Cristo, entidades mitológicas e fundadores de religiões eram considerados “filhos de mães virgens e puras”. Esta virgindade, no entanto, não necessariamente vinha associada de uma “condenação ao ato sexual”. Era, muitas vezes, apenas uma metáfora para “uma divindade que gerou a si mesma”. [[voltar](#)]

[11] Verso 25 do *Evangelho de Tomé*, achado em Nag Hammadi. [[voltar](#)]

[12] Para maiores detalhes sobre esta e outras pesquisas da neurologia moderna, recomendo a leitura do *Livro do Cérebro*, que está sendo publicado em 4 edições separadas pela Editora Duetto, nas bancas nos últimos meses de 2009. Outra dica são os livros de Oliver Sacks, publicados no Brasil pela editora Companhia das Letras. [[voltar](#)]

[13] Apenas um título infeliz (“Machos demoníacos”) para um livro onde ele e o jornalista Dale Peterson discutem as semelhanças e diferenças entre chimpanzés, bonobos e seres humanos. [[voltar](#)]

[14] Numa alusão aos outros dois chimpanzés: o chimapanzé-comum (*Pan troglodytes*) e o bonobo (*Pan paniscus*). [[voltar](#)]

[15] Os trechos de Schopenhauer no artigo foram retirados de *Da morte – Metafísica do amor – Do sofrimento do mundo*, publicado pela Martin Claret. [\[voltar\]](#)

[16] Alguém pode lembrar que Einstein teve uma vida sexual bastante ativa. O mesmo se poderia dizer, talvez, de Francisco de Assis antes da conversão. Mas o que estou querendo dizer é que tais seres viveram imbuídos de um “objetivo maior”, uma busca por sentido, e passaram bem longe de serem escravos de um instinto de atração sexual. [\[voltar\]](#)

[17] Eu estou, propositadamente, usando esta frase de Fiódor Dostoiévski fora de contexto, pois ela acabou se tornando uma frase relativamente conhecida na cultura popular, exatamente desta forma, e não na forma original, conforme consta em mais de um trecho da obra *Os irmãos Karamazov*. Ironicamente, considerando-se o desenvolvimento da questão ao longo do livro, por fim temos uma consideração que tende claramente ao humanismo. Finalmente, é justo lembrar que o Deus em questão seria, muito provavelmente (ou aproximadamente), o Deus do *Antigo Testamento* da bíblia. [\[voltar\]](#)

[18] Neste livro provocativo (e muito corajoso), Botton defende que a sociedade secular tem muito o que aprender com os aspectos positivos das grandes instituições religiosas. Ele praticamente inaugura o ateísmo 2.0: uma forma mais tolerante, mais filosófica que eclesiástica (ou antieclesiástica, o que no fundo não é tão diferente, tal como o ódio não é o oposto do amor), de ateísmo. [\[voltar\]](#)

[19] Espinosa foi quem melhor elaborou a questão para a modernidade, em sua monumental *Ética*. Porém, tais ideias acerca do Uno, da Substância Primeira, datam de épocas muito mais antigas, tendo aparecido no hermetismo, na filosofia pré-socrática (particularmente em Parmênides), no estoicismo e no neoplatão-

nismo. Mesmo no taoísmo, não é possível ignorar a abordagem da questão, ainda que de forma poética. [[voltar](#)]

[20] Uma curiosidade: É a própria filha de Angelina Jolie, Vivienne, quem interpreta Aurora quando criancinha. De fato, foi a sua estreia nos cinemas! [[voltar](#)]

2. Da morte

O ÚLTIMO SUSPIRO

02.12.2013

Se há uma lenda que me incomoda é a lenda da luta eterna entre a fé e a razão, a ciência e a espiritualidade. Não acho que seja assim, não creio em tal lenda, acho que foi inventada e tem sido constantemente anunciada exatamente por aqueles que beberam somente das águas paradas no charco em torno do córrego do Cosmos. Era preciso encharcar as galochas, era preciso avançar sobre o matagal, era preciso ter a água até a cintura e, só então, ter coragem para mergulhar.

Mas não mergulharam, e acharam que a ciência era somente uma descrição mecanicista da natureza, um mero conjunto de equações; e acharam, também, que a espiritualidade era somente o que este ou aquele deus dizia que fosse, um mísero conjunto de orações para se decorar, e anedotas para se contar na mesa de jantar pouco antes da ceia de Natal.

Ah, os eclesiásticos, eles querem nos convencer de que há algum deus que pode ser enclausurado nas paredes de seus templos, e ser obrigado a escutar, agachado e sem poder dançar, a toda a sua *lenga lenga* escrita em tomos de capas douradas e encenada com mantos de pura seda. Mas foi exatamente um de seus filhos que orou nos desertos, e que nos falou que ele estava espalhado por tudo o que há, e que os ventos traziam seu perfume.

E os acadêmicos? Eles querem passar em seus vestibulares e publicar suas pesquisas minuciosas nas revistas mais badaladas. Eles

querem provar suas teorias do tudo, e as esfregar na cara de todos aqueles que ainda ousam acender uma vela para um santo ou orixá. O que ganham com isso? Melhor seria se eles mesmos acendessem suas velas para os deuses – o deus da Gravidade, o deus da Eletricidade, o deus da Energia Escura. Há muitos e muitos deuses pelo Infinito!

Mas quem, como Feynman, apenas se deleita em conhecer um pouco mais acerca da inefável natureza da Natureza? Quem, como Feynman, já compreendeu que, ao final da vida, não haverá nenhum Professor para lhes fazer um questionário final, nenhuma média que precise ser alcançada e nenhuma teoria que precise ser comprovada. E, da mesma forma, tampouco haverá algum Juiz para lhes decretar o caminho do Céu ou do Inferno.

O Inferno já existe na mente daqueles que o temem, ou que já desistiram deste mundo. No Céu, afinal, entraremos todos de mãos dadas. E, de fato, já estamos caminhando de mãos dadas. Só que, quando os da frente tropeçam, nem sempre os que lhes davam a mão se mantêm firmes e o seguram onde estava. É por isso que todos tropeçam nas mesmas pedras e vagueiam em ziguezague pela existência, cada qual procurando ser o Super-homem capaz de vencer todos os erros do ser humano.

Ah Nietzsche! Quão pouco faltou para compreender... O Super-homem não era um homem só acima dos demais, mas uma comunidade que se torna maior por pensar na mesma vibração e amar o mesmo horizonte. Esqueçamos também o que disseram o primeiro e o segundo Zaratustras, eles também ficaram velhos, e o rio que corre hoje não é mais o mesmo que correu há mais de um século.

E se Deus está morto, que o façamos ressuscitar, ou reencarnar nalgum outro deus – contanto que tenha espaço para dançar, pois nisso o bigodudo estava certo!

Deus e Natureza, afinal, são apenas palavras, e as palavras deveriam servir para o entendimento dos homens e mulheres, jamais para o seu afastamento. Se os cientistas observam as estrelas mais distantes em

seus aglomerados galácticos, se valendo de suas lunetas tão modernas, também os espiritualistas observam a fundo, e cada vez mais fundo, o abismo de suas próprias almas.

E o que falta, senão mergulharem? Senão construírem naves espaciais e barcos mitológicos para navegarem para dentro e para fora de si mesmos? “Deus ao mar o abismo e o perigo deu, mas nele é que espelhou o Céu”, disse o poeta que também foi navegante...

Os tempos já são chegados e a Natureza já dá os seus sinais. Extraímos metade do petróleo existente na Terra, e em poucas gerações iremos nos digladiar por água doce. Não há mais tanto tempo assim. Não é que o mundo esteja ameaçado, somos apenas nós, os seres humanos, que temos cada vez menos tempo para ajustar as coisas.

E, se não vamos mais ao Coliseu ver feras devorando escravos, disso não podemos nos abster de comemorar... Mas, como sabemos, ainda é cedo para que tenhamos a batalha por ganha. O animal ainda se esgueira pelos charcos da alma humana, e sem o fogo, sem a morte e o renascimento, estaremos fadados a continuar repetindo os caminhos em círculo de nossos ancestrais.

Se existe Deus ou o neutrino, quem vai saber? O desconhecido inexistente é idêntico ao existente. Quem já deu alguns passos neste Caminho, no entanto, sabe. Como Agostinho sabia: “Amanhã, amanhã? E por que não hoje?”.

Demoramos tantas eras, tantas gerações e vidas, para chegar até aqui. E quanto mais sabemos, mas há por saber. Mas sabemos! Sabemos que o Infinito fica ali, logo adiante, logo após o horizonte.

Até quando ficaremos separados, nos digladiando em nossas caixas de areia, enquanto há tantos bosques, prados e montanhas tão maiores? Muito maiores...

E quem já deu alguns passos neste Caminho, quem já subiu na beirada do monte, quem já viu de relance o serpentear do córego do Ser pelas escarpas longínquas do verdadeiro Paraíso sabe.

E dá um último suspiro, e este suspiro é tudo o que os demais precisam experimentar.

Para viver na imensidão, é preciso antes morrer em si e para si.

PEQUENAS MORTES

05.11.2009

Durante muitos séculos o conteúdo de nosso crânio foi percebido com algo relativamente sem importância. Quando mumificavam os mortos, os egípcios antigos lhes retiravam os cérebros e os jogavam fora, mas preservavam com todo cuidado o coração. O filósofo grego Aristóteles acreditava que o cérebro fosse um radiador para esfriar o sangue. René Descartes, filósofo e cientista francês, dedicou ao órgão um pouco mais de respeito, concluindo que ele era um tipo de antena pela qual o espírito poderia se comunicar com o corpo. Apenas agora se percebe toda a maravilha do cérebro.

A função básica do cérebro é manter o restante do corpo vivo. Porém, ele é também o órgão que nos possibilita ter a consciência de que estamos vivos, e que eventualmente iremos morrer.

Para os céticos, a morte compreende o cessar da consciência, exatamente quando o cérebro deixa de executar suas funcionalidades. Para os religiosos e espiritualistas em geral, a morte representa apenas uma passagem para um outro mundo, ou uma outra forma de existência, a qual muitos chamam de mundo espiritual. De qualquer forma, existe um sentimento que une a grande maioria de nós, do cético mais pragmático ao crente mais devoto: o medo da morte.

*Há esta distinta ideia de retorno à escuridão, ao nada
Onde tudo o que construímos nessa longa estrada
Da vida, nada restará: não há homem são
Que não trema, com um assombro no olhar
Ante tal nefasto pensamento, uma existência inteira
A navegar pelo oceano a beira, tudo em vão,
Tudo perdido neste derradeiro momento:
Da água do mar ficará apenas o gosto amargo do sal*

*Do mundo, apenas uma brisa, uma curiosidade,
Uma ansiedade por saber de seu final*
[trecho do meu poema, *O assombro no olhar*]

Entretanto, poucos se dão conta de que morremos já por todos os dias de nossas vidas.

Agostinho de Hipona, o grande filósofo dos primórdios do cristianismo, já havia chegado a uma curiosa conclusão acerca do tempo: se o futuro ainda não existe e o passado já deixou de existir, o único tempo em que vivemos é o presente, ainda que não possamos medi-lo de forma alguma, já que o próprio ato de medir o presente, ou de pensar e refletir sobre o assunto, já o coloca em nosso passado. Todo o tempo que dispomos é este momento, aqui e agora. É aqui que a consciência opera, embora possa nos trazer lembranças do passado e expectativas do futuro, nós estamos sempre num incessante presente.

Há quem tenha se angustiado com tal pensamento, mas isso é uma outra história. O importante é que esta ideia, se bem analisada, pode nos trazer uma bela compreensão acerca da morte, e no mínimo aliviar um pouco nosso medo do Grande Nada. Ora, eis que, se a morte é o cessar da consciência, no momento presente, nós morremos toda vez que vamos dormir, e renascemos toda vez que nossa consciência volta à tona, ao acordarmos. Todos os dias de nossas vidas, além de nossas células que morrem e se renovam com o tempo, também nossa consciência opera pequenas mortes, e passamos praticamente 1/3 da vida “mortos”.

Por que então gostamos tanto de descansar, mas abominamos a ideia de morrer? Talvez porque a morte nada mais seja do que uma ideia, que de concreto não tem nada, a não ser no derradeiro momento em que passamos para o outro lado do véu.

O célebre filósofo grego Sócrates, ao ser condenado a morte pela ingestão de veneno, avisou a seus injustos acusadores de que não se poderia saber quem iria para um lugar melhor: ele, ou aqueles que permaneceriam em Atenas. Já Epicteto, o espírito iluminado do

estoicismo grego, dizia que deveríamos viver sempre prontos para quando a embarcação ancorasse no porto e nos chamasse para a próxima viagem: não havia razão para nos digladiarmos com nosso medo da morte, pois que tudo o que está fora do alcance de nossa vontade não deveria sequer ser levado em consideração. Era melhor se preocupar com a vida.

Nossa tendência de evitar a mudança a todo custo é o principal foco de angústias ao longo da vida. É como tentar tapar o raio de sol com a peneira: não adianta, a natureza sempre vence, tudo vibra, tudo muda a todo momento. Tirando uma parte de nossos neurônios, as células que constituem nosso corpo na idade avançada não são as mesmas células que o constituíam em nossa adolescência, absolutamente nenhuma delas – todas morreram. E quando perdem a capacidade de se renovar, também nosso relógio biológico avisa ao cérebro, o grande comandante: está na hora da próxima viagem.

E existem aqueles que creem que isso é apenas o fim permanente da consciência. Mas mesmo entre os céticos há alguns mais poéticos, como Carl Sagan, que dizia que “viver na mente e no coração daqueles que nos amam, é viver para sempre”.

Mas não é possível viver para sempre. Graças a natureza, graças a evolução constante e incessante do Cosmos. Absolutamente tudo precisa seguir adiante, se renovar, por caminhos e mecanismos belíssimos e elegantes. A natureza faz com que tudo o que há navegue sempre em direção ao próximo farol, a próxima parada, e não podemos saber ainda aonde tudo isso vai desaguar.

*Que se façam novas todas as coisas.
Assim sempre foi e sempre será.*

QUASE MORTE

03.08.2010 ~ 10.08.2010

O fim de todos os milagres

A morte é para alguns o cessar da consciência, para outros uma passagem para outra dimensão da realidade, e para muitos o fim da vida orgânica.

Em seu conto *O Imortal*, o mestre das palavras Jorge Luis Borges narra o encontro ficcional com um povo de seres imortais:

“A morte (ou sua alusão) torna preciosos e patéticos os homens. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissolver-se como o rosto de um sonho. Tudo, entre os mortais, tem o valor do irrecuperável e do inditoso. Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos. Nada pode ocorrer uma só vez, nada é preciosamente precário. O elegíaco, o grave, o cerimonioso não vigoram para os Imortais.”

Certamente a morte é um paradoxo – muitos de nós a abominam, e fogem do olhar direto ao assunto como se ele fosse uma medusa prestes a lhes petrificar; entretanto, é impossível estar vivo sem estar morrendo. A morte dos organismos humanos é uma questão de tempo, assim como a vida é também uma questão de viver no tempo que nos é dado.

Biologicamente falando, a morte é um processo que perdura por toda nossa vida. Muitas células individuais vivem por apenas pouco tempo e a maior parte das células de um organismo são continuamente substituídas por novas células. Ao fim de certo

número de divisões (mortes) celulares, não é mais possível ao nosso organismo substituí-las, e então chegamos ao envelhecimento avançado e eventualmente a falência de algum órgão vital para a atividade de nosso cérebro – eis a morte da matéria. Se tudo o que somos é matéria, este é o fim, o sonho sem volta, o sonho sem sonho algum...

Entretanto, estranho de se pensar, se tudo o que somos é matéria, o que diabos a consciência faz para que possamos permanecer quase sempre os mesmos, enquanto praticamente todas as células de nosso corpo morrem e se renovam continuamente ao longo da vida? Obviamente que para respondermos essa pergunta, falta-nos um maior entendimento do que forma o processo de consciência.

Até lá, se nos atermos somente ao que a ciência já é capaz de explicar, podemos apenas afirmar que a consciência é como uma lâmpada que se mantém em funcionamento enquanto o corpo é capaz de lhe suprir com energia. Através de reações químicas nos mantemos conscientes e existe este baile imensurável e misterioso de eletricidade pelo cérebro... Apesar de já sabermos aproximadamente sobre os comandos mais simples, como mover um braço ou proteger os olhos, falta-nos a compreensão do que quer que em nossa consciência determina as decisões ou respostas morais, interpretativas, poéticas, espirituais...

Para o materialismo nós somos mais ou menos como um rádio que gera as suas próprias ondas. Se o rádio para de funcionar, as ondas também cessam.

Para muitos esta já é uma explicação suficiente. Estão certos de que a consciência é apenas o resultado do agitar de partículas pelo cérebro, e que esta não pode existir sem ele... Apesar de nunca termos achado a verdadeira “usina” de todos esses pensamentos que os homens tiveram desde a pré-história, para muitos basta saber que ele se origina no cérebro e que não pode perdurar sem ele. Segundo o filósofo Daniel Dennet, a própria subjetividade é uma ilusão – tudo o que fazemos é pré-determinado por esse misterioso agitar de partículas no cérebro. Não existe, em realidade, algo

como vontade ou responsabilidade. Tudo que existe é o baile da matéria, a dança da poeira de estrelas longínquas que nos parece com algo que chamamos de vida. Mas esta é apenas uma doce ilusão com os dias já contados desde nosso nascimento.

Para quem é realmente materialista, fica muito complicado discordar de Dennet...

Para quem é, no mínimo, agnóstico em relação ao assunto, ficam os caminhos abertos para a investigação, as ondas a serem captadas e decodificadas...

Carl Sagan dizia que viver na memória e nos pensamentos daqueles que nos admiram e nos amam é efetivamente viver para sempre. Sagan tinha razão, ainda que a morte seja o sonho sem sonho, ainda viveremos na memória dos que sentirão saudades, e mesmo que a raça humana se extinga ou o sol cesse de nos iluminar, nossos átomos – aqueles mesmos que emprestamos das estrelas distantes – ainda vão flutuar por esse Cosmos infinito por muito, muito tempo.

E, se nos parece algo inútil adquirir conhecimento e experiência de vida, se no fim temos quem sabe pouco menos de um século (com sorte) para tentar chegar a alguma conclusão, e sabemos perfeitamente que não chegaremos a nenhuma em definitivo; ao menos nos resta o consolo de perceber que o que importa é o caminho, o meio, o trilhar, e não o fim. O fim será sempre a morte, é importante nos atermos a vida – esta não cessará, mesmo que não estejamos mais aqui para admirar sua festa.

Se a vida é um conjunto de milagres, a morte é o fim de todos os milagres.

Porém, assim como o dia insiste em suceder a noite, assim como a morte é parte vital do ciclo de espécies que evoluíram para possibilitar que o *homo sapiens* despertasse do longo sono da animalidade inconsciente, é possível que o sono final não seja uma noite destituída de sonhos... Em realidade, não são apenas as religiões que falam em vida após a morte. A ciência também parece ter algo a

nos dizer – e quem traz as informações são precisamente aqueles que experimentaram a morte, ou a quase morte.

“Apenas passei ao outro mundo”

Historicamente, tentativas de definir o momento exato da morte foram problemáticas. A identificação do momento da morte é importante, entre outros casos, no transplante de órgãos, porque tais órgãos precisam ser transplantados o mais rápido possível.

A morte foi anteriormente definida como parada cardíaca e respiratória; mas, com o desenvolvimento da ressuscitação cardiopulmonar e desfibrilação, surgia um dilema: ou a definição de morte estava errada, ou técnicas que realmente ressuscitavam uma pessoa foram descobertas (em vários casos, respiração e pulso cardíaco podem ser restabelecidos). A primeira explicação foi aceita, e atualmente, a definição médica de morte é conhecida como morte clínica, morte cerebral ou parada cardíaca irreversível. A morte cerebral é definida pelo cessar da atividade elétrica no cérebro. Porém, alguns dos que defendem que apenas o neocórtex do cérebro é necessário para a consciência argumentam que só a atividade elétrica do neocórtex deve ser considerada para definir a morte. Na maioria das vezes, é usada uma definição mais conservadora de morte: a interrupção da atividade elétrica no cérebro como um todo, e não apenas no neocórtex, é adotada, por exemplo, na “Definição Uniforme de Morte” nos EUA.

Paul é um garotinho alemão de 3 anos, em 2010 ele estava brincando perto do lago nos jardins da casa do avô no pequeno paraíso de Lychen, Brandenburgo. Paul acabou escorregando no lago e se afogando. Algumas horas depois seu avô o encontrou sem vida a margem do lago – e prontamente levou-o de helicóptero a um hospital próximo a Berlim...

Na emergência, 4 médicos lutaram para reanimá-lo, mas sabiam que era uma batalha perdida – teoricamente o tempo máximo em que uma pessoa pode ser reanimada de uma parada cardiovascular é de aproximadamente 30 minutos, as vezes um pouco mais, mas já haviam se passado mais de 3 horas! Porém, após exatas 3 horas e 18 minutos, seu coração voltou a bater, e o garoto simplesmente “voltou da morte”.

O mais interessante, entretanto, é o que o garotinho de 3 anos disse tudo o que “ficou fazendo” durante o tempo em que estava clinicamente morto:

“Eu estava com a vovó Emmi no Céu. Ela disse que eu teria de voltar a Terra novamente, e que não poderia ficar com ela por muito tempo.”

Trata-se de um relato típico de uma experiência de quase morte (EQM). Ao longo dos registros recentes da medicina, temos milhares de casos assim – entre crianças, entre adultos, entre idosos, entre crentes, ateus e céticos, ricos e pobres, homens e mulheres, enfim, entre todos nós mortais...

Até muito recentemente, este fenômeno era considerado pela ciência oficial um assunto vulgar, fruto de lendas, credence popular ou religiosidade. No entanto, pesquisas como a do Dr. Raymond Moody, principalmente após o seu livro *Vida depois da vida* (que gerou o filme homônimo), levaram ao início de uma nova corrente de pesquisas sobre o fenômeno em todo o mundo.

As pessoas que viveram o fenômeno relatam, geralmente, uma série de experiências comuns, tais como: um sentimento de paz interior; a sensação de flutuar acima do seu corpo; a percepção da presença de pessoas (conhecidas ou não) à sua volta; visão de 360°; ampliação de vários sentidos; a sensação de viajar através de um túnel intensamente iluminado no fundo (efeito túnel); uma “recapitulação” dos eventos de maior carga emocional em sua vida até então (às vezes como uma espécie de “cinema mental”).

Nesse espaço atemporal, a pessoa que vive a EQM percebe a presença do que a maioria descreve como um “ser de luz”, embora esta descrição possa variar conforme os arquétipos culturais, a filosofia ou a religião pessoal. O portal entre estas duas dimensões é também descrito como “fronteira entre a vida e a morte”. Por vezes, alguns pacientes que viveram esta experiência relatam que tiveram de decidir se queriam ou não regressar à vida como a conheciam.

A comunidade médica foi forçada a olhar para a morte e a sobrevivência da consciência sob uma nova perspectiva. Em seu livro *O que acontece quando morremos* (Ed. Larousse), o cientista britânico Sam Parnia traz um relato de seus estudos na área, prosseguimento direto dos estudos iniciados por Moddy – “Nós agora temos a tecnologia e o conhecimento científico para explorar essa questão definitiva”.

Parnia considera inclusive a possibilidade da consciência sobreviver e operar mesmo sem uma atividade elétrica no cérebro, enquanto o corpo se encontra clinicamente morto. No caso do garotinho alemão, numa análise cética podemos supor que ocorreu algo de muito estranho, mas que o relato do menino se tratou apenas de um sonho, de um devaneio produzido por sua mente pouco antes ou após do período em que entrou em inatividade elétrica total. Mas, e o que dizer de pacientes que relatam conversas entre os médicos durante cirurgias de anestesia total, ou mesmo durante tentativas de reanimação? E nos casos em que trazem descrições detalhadas de instrumentos cirúrgicos ou detalhes da decoração do hospital – ou ainda quando informam sobre eventos ocorridos no quarteirão em torno do hospital? Tudo isso enquanto estavam clinicamente mortos, sem atividade elétrica alguma... Esses exemplos são descritos no livro de Parnia, mas todo clínico geral certamente terá uma ou outra história estranha para contar sobre o assunto... Dá o que pensar...

Mas a pesquisa de Parnia será ainda longa, durará anos e anos, e até o momento é inconclusiva. Embora ele considere a possibilidade da consciência “flutuar” pelo ambiente em torno do corpo inerte (parte da pesquisa consiste em esconder figuras randômicas por cima de

luminárias no teto dos leitos, de forma que somente alguém “lá no alto” poderia vê-las para contar a história), ele considera igualmente as explicações mais tradicionais e céticas – na verdade as considera até com maior importância, embora sua coragem para se arriscar nesse outro tipo de estudo mais heterodoxo seja louvável...

A questão central é que a morte em si é apenas uma experiência que se tem ainda em vida. Se uns tem a sorte de voltar para contar a história, outros que se foram para uma outra dimensão da realidade, ou para a aniquilação final, certamente devem ter passado por algo semelhante – muito embora nenhuma experiência seja a mesma, assim como ninguém irá descrever uma peça de teatro ou filme de cinema exatamente da mesma forma.

Há muitos casos de pessoas que retornaram das EQMs mais espiritualizadas, ou pelo menos com um ânimo renovado para viver a vida (mesmo as céticas podem se tornar mais sensíveis e amorosas, ainda que continuem não crendo em Deus ou algo do tipo). Eis que, iludidas ou não, elas parecem trazer uma quase certeza de que a morte não é mesmo o fim – e que o “lado de lá” é até mesmo muito parecido com o lado de cá. No fim, cada consciência parece estar sempre onde seus pensamentos a sintonizam.

De certa forma, não há nada de tão novo do outro lado. “Apenas passei ao outro mundo” – alguns poderão dizer, como quem saiu de um oceano para mergulhar em outro, apenas as águas estavam menos turvas. Talvez, sejamos mesmo como rádios que sintonizam pensamentos vindos de algum lugar – ocorre que, finda a energia que mantinha a recepção radiofônica, passamos a ser sintonizados em algum outro canto do Cosmos.

Não confundamos a aparência da casca da árvore com a luz que a ilumina. A casca sempre foi invisível, o que é visível é a luz!

“Neófito, não há morte”

E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido (frase da tradição oriental, usualmente atribuída ao Dalai Lama)

O reino de Hades, na mitologia grega, é o local para onde seguem os mortos. Existe um conceito bastante interessante desta travessia simbólica, que fala sobre o julgamento dos recém-chegados. Em seu entendimento mais profundo, este mito narra uma espécie de autoanálise da consciência sobre os atos da vida pregressa. Dessa forma, o assassino é assombrado pela repetição incessante de seus atos criminosos, como se todas as vítimas estivessem ao seu entorno – ao mesmo tempo sendo assassinadas e amaldiçoando-o. Aquele que enviou pessoas (inocentes ou não) para a fogueira pode se encontrar ardendo no fogo juntamente com elas. Aquele que esteve na Terra julgando-se um “semideus”, tratando a todos como escravos, desta feita é ele mesmo um escravo, enquanto seus antigos escravos agora são seus donos, etc.

Já os bem-aventurados, os que tocaram a vida com a leveza de alma necessária, seja por serem almas simples, seja por serem seres de grande sabedoria, praticamente não se afligem nesta passagem derradeira. Acostumam-se ao “lado de lá” como quem chegou de uma longa viagem em uma nação estrangeira. Não têm o que temer nem o que duvidar, pois continuam existindo, e não se encontram em débito com as próprias consciências. Apenas continuam a tocar a vida, em uma nova dimensão da realidade. O Hades não lhes pesa a alma, pois a alma que não é em si mesma pesada, nada tem a ver com a escuridão...

Porém, este mito foi cuidadosamente erradicado pela nova ordem da Igreja de Roma, aos cuidados de Constantino... Curiosamente, é exatamente o Apocalipse bíblico – um verdadeiro hino pagão – que afirma que o “Hades cristão” é quase exatamente igual ao mito; no

entanto era necessário lhe dar um outro nome, e mudar o seu sistema para que ficasse verdadeiramente assustador.

Assim nasceu o Inferno, governado não por um deus secundário, mas pelo verdadeiro anticristo, o grande adversário, o supremo bode expiatório – aquele de quem era conveniente sequer citar o nome! Mas não era somente isso, agora o julgamento nas portas do Inferno era sumário: ou iremos para o jardim da Árvore da Vida, admirar ao Criador eternamente em uma aparente ociosidade sem fim, ou seremos condenados a arder eternamente em um Lago de Enxofre. Curioso imaginar como os santos do Céu poderiam estar em paz sabendo que qualquer reles mentiroso ou adúltero estaria ardendo eternamente logo abaixo de seu jardim. Tudo bem, você pode até crer que nunca mentiu ou que nunca traiu, mas será que não conhece, será que não ama alguém que cometeu tais pecados? Pois é...

Essa pequena história do Hades e do Inferno diz muito sobre a diferença entre dois conceitos fundamentais: a religião e a igreja.

A religião, etimologicamente vinda do latim *religare*, significa um caminho de volta, de eterno retorno, de religação a Deus ou ao Cosmos. Um caminho de compreensão de nossa própria origem e, consequentemente, de união com todas as outras coisas e seres, pois que mais dia menos dia neste caminho percebemos que estamos todos conectados. Somos filhos não apenas do mesmo Pai, mas da mesma substância, aquela mesma que o grande Benedito Espinosa compreendeu como “o que não poderia criar a si mesmo”...

A religião é essencialmente uma experiência subjetiva, e precisa ser assim. Não se pode querer ditar o seu rumo, pois assim como cada um tem a sua impressão digital, sua menina dos olhos e sua própria crença ou descrença, a religião precisa ser livre – ou corre o risco de se tornar dogma.

Já a igreja vem do grego *ekklesia*, e significa algo como “a comunidade dos escolhidos por Deus”. Em sua forma pura e não dogmática, como é muito comum encontrarmos em doutrinas

orientais, a igreja é simplesmente uma comunidade de irmãos e seres afins, que se unem em torno de algum guru ou mestre espiritual, ou em torno de si mesmos, para buscar de forma conjunta, em grupo, o caminho que pertence a religião. É nesse sentido que todo eclesiástico é religioso, embora nem todo religioso pertença a alguma igreja...

Mas é na forma hierárquica, dogmática, que a igreja tem se portado como uma verdadeira seção do Hades na Terra. São nas doutrinas “editadas” por imperadores e governantes evidentemente distantes da religião que nasceram os grandes dogmas e os ultimatos mais irracionais: “ou crê em nosso Manual da Verdade Absoluta, ou estará condenado ao Inferno”; “ou está conosco, ou contra nós”; “ou marcha conosco em nossa Cruzada para converter os infiéis, ou será tu mesmo um infiel”...

Nada disso faz sentido, nunca fez, nunca fará. Para qualquer verdadeiro religioso, isso é evidente. Nem Moisés nem Jesus nem Maomé jamais marchariam com exércitos para “evangelizar” seus próprios irmãos, nem tampouco afirmariam que “só será salvo aquele que se converter para este ou aquele grupo eclesiástico”.

É precisamente nessa batalha entre a liberdade e o dogma, entre o conhecimento que se busca e o que se julga já ter, entre a dúvida e a “certeza”, que muitas almas têm se esfacelado desde que o primeiro sacerdote julgou-se a única via entre os homens e Deus. Para quem é espiritualista e reencarnacionista, é até mesmo esperado e compreensível o crescimento do anti-teísmo – para aqueles que foram dizimados pela irracionalidade, não basta hoje não crer no “deus barbudo senhor dos exércitos”, é preciso contra-atacar, é preciso fazê-lo pagar, é preciso “evangelizar” aos outros que ele é o pior Diabo que já pisou em nossas terras...

Mas, e para aqueles que já se cansaram de alistarem-se em guerras (santas ou não), o que resta fazer? Será que ainda vale a pena tentar dialogar neste mundo polarizado? Será ainda possível fazer aos seguidores de dogmas perceberem que não se pode matar em nome

de Deus? Que Deus não quis nos trazer revelações, mas quis que nós mesmos as encontrássemos em seu Reino – debaixo de uma pedra, dentre um galho de árvore? Que não faz sentido existir um rival do próprio Criador, e que o Céu e o Inferno, e inclusive o Hades, sempre estiveram inscritos em nossa própria consciência profunda?

É nesse momento que a ciência e a observação cuidadosa dos fenômenos espirituais e/ou paranormais (mas nunca sobrenaturais) pode ser o grande elo de um verdadeiro ecumenismo universal. Pois desta vez não estamos mais falando de povos no deserto que eventualmente entraram em contato direto com eventos e seres miraculosos, não estamos falando de fenômenos que se perderam em eras pregressas e hoje só podem ser vislumbrados pela fé – estamos falando de coisas que acontecem aqui e agora, todos os dias, em todos os cantos do planeta. As experiências de morte são apenas uma delas...

Sendo elas um evento conhecido tanto da ciência “oficial” quanto das alternativas, tanto de céticos e ateus quanto de espiritualistas e teístas, e que ocorrem com crianças, adultos e idosos, elas podem ser um elo, um campo de estudo em que (quase) tudo é ainda possível – onde não existe um “deus barreira” ou um dogma a ditar: “é assim!”.

Não, não é assim. Talvez seja mais ou menos como afirmam os espíritas e reencarnacionistas em geral, talvez seja uma antessala do purgatório ou uma mensagem dos anjos de Deus, talvez seja um sonho panteísta, talvez apenas um delírio da consciência em sua despedida rumo ao sonho sem sonhos... A única verdade é que ainda não sabemos, mas podemos saber, juntos!

A questão da Criação, do “por que existe algo e não nada”, da natureza exata de Deus, talvez esteja ainda além do nosso alcance – mas o estudo do que acontece quando morremos é um campo promissor tanto da ciência quanto da religião, tanto da neurologia quanto da parapsicologia. É algo palpável, é algo que ocorre em diversos hospitais em todo o mundo. Só não vê quem não quer, só não procura compreender quem tem medo do desconhecido, ou

quem se fossilizou abraçado ao seu precioso Manual da Verdade Absoluta.

Mas, para todo neófito, não há morte.

É O FIM DO CAMINHO?

26.01.2011

*É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol*

Esses são os versos iniciais de *Águas de Março*, célebre música composta por Tom Jobim no fim dos anos 50. Tom compôs este e diversos outros sucessos enquanto visitava o sítio da família na localidade de Poço Fundo, a 40 minutos de Petrópolis. A beleza da região serrana do Rio de Janeiro parece sem dúvida ter ajudado muito em sua inspiração. A poesia de Jobim fala sobretudo da vida – o vento ventando; uma ave no céu; é a promessa de vida no teu coração – e da morte – é o fim do caminho; é a noite; o fim da ladeira.

Ultimamente a natureza não tem esperado Março para enviar suas águas. Em Janeiro de 2011 a região serrana do Rio registrou a maior tragédia natural de que se tem notícia no estado: as chuvas vieram muito fortes e praticamente todos os morros tiveram deslizamentos de terra, matando centenas de pessoas, soterradas pelas próprias casas – particularmente em Nova Friburgo e Teresópolis. A casa onde Tom Jobim compôs suas canções também foi levada pela enxurrada.

Este desastre natural, entretanto, não se compara ao terremoto que devastou quase completamente Lisboa, a capital de Portugal, em 1755. Em uma época onde a população mundial era muito inferior a atual, estima-se que morreram entre 10 e 100 mil pessoas naquele que é até hoje o terremoto mais letal da história. Até aquela época era

muito comum atribuir os desastres naturais a “ira divina”, num tipo de associação de ideias que data da pré-história... Entretanto, o terremoto de 1755 suscitou respostas divergentes dos filósofos iluministas. Gente como Voltaire parece ter se cansado de ficar sempre a mercê da “ira divina”, e tratou de analisar a existência como ela realmente o é – um ciclo de vida e de morte.

Nossa sociedade moderna parece ter enorme dificuldade em lidar com a morte. Tirando as funerárias e as seguradoras, parece que ao capitalismo a morte é um tremendo desperdício: altos funcionários e *CEOs* que acumularam conhecimento e experiência por décadas e décadas subitamente se tornam incapazes por razão do envelhecimento, se aposentam, e depois simplesmente se despedem de nós. Atores de cinema ou TV, de fama mundial, que trazem renda garantida aos grandes estúdios, subitamente se vão ainda durante as filmagens do próximo *blockbuster*. Até mesmo aquele economista de renome que sempre consultávamos antes de realizar nossas aplicações na bolsa de valores, ele também se vai, e não sabemos mais a quem consultar.

O capitalismo, entretanto, parece não sentir falta dos informais, das donas de casa, dos lixeiros, dos carpinteiros, dos pedreiros, dos pequenos trabalhadores do campo, enfim, dos pobres. A informação que se perde quando estes se vão não parece de tanta importância para que o giro da roda do dinheiro continue sua constância – mas fato é que todos morrem. Todos podem ser levados pela enxurrada, pelos tremores, pelos acidentes, pela violência e ignorância dos homens, ou simplesmente pelo próprio tempo em que aqui se vive. Sim, pois não há dia em que não estejamos a morrer: praticamente todas as nossas células morrem e são substituídas por outras, inúmeras vezes, durante a vida de nosso corpo. Nesse sentido, a própria vida é uma tragédia constante...

Por que então estarecer-se com a sombra da morte? Se a morte é apenas o último tilintar dos neurônios no cérebro, então a morte é apenas um sonho sem sonhos. Morremos então, todo dia, conscientemente – pois sabemos da degeneração celular –, e

inconscientemente – quando nos deitamos na cama e sonhamos uma vez mais, até o dia seguinte, até o próximo ciclo do sol.

Por que então agradecer aos deuses por ter sido poupado de uma tragédia, se toda a tragédia é em si uma tragédia? Por vezes, teria sido melhor não ter sido poupado, ao menos se compreendemos a morte como o fim do caminho. Nas religiões orientais, particularmente no hinduísmo, o aspecto destrutivo de Deus é tão bem compreendido quanto o aspecto criativo. Entende-se, sobretudo, que a existência não é uma história simples, um “era uma vez...”, com início, meio e fim, mas antes um ciclo incomensurável, uma existência cósmica que se estende até as beiradas do infinito, uma história onde falar em início e fim faz tanto sentido quanto falar no nascer e no pôr do sol.

Em todo caso, os cétricos dificilmente entenderão como pode este povo tão simples, aparentemente tão ignorante, continuar louvando ao Deus do cristianismo mesmo após tamanha tragédia natural. Tragédia natural é ato divino, é coisa da natureza, e da natureza cabe o cuidado de Deus. Se ele poupa alguns e toma outros, por que agradecer, por que se revoltar, por que enfim, acreditar?

É que naqueles que creem, mesmo que seja na sombra da sombra do Deus de todo o Cosmos, reside esta distinta intuição de que nada ocorre ao acaso, até mesmo porque ninguém sabe o que diabos é o acaso... E se o próprio acaso for ele mesmo mais um deus, será em todo caso tão desconhecido quanto Aquele outro. E ainda que permaneçam fiéis ante a maior das tragédias, como os apóstolos a serem pregados nas cruzes, é porque em seu íntimo sabem, de alguma forma, que a morte não é o fim do caminho, mas apenas a passagem de um ambiente ao outro, na grande casa do Cosmos.

Mas e aqueles que não creem? O que lhes resta senão encarar face a face este aparente “grande nada”, o vazio, o buraco negro que suga tudo o que há? Talvez, conforme os estoicos e epicuristas, devam se contentar com o que podem mudar, o que podem decidir, o que podem sentir, no aqui e no agora. E, conforme disse Carl Sagan, de alguma forma se contentarem com viver na memória daqueles que os

amam – a vida após a vida – embora não estejam mais aqui para saber...

E, finalmente, aqueles que compreendem a morte mais profundamente, sabendo perfeitamente que ela é ao mesmo tempo um fim e um recomeço, ao mesmo tempo uma enorme mudança e uma fugaz renovação, ao mesmo tempo o arauto do desespero e a promessa da evolução, não há que se ater aos fantasmas das mentes alheias. Não há que se estagnar com o tempo e a vontade nas mãos. Não há que cair na ilusão de que o mundo todo é tão somente isto que vivemos aqui, neste planeta ínfimo na periferia de uma de bilhões e bilhões de galáxias do Cosmos...

Somos, sim, seres a viajar por esse universo infinitamente belo, tanto pelo milagre da vida quanto pelo caos da destruição, que no fim apenas permite que a vida se renove e renove, rumo a algum lugar cada vez mais alto na montanha divina, rumo aos galhos ao topo da árvore da vida, onde o Sol pode ser visto em toda a sua glória, e onde tudo o que há é amor a irradiar-se nos mais variados espectros de pura luz.

Aos que tem olhos para ver, restará sempre esta promessa de vida em seus corações. Não de um céu de tédio eterno, mas do trabalho contínuo, do caminhar passo a passo, do navegar em mar revolto e noite fria, mas sempre rumando ao próximo farol.

Perto deste conhecimento, perto desta visão distinta do jogo da vida consigo mesma, do turbilhão de seres e potencialidades a desafiar a entropia cósmica, um mero terremoto, uma pequena enxurrada, é tão significativa quanto à destruição de um ninho de formigas... Embora mesmo a menor das formigas seja, ela também, parte da mesma teia que nos conecta a todo o Cosmos.

*E se viver é morrer a cada instante,
Entregamo-nos, então, à eternidade.
Mas se viver é sofrer na escuridão,
Entregamo-nos de corpo e alma à caridade.*
(trecho final de poema de Otávio Fossá)

O SEXO E A MORTE

14.03.2011

Ao contrário do que uma análise superficial possa dar a entender, muitas são as relações entre o sexo e a morte. Para começar, na história da vida, eles nasceram praticamente juntos: até 1 bilhão de anos atrás, só existia vida na Terra na forma de organismos unicelulares, o que vale dizer, não existia sexo nem morte, pois um organismo unicelular se reproduz sem necessidade de uma cópula, apenas dividindo-se em dois, e ao fazê-lo, ele “morre” como indivíduo, e as duas células em que se dividiu constituem sua descendência.

Parece prático, mas atravanca a evolução, que, como se sabe, depende da rápida transmissão aos descendentes das mutações “boas”, assim consideradas por significarem adaptações evolutivas. É do interesse da espécie, portanto, que a linhagem dos portadores das adaptações evolutivas prospere o quanto antes. Mas como cada célula dá origem uma linhagem única e específica, cada uma delas é como uma gota no oceano. Até que os portadores das mutações “boas” se tornem majoritários, decorrerá um tempo imenso.

Foi então que surgiu o sexo e a morte. Agora, para haver reprodução, não basta que cada organismo faça cópias de si mesmo, *ad infinitum*. É necessário haver, não uma cópia, mas uma combinação, e é justamente isto o que oferece a reprodução sexuada. A cada cópula bem-sucedida, embaralham-se novamente os genes, produzindo uma variedade de resultados. Tal como no pôquer, teremos jogos bons e maus. Um único exemplar masculino, oriundo de um jogo “bom”, pode transmitir suas boas cartas a uma variedade de fêmeas, dando origem, não a uma única, mas a várias linhagens. E depois? Bom, aí que entra a morte. É do interesse da espécie que as gerações novas, por serem portadoras das adaptações evolutivas, tornem-se majoritárias o quanto antes. Mas se os exemplares das gerações antigas, ainda mal adaptadas, tiverem um tempo de vida demasiado longo, eles passarão a fazer concorrência aos jovens,

retardando-os em seu percurso. É necessário que os velhos desapareçam – e é para isto que há a morte [1].

Na verdade, o que a visão estritamente materialista nos traz – no sentido de tratar apenas da evolução física das espécies – é esta lição ancestral de que, sem sexo e sem morte, não haveria tamanha evolução de seres tão complexos quanto praticamente qualquer animal que vemos a olho nu, e inclusive o próprio *homo sapiens*. Em suma, para a natureza, o sexo e a morte se complementam, o primeiro atuando como agente potencializador da evolução, o último atuando como agente renovador.

Mas eis que surge a consciência, e com ela tantas e tantas perguntas sem resposta. Se somos a forma do Cosmos conhecer a si mesmo, por vezes tememos que nada em todo Cosmos seja capaz de aplacar nossa angústia perante a existência... Por isso não é de surpreender que tenha surgido nossa distinta visão espiritual do mundo, evento talvez exclusivo do *homo sapiens*, o que o destaca definitivamente de todos os outros seres terrestres na árvore da vida.

No ato do sexo profundo, realizado não somente com o corpo, mas também com alma, há um momento de êxtase onde a consciência é subitamente alterada, em muitos casos perdida ou esquecida... Nas tradições espiritualistas do Oriente, o sexo profundo é também chamado de *pequena morte*. Existe uma relação interessante entre ambos, a nível de processo de consciência e não apenas físico e material: ambos são uma espécie de encontro – no sexo encontramos o amor presente em outro ser afim; na morte, encontramos o amor presente no eterno renovar da vida.

Pois que seria a vida, afinal, que não um supremo ato de amor, de criação? E o que seriam o sexo e a morte, senão os mecanismos pelos quais a vida segue o seu rumo?

Mas há que se ter uma visão equilibrada entre tais polos aparentemente opostos, para se conquistar um conhecimento abrangente em relação à existência, uma distinta paz de espírito própria dos sábios de outrora, das mais diversas tradições espiritua-

listas, que souberam tratar o sexo e a morte como dois lados da mesma moeda, como componentes sagrados da própria vida...

Sem tal equilíbrio, a sociedade se vê envolta em uma “esquizofrenia do politicamente correto”. Desde o advento do cristianismo até poucas décadas atrás, o Ocidente – e este é só um exemplo, pois os polos se alternam – passou por um longo período de aversão a exposição pública do sexo. Tal qual bonobos arrependidos, os homens e mulheres certamente continuaram a fazer sexo, e bastante, mas precisavam ocultá-lo da sociedade, e por vezes confessá-lo, em extrema vergonha, ao deus do confessionário.

Interessante de se notar, no entanto, que nessa época a morte não era algo abominável – pelo contrário, era bastante comum a família toda, inclusive as crianças, se reunirem em torno de um parente moribundo, em sua própria casa, em sua própria cama, para se despedirem. O sexo era sujo, mas a morte era a promessa de purificação na vida eterna.

Após tanta supressão do sexo, a polaridade havia de se inverter. Então veio o pós-modernismo, o *rock and roll* e a revolução sexual do Ocidente. Desta feita, o sexo e o prazer eram exaltados e cada vez mais expostos a toda a sociedade – não importa se alguns não estavam tão interessados, era a época do advento da mídia de massa. E todos precisavam ver os exuberantes corpos nus de *homo sapiens*, a se admirar e se roçar tal qual bonobos ferozes: todos precisavam experimentar. Ser virgem era subitamente o mais novo pecado!

Mas, se o sexo era agora algo tão belo e prazeroso, a morte por sua vez tornara-se medonha e obscura. Até mesmo o envelhecimento haveria de ser mascarado. Era preferível morrer jovem, por alguma overdose sensorial, do que sequer imaginar habitarmos um corpo envelhecido e decrépito. E eis que a própria morte em si deveria ser algo disfarçado, “resolvido” e esquecido o quanto antes. Não se trazia mais os moribundos para morrerem em casa, mas os mantinham até onde fosse possível nos hospitais. As CTIs se tornaram o purgatório, e a cerimônia do velório um ritual macabro, do qual

todos haviam de comparecer com certo asco, e fugir o mais breve possível, e daí esquecer...

Então, como dizem alguns sábios do Oriente, passamos a viver como se jamais fôssemos morrer, e a morrer como se não tivéssemos vivido. Que nessa anestesia mental, ora ignoramos o sexo, ora ignoramos a morte. Mas nada parece ter resolvido nossa angústia: nem a espiritualidade superficial das religiões de barganha, nem a ciência superficial do modernismo tecnológico que pretende que seres sejam máquinas. Que não é pelo pagamento de orações, pelo recitar repetitivo de dogmas esquecidos, ou pela insistência em reconstruir nosso corpo, na esperança que pareça “eternamente jovem”, que encontraremos a solução.

A solução está tão somente em pensar, em abrir os olhos e ver, e assim melhor viver... E vivendo, conhecer a si próprio, o próprio corpo e cada uma de suas rugas, a própria mente e cada um de seus medos, o próprio espírito e cada uma de suas sombras. E quem sabe nalgum dia compreender, como os sábios de outrora, e de hoje, que desde épocas imemoriais, desde muito antes do despertar de nossa consciência, tudo já era assim: não existe propriamente nem o sexo nem a morte, mas antes de tudo, apenas o amor a gerar esse oceano de vida, em constante renovação.

O SENHOR DO DESTINO

02.08.2012

Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado (Gandalf em *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien).

Um dos maiores sábios da Antiguidade nasceu escravo, mas isso não o impediu de ter sido uma das almas mais livres do mundo. Epicteto nasceu em Hierápolis – na atual Turquia – em cerca de 55 d.C., e provavelmente foi levado ainda jovem para Roma, onde teve como mestre Epafrodito, que por sua vez servia ao então

imperador Nero. Tendo reconhecido a sabedoria e o potencial de seu escravo, Epafrodito o declarou homem livre para seguir os ensinamentos de Musônio Rufo, filósofo estoico que o tomou como discípulo.

Epicteto foi manco desde a juventude, provavelmente devido ao reumatismo, mas foi com a razão e as ideias que caminhou muito além de seu professor no estoicismo, uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio, no início do século III a.C. Os estoicos ensinavam que as emoções destrutivas resultavam de erros de julgamento, e que um sábio não deveria “se deixar abalar” por tais emoções.

Os estoicos se debruçavam na relação dinâmica entre o determinismo cósmico e a liberdade humana, defendendo a crença de que é virtuoso manter uma vontade que esteja de acordo com a natureza. Por causa disso, os estoicos apresentaram a sua filosofia como um modo de vida, e pensavam que a melhor indicação da filosofia de uma pessoa não era o que teria dito, mas sim como teria se comportado em vida.

Epicteto foi, junto com Sêneca, um dos estoicos tardios que defendiam que a virtude é suficiente para a felicidade. O sábio que nasceu escravo, entretanto, teve uma existência muito mais dura do que Sêneca, um intelectual nascido entre uma família nobre romana [2]. Sua fama se deveu, sobretudo, ao seu exemplo de vida. Como Sócrates e outros sábios antigos, jamais deixou nada escrito; foi graças a Ariano, um de seus discípulos, que nos chegou a modernidade as anotações de seus cursos: os *Discursos* (*Diatribes*) e o *Manual* (*Enchiridion*) de Epicteto, sendo o último apenas um resumo do primeiro.

Ao longo do tempo, a despeito de terem influenciado inúmeros grandes filósofos e religiosos posteriores, os estoicos também foram alvo de muitas críticas, usualmente por quem mal conheceu sua obra, ou a interpretou de forma apressada; ou ainda, como no caso de Nietzsche, que a transportou para um contexto inadequado, dentro do cristianismo...

Quando Epicteto falava em Zeus, o deus dos deuses, ou nos deuses como “um todo, um conjunto divino”, não se referia a Divindade da mesma forma que muitos religiosos de sua época, nem da mesma forma que a grande maioria dos cristãos que lhe foram posteriores. Sim, de fato Epicteto compreendia na Divindade uma substância, uma força única, mas daí a imaginar que ele via a Divindade como os cristãos veem a Deus é um passo muito grande, que talvez não se sustente:

“Este mundo é uma única cidade, a substância da qual ele é feito é una e, necessariamente, existe uma revolução periódica, os seres cedem lugar uns aos outros, uns se dissolvem enquanto outros aparecem, uns estão fixos e outros em movimento. Tudo está repleto de amigos, antes de tudo os deuses, em seguida os homens que a natureza uniu intimamente uns aos outros. Uns são dados a viver juntos, outros a se separar; é preciso regozijar-se por estar juntos, e não se afligir por dever se separar. O homem, além de sua grandeza natural e de sua faculdade de desprezar o que não depende da sua escolha, possui ainda esta propriedade de não criar raízes e de não estar amarrado à terra, mas de ir de um lugar a outro, seja pressionado pelas necessidades, seja simplesmente para poder contemplar.” (*Discursos, III, 24*)

O sábio estoico defendia o uso da razão acima das emoções destrutivas, que poderiam levar ao desespero e a angústia permanentes; mas não se deve imaginar que ele era contrário as emoções em geral, tanto pelo contrário! Para Epicteto, a existência era uma grande festa, uma grande oportunidade de se contemplar a grandiosidade da natureza, e de se caminhar, passo a passo, para cada vez mais próximo da Divindade.

A razão na Antiguidade grega era muito mais o *logos*, uma razão conectada ao Cosmos, aos desígnios da natureza, a intuição e a experiência mística e religiosa, do que propriamente a razão fria e demasiadamente científica, conforme a maioria de nós a tem

interpretado nos tempos modernos. O que os estoicos procuravam suprimir através de sua “medicina mental” eram as emoções destrutivas, e jamais as prazerosas.

De fato, a felicidade e o contentamento com a existência, a paz de espírito, eram os grandes objetivos a serem alcançados pelos estoicos – e isso não tinha nada a ver com “ir para o céu”. Para tais sábios, o céu se construiria no espírito de cada ser, quando devidamente conectado ao Cosmos. Mas, se por um lado alcançar tal conexão com a Divindade era o grande objetivo da vida, também era necessário compreender que a festa não deveria durar para sempre:

“A vida é como uma navegação. Quando o barco está atracado, e vais em busca de água, no teu caminho poderás também encontrar uma concha ou uma cebola, mas é preciso guardar o espírito direcionado para o barco e mirá-lo constantemente para ver se acaso o piloto não te chama, e se te chama, deixar tudo isso, para não ser arrastado a bordo como um animal. Assim, na vida, se no lugar da concha ou da cebola está uma mulher e um filho que te foram dados, nada te impeça. Mas, ao apelo do piloto, corre para o barco, deixando tudo para trás, sem retornar. E se és velho não te distancies muito do barco para não correres o risco de faltar à chamada.” (*Manual, VII*)

Longe de ser uma atitude covarde e passiva, como muitos têm interpretado apressadamente, a calma estoica perante os infortúnios da vida, e até mesmo perante o fim da vida, é antes de tudo uma grande lição de coragem. Epicteto não ignorava os infortúnios, a escravidão, e nem mesmo a morte, e viveu sempre com o espírito atento para a possibilidade do barco vir lhe buscar a qualquer momento (como de fato pode o ser para cada um de nós); mas foi exatamente por saber pesar os infortúnios e os benefícios, os prós e os contras da existência, e por ter percebido que os benefícios (mesmo há 2 mil anos atrás) ainda excediam em muito os infortúnios, que viveu sua vida em paz e tão feliz quanto era possível.

A maior lição dos estoicos sempre será esta que está muito bem descrita no início do seu Manual:

“As coisas se dividem em duas: as que dependem de nós e as que não dependem de nós. Dependem de nós o que se pensa de alguma coisa, a inclinação, o desejo, a aversão e, em uma palavra, tudo o que é obra nossa. Não dependem de nós o corpo, a posse, a opinião dos outros, as funções públicas, e, numa palavra, tudo o que não é obra nossa. O que depende de nós é, por natureza, livre, sem impedimento, sem contrariedade, enquanto o que não depende de nós é fraco, escravo, sujeito a impedimento, estranho.” (*Manual, I*)

Não deve ter sido a toa que Ariano iniciou suas anotações exatamente por esta – parece-me que esta foi à primeira lição que Epicteto aprendeu com seu professor, Musônio, e provavelmente a primeira que também passava adiante, ele mesmo, para seus discípulos. Mas o sábio que nasceu escravo não era apenas um teórico: sua própria vida foi sua maior obra, seu grande exemplo para posteridade. O desconhecido que nasceu escravo e, não obstante, através do *logos*, tornou-se senhor de si mesmo, e por consequência, senhor do próprio destino – um genuíno livre-pensador.

Não temo a morte. Peço a Deus que não me dê um dia a mais de vida se eu não puder me orgulhar desse dia (José Alencar, ex-vice-presidente do Brasil, que travou uma luta de 13 anos contra o câncer, sempre atento ao chamado do piloto).

UMA CERTA BELEZA

20.08.2013

Dizem que o homem teme a morte, porém morre todo dia, e renasce toda manhã.

E sua própria vida é algo em constante mutação, tanto celular quanto espiritual: não somos os mesmos de 15 anos atrás, quase nenhuma célula é a mesma.

Então talvez tenhamos deixado de existir, mas muitas de nossas preferências e características deixaram de existir, sem realmente terem se aniquilado por completo. Não brincamos mais as brincadeiras de criança, mas temos ainda, quem sabe, uma vaga ideia de como elas eram...

Enfim, as personalidades mudam e morrem e renascem, mas as potencialidades caminham sempre a frente, quem sabe junto a seta do tempo: todo o inanimado se desorganizando, todo o animado se iluminando.

Mas mesmo a existência precede a essência, realmente, pois que antes de todas as substâncias e todas as almas, havia apenas uma única substância *incriada* e tão eterna quanto tudo o mais...

Há uma certa beleza em se pensar assim.

AINDA É CEDO

20.08.2013

Noutro dia fui ver *Somos tão jovens*, filme que conta a trajetória musical inicial de Renato Russo e retrata com certa competência o estado espiritual de sua juventude em Brasília. O filme propositadamente se encerra antes de ter de falar das fases mais tristes de sua vida, e portanto deveria ser apenas mais um fim de tarde agradável no cinema... E era, até o finalzinho do filme, quando Renato canta *Ainda é cedo*. Apesar de ser uma cena de certo teor emocional, não parecia justificar o fato de eu haver chorado em pequenas cascatas ao longo de boa parte da música. Havia algo a mais que eu não havia identificado ainda... Algo que parecia estar mais profundo dentro de mim.

Eu gosto muito de fingir que este blog é impessoal – e tenho certeza que há muitos que acreditam. Mas, na prática, nunca foi, é apenas fingimento mesmo.

Não sei se estavam por aqui em 2006, quando ele começou, mas alguns de vocês devem saber que eu comecei este blog em homenagem a uma amiga. O nome dela é Flávia Lopes, e ela é poetisa.

Se hoje mesmo eu ainda conto nos dedos os poetas que conheço pessoalmente, antes de haver o blog e a própria massificação do acesso a internet no país, eu conhecia somente ela. E quem é poeta sabe: você pode ter pais, familiares, amigos próximos, mas somente outro poeta poderá entender de certos assuntos existenciais. Somente um poeta pode servir a uma certa carência de todo poeta, que é poder se comunicar com os outros sem as palavras, essas cascas de sentimento...

Eu me comunicava com ela sem as palavras. À noite, no telhado do seu prédio na Tijuca (no Rio de Janeiro; ela morava numa cobertura de um prédio antigo de onde dava para passear no telhado), contemplávamos tanto as estrelas quanto os gatos e transeuntes das calçadas – tudo nos interessava, mas nada precisava realmente ser dito.

Todos os dias quando acordo

Não tenho mais

O tempo que passou

Mas tenho muito tempo

Temos todo o tempo do mundo

[*Tempo perdido* (trecho), Legião Urbana]

Flávia era grande fã de Renato Russo e sua trupe, eu só fui virar fã de verdade anos depois de sua morte. Então é isto que o tempo me

fez: começar este blog, e virar fã da Legião Urbana; e ambos são fruto direto do tempo que já não há: o tempo de visitar minha amiga, seja a noite ou de dia.

Dizem que inventamos essas histórias de vida após a morte para suportar a dor da perda de alguém querido, mas me custa identificar onde exatamente isto nos ajuda, se não podemos realmente visitar quem lá está, e retornar, exatamente como eu fazia quando passava pela Tijuca. A Tijuca onde minha amiga mora está hoje inacessível para mim...

Se eu creio que ela ainda existe? Claro que sim, mas isto não me serve exatamente de conforto. Não é isto o que me conforta, se querem saber.

Não me conforta, pois não sei o que ela anda lendo, nem quais gatos ela cria hoje, nem mesmo que tipo de videogame ela anda jogando do outro lado do véu. Serão games mais modernos, ou aqueles clássicos que jogávamos na sua casa? Isto que eu não sei!

A questão não é, portanto, se ela ainda se lembrará do meu nome quando me encontrar noutro canto do Cosmos. A questão é que ela será muito diferente, e eu também, pois estamos sempre mudando, sempre morrendo e renascendo. E terá passado muito tempo, então quem seremos nós um para o outro?

Seremos ainda poetas? Talvez... O que me conforta é saber que pelo menos o time de futebol ela irá manter. Então, como nossa única briga foi por causa de futebol (e prometemos nunca mais brigar por causa disso), eu espero poder encontrar com ela para pode instigá-la e brigarmos outra vez (e quebrar a promessa): “E o seu time hein? Meia vida depois, ainda sempre vice!”.

De resto, o que sobra? Só a saudade, e palavras escritas em sangue...

Ela fazia muitos planos

Eu só queria estar ali

Sempre ao lado dela

*Sei que ela terminou
O que eu não comecei
E o que ela descobriu
Eu aprendi também, eu sei*

*E eu dizia: Ainda é cedo
cedo, cedo, cedo, cedo...*

[*Ainda é cedo* (trecho), Legião Urbana]

Eu não me importo em ocultar que muito da minha poesia é escrito com sangue:

*Já se perguntou, amiga, o que aqui fazemos?
Nesse telhado, de frente para o luar,
E os espaços infinitos entre as estrelas,
E os espaços finitos entre todos nós...
Já se perguntou, alguma vez,
O que será que estamos a observar?*

*(...) Será que existe o telhado?
Será que existe essa conversa?
Será que existem gatos a pular?
Ou, antes de tudo isso,
Existem amigos, e amizades,
Existem seres conscientes de si,
E consciências etéreas, esvoaçantes...
Indetectáveis senão pelo amor, e pela dor,
De observar ao mais belo luar
Sem ter minha amiga para conversar?*

[*A conversa (que não houve)* (trecho), Rafael Arrais]

Na poesia, mesmo as cascas de sentimento parecem conseguir trazer algum resquício metafísico do sentimento, da sensação, da intuição, do amor e da alma do mundo... Ou pelo menos foi tudo isto que aprendi com minha amiga.

No filme de Renato, a personagem que é sua melhor amiga, e para quem ele supostamente compõe *Ainda é cedo*, se trata na realidade de um amálgama das três melhores amigas da sua juventude. Além de tudo, ela ainda está lá, ela reaparece.

No meu caso, será um pouco mais complicado. Por isso chorei daquela maneira no cinema, hoje sei. E por isso continuarei chorando sempre que calhar de relembrar minha amiga, hoje também sei. Mas ainda que seja tão dolorido tudo isso, há um alento, uma consolação, que não tem absolutamente nada a ver com vida após a morte...

Tem a ver com esta vida, que necessita ser vivida intensamente, como se não houvesse o amanhã que na verdade não há. Conforme os estoicos diziam: é preciso viver atento ao chamado do Barqueiro. Isto que vivemos aqui é somente a aventura de um naufrago em meio ao Oceano. É preciso estar atento, pois o Barco ainda irá velejar para muitas outras ilhas, e cruzar com muitos outros faróis a iluminar a neblina espessa. E não somos somente nós a navegar: cada um está a seguir o seu caminho!

Se ainda sofro com a ferida aberta da saudade? Sofro, e choro, e sangro!

Mas é melhor amar e perder que nunca haver sequer amado. É melhor ter uma poetisa somente na memória do que não a ter em canto algum, por antes nunca a haver conhecido... E que privilégio, que privilégio foi a ter conhecido!

De resto, o que sobra? Apenas a selvageria e a compaixão...

*Depois de ter-lhe revelado tanto,
O que eu tenho,
Para minha causa?*

*Para meus prantos?
O que eu toquei,
O que eu senti?
Entre suas muitas faces?
Escondidas dentre mil mentiras?*

*(...) Depois de procurar todo esse tempo,
O que eu chorei,
O que eu quebrei?
A não ser meu ser incomodado,
A não ser minhas marés de vaidade?
Envoltas por poemas e livros,
Dentre selvageria e compaixão.*

[*Poema sem título* (trecho), Flávia Lopes]

Outra coisa que passa pela minha mente de vez em quando é uma pergunta estúpida: “Se eu pudesse trocar todo este blog, e tudo o que consegui com ele, pela vida de minha amiga, eu trocaria?”.

Sim, é uma pergunta estúpida e os estoicos também já sabiam disso: há coisas que nos cabe decidir, e há outras, muitas outras, que estão além da nossa capacidade de escolha...

Esta pergunta não tem resposta, pois a Natureza é simplesmente como é, e o tempo, passado ou futuro ou eterno, é apenas este momento e o que fazemos dele...

E eu sei meu amor, que disciplina é liberdade, e compaixão é fortaleza, e ter bondade é ter coragem, e também sei que lá em casa há um poço de águas tão límpidas e cristalinas. Mas, ainda assim, *eu trocaria...* Se pudesse, trocaria, e nem pensaria muito sobre o assunto.

Como ti, amiga, continuarei buscando. Continuarei buscando...
Afinal, ainda é cedo...

*Busco um canto
em que todas as crenças,
se consumam,
e todas as raças
se despatriotizem,
e todas as doenças
se extingam,
e todos os braços
se encontrem.*

*Busco um canto
em que a paz
se solidifique,
em que os sábios
não se corrompam,
e que as luzes
jamais apaguem.*

*Busco um canto
em que toda humanidade
em uníssono,
acompanhe,
e que a melodia,
atravesse séculos
de progressos e sangue,
e nos traga de volta
o dom da eternidade.*

[*Eternidade* (trecho), Flávia Lopes]

Sou poeta e cronista – o lirismo é a amálgama destes dedos, confronta a vicissitude de meus passos. Conheci, desde a infância, o poder incutido na alma das palavras, como moldá-las, seduzindo cada frase, ora liberta e sem destino, repentina, ora trabalhada. Se me privassem de tal dom, necessidade ou vício, decerto enlouqueceria...
(Flávia Lopes)

A TRUPE DOS FANTASMAS DRAMÁTICOS

21.08.2007

Além da vida, só há estagnação, o nada. Morte não existe, a sua volta sempre foi tudo assim, uma sinfonia eterna de vida abundante. A vida não se controla, não se manipula... Muitos foram os que tentaram governar as vidas dos outros, mas esses foram tão pequenos e ignorantes que sequer olharam para si mesmos; ou teriam percebido que ninguém governa, ou pensa, por ninguém. E são muito poucos os que o conseguem fazer por si mesmos... Melhor se aquietar e tentar compreender a própria vida, que já há de se fazer muito para desvendar e, quem sabe um dia, governar a nós mesmos.

Não há que se ter medo da vida, há apenas que se agir com o tempo que nos é dado, escolher com o discernimento que podemos alcançar até aqui; e amar o resultado, sempre tão imprevisível, deliciosamente desconhecido, mas que há incontáveis eras tem só nos feito evoluir. Progredir sempre, tal é a lei.

Não há que se ter dó, nem pena, nem tristeza demasiada, por tudo o que ocorre aos que estão a nossa volta. Pois que se, desde o início, tudo não houvesse propósito, tudo não fosse cuidadosamente organizado, nada haveria de ter progredido, e o futuro seria sempre mais caótico e tenebroso que o passado... Mas não, não foi assim, não é assim, então porque imaginamos que todo o infortúnio é uma tragédia? Algo para motivo de pena?

A tragédia do ser, e do mundo, é a estagnação... É o pensamento contido pelo dogma, a desistência de se querer ir mais além, além da

estrela mais distante, além do campo quântico mais incompreensível. Mas na vida tudo é mudança, tudo é dinâmico, sem que nada se perca realmente. Tudo se transforma, principalmente a dor!

Não há que se dramatizar a existência, como se fossemos os personagens principais de uma história escrita apenas para nós, e onde ninguém mais pudesse demonstrar pesar e sofrimento, apenas os astros principais. Reconheça que você não é nem nunca foi o roteirista de sua própria saga... Deixe o drama para o teatro e as demais artes, pois que ali ele serve para destacar algo de belo, seja na luz ou na escuridão.

Em nossas vidas, o drama de nada serve, a não ser para retardar o progresso que deveria estar ocorrendo nesse exato instante, mas que dá lugar a uma trupe de fantasmas dramáticos, cuidadosamente ensaiados para nos manter presos ao próprio umbigo.

Sigamos a frente. Sem medo, sem dó, sem drama. Com a face plena, fitando o caminho à seguir, e com a alma transbordando de entusiasmo por tudo aquilo que nos falta aprender...

OBITUÁRIO

12.04.2012

Era noite nos arredores do jardim da cidade, e o neófilo, curioso como sempre, sentiu-se atraído por aquele grupo de pessoas em volta de uma fogueira. O clima era úmido. Gotículas d'água pairavam como diminutos duendes pelo ar, cavalcando aleatoriamente as brisas, juntamente com pequeninos pedaços de madeira ainda chamuscada pelo fogo, que mais pareciam fantasmagóricas estrelas, ou vagalumes... Assim que chegou mais próximo, perguntou ao primeiro que o observou:

“Que é essa reunião na calada da noite?”

“Um velório.”

“Velório? Mas não vejo ninguém de preto, nenhum pranto, nenhum caixão...”

“Exato, é um velório sem cores de roupa pré-estabelecidas, sem caixão, e onde a tristeza se mistura com a felicidade e, dessa forma, não há pranto, apenas um doloroso lamento.”

“E vocês estão felizes pelo morto?”

“Claro, como já lhe disse: felizes e tristes, ao mesmo tempo...”

“Quem era, se me permite indagar?”

“Ninguém em especial, pelo menos para os desconhecidos. Para os amigos, no entanto, era um filho do Sol e das estrelas. Uma luz que se precipitou no mundo, tal qual estrela cadente, e pôde aquecer aos corações daqueles que a enxergaram de longe, e se dirigiram até ela.”

“Era algum santo, portanto?”

“Muito pelo contrário. Na verdade, um dia ele me disse – ‘Meu amigo, a maior armadilha que se ergue para esse caminho que escolhemos é nalgum dia cremos que somos alguma espécie de santo, e pior: nalgum dia algum louco acreditar nisso!’”

“E qual era esse tal caminho de vocês?”

“Era não: foi, é, e sempre será. O caminho do autoconhecimento.”

“Interessante. Então vocês todos aqui são sábios?”

“Sábio é aquele que conhece sua própria essência... Acho que ainda estamos no caminho, e não me parece ser tão curto, nem tão

simples. Mas, pé ante pé, espero um dia chegar nalgum lugar um pouco mais distante de onde iniciei quando nasci para o mundo...”

“E como se caminha neste tal caminho?”

“Ah, existem muitas formas, meu caro... Podemos escalar as estátuas dos gigantes de outrora e, escorados em seus largos ombros, fazer com que a larga pedra uma vez mais caminhe à frente. Podemos sair pelo mundo, sem destino estabelecido, mas sabendo que ao fim de cada dia seremos obrigados a ter conhecido pelo menos um único novo amigo. Podemos montar um telescópio e com ele observar a luz mais antiga ao nosso alcance na imensidão da noite, mas contanto que o usemos para catalogar também as constelações de nossa própria alma. Podemos também aprender a escalar algumas montanhas ao nosso alcance, não somente para admirar a vista, mas principalmente para observar as carroças que seguem pelo vale do horizonte, e memorizar os sulcos que suas antigas rodas criam pela estrada... Enfim, são muitas formas de caminhar, mas no fundo há um só caminho.”

“Mas, e o morto, ele conseguiu chegar a algum lugar importante do caminho?”

“Bem, isso eu não sei, pois somente o ser pode realmente saber. Mas um dia soube através dele que ele tinha chegado a um descomunal precipício que demarcava a fronteira de dois grandes países, e que desde então vinha construindo uma ponte – um tanto quanto precária, já que ele nunca foi exatamente um engenheiro no assunto – de cordas desgastadas e tábuas de madeira velha, com a qual pretendia atravessar para o outro lado...”

“Nossa, que arriscado... Mas, e quais eram tais países separados por fenda tão imensa?”

“Ah, disse eu sei muito bem: um é o País da Morte, onde tudo é estritamente reduzido a pequenos pedaços do saber, tudo racional, programado, frio e robótico; já o outro, onde ele procurava chegar ao atravessar a ponte, é o País do Amor, onde tudo é conectado por belos fios de uma imensa teia de luz, tudo sensação, desprogramado, quente e vivo.”

“E ele queria atravessar do país frio para o quente, da morte para a vida?”

“Não sei ao certo. Era isso que pensava a princípio, mas um dia, já perto do dia de sua partida derradeira, ele me disse que havia finalmente fincado a outra extremidade da ponte no País do Amor, e pôde visitar brevemente alguns de seus vilarejos...”

“E o que ele lhe disse que viu por lá?”

“Não viu nada. Disse que não havia nada o que se ver, apenas o que sentir... E disse ainda mais: que assim que pensou os mesmos pensamentos dos seres que lá viviam, percebeu que não era propriamente uma ponte que ele esteve todo aquele tempo a construir... Não uma ponte, mas um fio de ligação entre os dois países.”

“Ora, mas então ele queria aproximar um país do outro?”

“Sim, parece estranho não? Mas é que no fundo, acho que ele descobriu: não é que existam dois países separados, mas é que alguns de nós pensam num país, e outros pensam noutro. E, dessa forma, ambos os países são habitados... Provavelmente o País da Morte esteja já lotado de gente, e a intenção dele era atrair mais gente para o País do Amor. Era como se ele fosse um turista que voltou de uma ilha paradisíaca e agora a estava anunciando para os outros.”

“Mas, e o que ele ganhava com isso?”

“Ele? Acho que nada... Ganhava o mundo todo. Ele costumava dizer assim: ‘O meu trabalho é melhorar a vizinhança. Se a vizinhança melhora, talvez um dia nem precisemos buscar ao Céu em algum outro lugar, que ele já estará instaurado no próprio mundo’”.

“Que bonito. Mas que pena ele ter morrido, gostaria de conversar com ele sobre o assunto...”

“Aí é que está, por isso estamos todos aqui. Ainda podemos conversar com ele.”

“Mas como?”

“Ora, eu não disse que ele era um filho do Sol e das estrelas?”

“Disse. Mas disse também que ele não era um santo, nem ninguém em especial...”

“Exato. Mas eis que, agora também sabemos: todos nós somos filhos das estrelas. De fato, somos formados por pedaços de matéria forjados no núcleo das estrelas, no núcleo do Sol. O que meu amigo fez foi, então, engolir o próprio Sol... Foi assim que ele explodiu em milhões de pedaços de luz, que até hoje pairam pelo ar, como pequenas estrelas ou vagalumes. Assim, ele me disse: ‘Se nada mais der certo, pelo menos a luminosidade do que fui ficará ainda guardada no coração e na mente dos meus amigos, daqueles que tive a felicidade de compartilhar o amor. E, dessa forma, eu também serei imortal, eu também serei mais um da raça dos deuses’”.

A.’A.’.

Notas do segundo capítulo

[1] Boa parte dos três primeiros parágrafos foi retirada de um artigo do escritor Pedro Mundim, também intitulado *O sexo e a morte*.

[[voltar](#)]

[2] Mas Sêneca, por sua vez, teve um final bem mais dramático, condenado injustamente ao suicídio (sem julgamento), pela acusação de ter tramado para o assassinato do imperador Nero – na morte, porém, provou que uma vida de filosofia não foi em vão, foi-se “de modo muito sereno”. [[voltar](#)]

3. Da existência

EU NÃO ACREDITO EM IDADE

14.11.2013

Sim, esta é uma frase que sempre digo as pessoas quando o assunto envolve o tema “idade”. A maior parte delas apenas desconversa ou ignora completamente o que foi dito. Algumas ficam admiradas e me olham com uma aparência confusa: “Hum, isto deve ser algo muito profundo, melhor não perguntar nada”. E somente umas poucas chegam a me perguntar: “O que você quer dizer com isso?”. Penso que está na hora de responder...

Primeiramente, é importante frisar que esta é uma das conclusões puramente intuitivas que trago de minha infância. “Eu não acredito em idade, eu nunca acreditei em idade” – é algo que simplesmente “nasceu comigo”, se é que é possível dizer. Não foi algo que li nalgum lugar, e nem mesmo algo que, somente pelo fato de haver lido em algum lugar, se tornaria parte da minha essência. Eu não acredito em idade, é parte da minha essência, e desde minha infância tenho tentado descobrir o que exatamente isto significa.

Quando pensam em idade, a maioria das pessoas pensa – conscientemente ou não, quer admita ou não – em uma espécie de relógio de areia onde cada grão que escorre pela fresta abaixo é um dia a menos, um dia que ficou para trás. E, da mesma forma, quanto menos grãos de areia restam na parte superior do relógio, menos tempo há para viver. Neste sentido, falar em idade é basicamente falar em morte: quanto maior o número, quanto mais próximo dos 70, 80, 100 anos, mais próxima estará a morte.

Eu ainda vou retornar ao assunto, mas por agora gostaria apenas de deixar claro que o fato de eu não crer em idade não significa que ignore a existência da morte. Da mesma forma que não ignoro que, com o passar das horas do dia, e com o pôr do sol e a chegada da noite, eventualmente irei deitar minha cabeça num travesseiro e dormir (a não ser que esteja jogando RPG ou numa *rave*, mas isto tem sido cada vez mais raro em minha vida, para o bem ou para o mal).

Dito isto, após muito refletir cheguei a conclusão de que para mim existem em realidade três tipos distintos de “idades”. Embora eu creia nas três, talvez percebam que nenhuma delas tem relação direta com o que as pessoas usualmente chamam de idade.

A primeira idade em que tenho fé é a idade fisiológica. Ora, seja lá o que seja o “eu” ou a alma, é certo que, ao menos neste mundo, habitamos um corpo humano. E este corpo humano possui diversas características, físicas e mentais, que são desenvolvidas ao longo da infância e da juventude, até a chamada idade adulta. Diz-se que um adulto é um ser humano que vive numa sociedade onde o texto de algum pedaço de papel afirma que, de acordo com sua idade, ele pode se casar, ter relações sexuais, votar, dirigir um automóvel, etc. O valor numérico dessas idades varia de acordo com a região e a cultura do planeta. Na África há muitos adultos com 13 anos, enquanto que na maior parte do globo a idade da maioridade é 18 (19 na Coreia do Sul, 20 no Japão e 21 nos EUA). Como eu sou um sujeito que segue a maior parte das leis, sou obrigado a concordar e botar fé em tais números.

Mesmo o cérebro humano, dizem os neurologistas, tem suas “idades”. Por hora do nascimento, um cérebro humano pesa cerca de 350 gramas e tem $\frac{1}{4}$ do tamanho de um cérebro adulto. Com um 1 ano de idade, já tem o dobro do peso, 700 gramas, e metade do peso da versão adulta. Aos 6 anos, já tem 90% do tamanho final. Aos 12 anos, o córtex pré-frontal atinge sua fase final de desenvolvimento, que abrange toda a adolescência. Recentemente, cientistas têm discutido se este desenvolvimento não ultrapassaria em muito a idade

dita adulta, geralmente os 18 anos, para terminar ainda muitos anos depois – o que estenderia, teoricamente, o tempo da adolescência, pois somente um “adulto com o córtex pré-frontal plenamente formado” teria condições de pensar com “toda a racionalidade condizente a fase adulta”...

Desta forma, ainda que eu acredite na idade fisiológica, isto por si só não me dá certezas se este ou aquele jovem já é mesmo adulto, se tem sua racionalidade “plena”, ou se ainda está em fase de desenvolvimento. Por via das dúvidas científicas, digamos que alguém na casa dos 30 anos estaria plenamente desenvolvido. Este sou eu: plenamente desenvolvido e, segundo uma amiga minha bem mais jovem, “já meio velhinho”.

E isto me leva para a segunda idade em que acredito, a idade espiritual. Bem sei que muitos aqui não irão concordar, mas fato é que também, desde minha infância, apesar de crer na morte, também creio na existência pós-morte e, da mesma forma, na existência pré-nascimento. Ou seja, não é que eu creia em vida após a morte, mas creio, isto sim, em vida após a vida, e em vida antes da vida. Creio em muitas e muitas vidas, enfim, e isto também está intimamente associado a intuições e lembranças de minha infância.

Quero lembrar que não é minha intenção “evangelizar” esta crença adiante, mas apenas explicar os motivos de minha descrença em idade – motivos, portanto, subjetivos. Dessa forma, para não me alongar muito, basta dizer que, quando lembramos de outras vidas e outras mortes, quem sabe da mesma forma que lembramos de viagens de nossa infância, ou do dia em que desmaiamos durante nosso primeiro porre alcóolico (embora eu não tenha tido tanta sorte, pois tenho uma grande dificuldade em perder a consciência), toda a vida atual é vista por um outro aspecto, um outro ângulo.

Dessa forma, se alguém me diz que estou “meio velhinho”, isto para mim faz tanto sentido quanto dizer que eu estou “há muito tempo nesta viagem de trem”. Não importa se os outros cismam em contar as horas até a próxima estação, eu não preciso mais me

preocupar com isso, pois sei que a próxima estação é somente isso: mais uma estação nesta viagem infinita pelo Cosmos. Estação Terra, estação anos-luz da Terra – tanto faz, são todas estações.

Eu não sei se consegui me fazer compreender, pois isto é difícil de explicar com palavras fora de poemas, mas em todo caso acredito que a próxima idade ainda será esclarecedora...

Finalmente, creio na idade das montanhas.

Cícero dizia que “filosofar é aprender a morrer”. Há muitos que se admiram até hoje com Sócrates mais por sua serenidade ante a morte do que propriamente com suas ideias (“Mas eis a hora de partir: eu para morte, vós para a vida. Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe, exceto os deuses” [*Fédon*, Platão]).

Já Schopenhauer, influenciado pelas ideias religiosas do Oriente, afirmava que “para seu enorme espanto, um homem se vê de repente existindo, após milhares de anos de não existência; vive por algum tempo, e então transcorre de novo um período igualmente longo em que ele não existe mais. O coração rebela-se contra isso, sentindo que não pode ser verdade.” [*O vazio da existência*, Arthur Schopenhauer]

Há muitos pensadores modernos, como Jim Holt, que não têm tanta fé na existência pós-morte, e admitem a plenos pulmões o seu grande medo do Nada: “O medo da morte vai além da ideia de que o fluxo da vida continuará sem nós [...]. É a perspectiva do Nada que provoca em mim certa náusea – senão puro e simples terror. Como encarar esse Nada?”. [*Por que o mundo existe?*, Jim Holt]

Epicuro, apesar de tampouco crer na existência após a morte do corpo, lidava com o tema de forma muito natural: “Quando a morte está, eu não estou. Quando eu estou, ela não está. A morte, o dito mais terrível dos males, não significa nada para mim”. [*Carta a Meneceu*, Epicuro]

Dessa forma, não é bem a crença em existências anteriores e posteriores a esta vida, a esta estação, que nos alivia do peso da morte, do peso do Nada. Este peso não tem propriamente a ver com um medo paralisante de algo que um dia chegará, e que está neste momento sendo contado no relógio de areia que chamamos idade; este peso tem a ver com uma falta de sentido existencial, um vácuo aberto dentro do peito, um grande tédio, um Nada que pela lógica jamais pode haver existido, mas que não obstante pode nos atormentar por cada momento da vida.

Filosofar pode ser, de fato, aprender a morrer. Tanto quanto aprender a morrer é aprender a subir montanhas...

Uma outra coisa que trago da minha infância é a Serra da Mantiqueira, ao sul de Minas Gerais. Isto já não tem nada ver com lembranças de outras estações, mas com a suprema sorte de haver, nesta mesma estação, tido a oportunidade de passar proveitosos períodos de férias em um hotel fazenda de minha família.

Foi na Mantiqueira que aprendi a subir e subir, por entre florestas antigas que estão por lá há centenas de estações, pisando em rochas que sobrevivem há milhares, há milhões de anos!

Foi na Mantiqueira que aprendi a olhar para baixo do topo do mundo, e observar (mesmo antes de voar de avião) como há tantos e tantos homens e mulheres e crianças brincando em seus terrenos pequeninos, em suas fazendas pequeninas, em suas casas de brinquedo, em suas caixas de areia.

Eles juntam montes de areia, colocam seus enfeites e um telhado para proteger das chuvas. Eles vivem lá boa parte de suas vidas. Eles guardam por lá boa parte do que amontoaram em suas viagens. Eles mal sabem quantas montanhas e estações existem pelo Cosmos...

O que a idade das montanhas me ensinou, e tem até este momento me ensinado, é que não devemos por certo entrar em pânico ante ao Nada. Se iremos dormir para não mais acordar, ou se iremos sonhar com outras viagens e outras estações, fato é que nada do que somos,

nem mesmo do que nos forma, pode de fato ser aniquilado, arremessado ao Nada.

Pois as montanhas são a prova de que o Nada não existe. Elas estão lá, imponentes, acima de todos nós, nos lembrando de que há coisas maiores, bem maiores, cósmicas, que existiram e continuarão a existir muito após esta nossa pequena viagem.

E se vamos acordar para um novo sonho ou não, pouco importa. O que importa é não deixar o entusiasmo escapar por entre os dedos da alma. Que se vamos ou não deixar de existir um dia, isto não é algo que seja definido, de forma alguma, por nossa idade. E eu não acredito em idade.

EXTERIOR – INTERIOR

26.04.2007

Exterior

Narra-se que um peixe ficava sempre deslumbrado quando uma gazela dos prados vinha beber no lago onde ele vivia. Acostumou-se, de tal forma, que um dia se lhe acercou e tentou um diálogo com o belo e veloz animal.

Timidamente, depois, sentindo-se aceito, com mais franqueza, interrogou: “Onde você vive?”, ao que o animal respondeu, sorrindo: “No mundo imenso”.

Curioso e feliz, voltou a indagar: “E esse mundo imenso, é do tamanho do meu lago?”

“Não, não!” – respondeu a gazela, com jovialidade – “É muito grande, muito grande mesmo.”

Algo assustado, o peixinho insistiu: “Diga-me, por favor, é duas vezes, cinco vezes ou dez vezes maior do que o meu lago?”

E ouviu a resposta que o estarreceu: “É infinitamente maior, sem qualquer possibilidade de ter-se uma medida de seu tamanho.”

O peixinho, antes sorridente, olhou a gazela feliz, e concluiu o diálogo: “E você não tem medo de viver nele? Pois eu teria, sim.” E mergulhou nas águas amigas, aturdido e desconfiado com o exagero daquele animal presunçoso.

*Toda pequena gota de chuva que cai na terra
Não demora muito a encontrar uma poça
Essa que um dia será levada pelo tímido riacho
Aos poucos crescendo revoltoso
Chegará a cachoeiras e deltas
E, finalmente, ao vasto Oceano...*

Interior

Questão 919 do *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec: “Qual o meio prático mais eficaz que tem um homem de se melhorar nesta vida e de resistir a atração do mal?”

“Um sábio da antiguidade lhes disse: Conhece-te a ti mesmo.” – responderam os espíritos.

O reino de Deus está dentro de vós. Lucas (17:21).

*O conquistador partiu de seu país cheio de pompa e estandartes
Deixou para trás sua família e foi atrás do horizonte
E conquistou todas as cidades por onde passou
E pilhou as que não valia a pena conquistar
Até que no fim do mundo chegou:*

*Havia dado uma volta em torno de seu próprio império;
E viu que, não havendo nada mais para conquistar,
A vida já não lhe parecia tão emocionante.
Ó conquistador, mais uma vida procurando lá fora
O que nunca encontrou aí dentro;
Teria sido melhor conquistar a si mesmo,
E ter de fato conquistado alguma coisa real.*

OS PEQUENOS SELVAGENS

09.02.2009

Era 1920, o reverendo Jal Singh, missionário anglicano, liderava aldeões em uma caçada nos arredores de Midnapore, a oeste de Calcutá, na Índia. Esses aldeões eram acostumados a caçar todo tipo de animal selvagem nas redondezas, mas dessa vez sua caçada era algo mais exótica: eles buscavam as meninas Amala e Kamala, que boatos diziam, haviam sido largadas nas florestas da região quando ainda bebês, e então foram “adotadas” pelos lobos, e passaram a viver como seres selvagens, embora humanos.

O que parece uma ficção, em realidade, é algo que, embora muito raro, já foi descrito muitas vezes na história antiga, e entre os povos rurais. Amala e Kamala realmente existiram. Quando foram abordadas, sua mãe loba as tentou proteger, e foi abatida pelos aldeões. Jal Singh acreditava que as estava tirando “da mão do demônio”, e as conferindo uma oportunidade de serem humanas, educadas, instruídas em sua religião e, finalmente, ganharem os céus ao aceitar Jesus como seu único salvador.

Infelizmente não foi bem o que ocorreu. Elas tinham provavelmente entre dois e oito anos, Singh as descreveu, “caninos alongados, queixo retraído, olhos que brilhavam na escuridão”. Amala era a mais nova, e morreu em um ano de “cativeiro”, sem nunca ter aprendido a falar ou sequer caminhar de forma ereta. Kamala sobreviveu até 1929, tempo em que aprendeu a comer

alimentos cozidos (e não carne crua, como anteriormente), andar ereta e falar cerca de 50 palavras. Singh deve ter lamentado, não era o suficiente para que compreendessem Jesus, nem para que chegassem aos céus.

Na Idade Média, as crianças criadas pelos animais eram vistas como símbolo do caos, da insanidade, heresia, maldição de Deus. Mais tarde, o iluminista Rousseau envolveu todos os homens não-civilizados em uma aura de pureza e harmonia com natureza, chamando-os de “nobres selvagens”. Mas o fato é que isso tudo apenas nos demonstra o quanto precisamos uns dos outros, o quanto estamos encadeados na teia da vida: o homem é um ser de potencialidades, mas essas precisam ser despertadas para florescer.

Fosse Mozart criado por lobos, teria sido um gênio da música? Decerto que não, decerto que se não houvesse sido apresentado pelo pai a um piano ainda muito pequeno, não teria sido tão genial. Todo espírito humano traz nos calabouços do inconsciente toda uma história de evolução cognitiva, história essa que a ciência ainda não compreende como pode ser passada geração a geração, visto que genes determinam apenas características físicas, e não morais ou cognitivas...

Essas “potencialidades da alma”, no entanto, como bem lembrou Agostinho de Hipona no livro homônimo (também herança do pensamento de Sócrates – “conhecer-se é relembrar”), dependem de serem despertadas, dependem de serem desenvolvidas em prol de toda a humanidade. O ser humano criado por lobos será não muito mais do que um lobo, mas o lobo criado por seres humanos não possui essas potencialidades, e assim será, no máximo, um lobo “menos feroz”.

Fôssemos um povo consciente de sua herança ancestral, de sua longa ligação com todas as formas de vida nessa Terra, em vidas e vidas de evolução cognitiva e moral (em paralelo com a evolução tradicional esclarecida pela teoria de Darwin-Wallace), não deixaríamos nossas crianças para serem devoradas nos ermos, mas da mesma forma, não assassinaríamos os lobos que cuidaram de nossas crianças, pois que nesse sistema sagrado cada um recebe a

responsabilidade que lhe compete: o lobo que criou a criança é um animal em vias de emancipação da consciência; o homem que matou o lobo e pretendeu “salvar” a criança é um ser consciente ainda preso na própria ignorância e preconceitos.

Nos dias que se seguem, o homem finalmente compreendeu que tudo o que faz a Natureza, faz a si mesmo. Agora chegou a hora de voltarmos a viver, e não apenas sobreviver. Chegou a hora de lembrarmos dos índios e aborígenes que sempre souberam de seu lugar no grande esquema das coisas. Chegou a hora de nos reconectarmos a Natureza, de curar todo mal feito, e de sermos tão puros quanto Amala e Kamala, porém no exercício pleno de todas as nossas potencialidades... Não vamos mais negar quem somos, e o que viemos fazer nesta Terra.

TECENDO SENTIDOS

29.03.2010

O neurologista Oliver Sacks costuma se referir a si mesmo como um “cientista romântico”, ele acredita que a mente não pode ser descrita de maneira mecanicista, e que a neurologia moderna só será completa quando considerar a forma icônica e sentimental com que experienciamos a consciência e armazenamos nossas memórias.

Seus livros são verdadeiros dramas, descrevendo casos neurológicos sempre no contexto da vida e experiência pessoal de cada paciente. Muitos desses casos são devastadores, e somente a habilidade com a escrita (ele tem vários *best-sellers* no mundo todo) do autor faz com que a leitura seja pouco menos impactante do que um soco no estômago...

Sacks faz questão de destacar que cada doença é uma história, principalmente em se tratando de doenças da mente, algo ainda tão desconhecido, tão distante da visão mecanicista da ciência moderna. Em muitos casos as habilidades perdidas são compensadas por novas habilidades ganhas, o que fica muito bem explicado nos diversos

casos de *autistas savants* descritos em seus livros – e principalmente no caso de Temple Grandin (tema principal do *Um antropólogo em Marte*).

Em seu livro *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*, ele faz uma curiosa classificação dos diversos tipos de doenças mentais:

(1) Perdas – quando a mente perde habilidades de interpretação da realidade que nos chega pelos sentidos;

(2) Excessos – quando a mente se torna incapaz de filtrar a informação que nos chega a cada segundo, e fica em uma espécie de “curto-circuito mental”;

(3) Transportes – quando a mente perde a capacidade de diferenciar o sonho da realidade, no que muitas vezes pode ser considerado um misto de doença com experiência mística;

(4) O mundo dos simples – que descreve os retardos mentais, sempre considerando que a mente de um retardado é “muito mais do que se pode ver a primeira vista”.

Nota-se em seus livros, sobretudo, a busca incansável pela essência de nós mesmos, pelo mistério que se esconde entre a consciência e a inconsciência, pelo verdadeiro eu que interpreta a realidade, e não poderá nunca ser reduzido a mero computador, a computar – e não computar e interpretar e elaborar respostas morais – a informação sensorial.

Em muitos casos, mesmo os mais extremos, Sacks consegue identificar esse *eu profundo*, lutando para se impor sobre as dificuldades da doença e produzir um novo sentido para sua própria existência. Mesmo que oculto em meio à escuridão de certas doenças, o eu sempre é capaz de voltar à tona, seja ouvindo música, seja produzindo arte, seja exercendo a espiritualidade. Em nenhum momento Sacks fala em assuntos metafísicos – toda sua ciência é perfeitamente compatível com a matéria –, mas ele sempre leva em consideração que a ciência atual não tem uma resposta bem

elaborada para o que diabos possa ser este eu profundo a tomar as rédeas da própria consciência, essa essência do ser que não é perdida nem nos casos mais extremos...

Particularmente nos casos de amnésia extrema, quando os pacientes perdem por completo a capacidade de reter novas memórias por mais do que alguns momentos – alguns, menos de um minuto –, percebemos o quanto essa busca pelo eu profundo pode ser complexa. Porém, mesmo nesses casos, onde o ser vive em um eterno e confuso presente, a essência não é perdida. Fica ela lá, armazenada em algum lugar entre o cérebro e a mente, em alguma gaveta etérea da consciência, sempre esperando pelo próximo sinal capaz de fazê-la emergir da escuridão do não-ser.

Uma melodia, o tocar das teclas de um piano, uma oração, seja o que for: se é que somos computadores, fomos “programados” para tecer sentidos. Se tudo o que somos é um tilintar aleatório de partículas no cérebro, se somos pouco mais do que “coisas biológicas”, que pelo menos não se afirme que muitos de nós se recusaram a se deliciar com a “doce ilusão” do ser. Que não se diga que muitos de nós se acomodaram em serem máquinas, e não almas!

Afinal, o que seriam nossas memórias, nossos registros atemporais da existência? Sabemos que ficam em nosso hipocampo, mas e daí? O que isso significa? Sacks passou boa parte da vida tentando resolver tal mistério (citando o pós-escrito do caso intitulado *Reminiscência* em *O homem que confundiu...*):

“Estimule-se um ponto no córtex de um paciente assim [descrevendo casos de “alucinações musicais”] e desenvolve-se, convulsivamente, uma evocação ou reminiscência proustiana. O que serviria de intermediário para isso? Que tipo de organização cerebral poderia permitir que isso acontecesse? Nossas concepções atuais sobre o processamento e representação cerebral são todas essencialmente computistas. E, como tal, são expressas em termos de “esquemas”, “programas”, “algoritmos” etc.

Mas será que esquemas, programas e algoritmos nos fornecem, por si sós, a qualidade ricamente visionária, dramática e musical da experiência – a vívida qualidade pessoal que faz dela uma “experiência”?

A resposta é, claramente, e até mesmo com veemência, “Não!”. Representações computistas jamais poderiam, por si sós, constituir representações “icônicas”, as representações que são o encadeamento e a essência da vida.

Assim, surge um hiato, na verdade um abismo, entre o que ficamos sabendo por nossos pacientes e o que os fisiologistas nos dizem. Existe algum modo de transpor esse abismo? [...] Existem conceitos além dos da cibernética com os quais possamos compreender melhor a natureza essencialmente pessoal [...] da mente?”

Sacks prossegue citando Charles Scott Sherrington em seu livro *Man on his nature*, onde este imagina a mente como um “tear encantado” a tecer padrões mutáveis, porém sempre significativos – tecendo padrões de sentido:

“Esses padrões de sentido transcenderiam programas ou padrões puramente formais ou computistas e dariam margem a qualidade essencialmente pessoal que é inerente a reminiscência, inerente a *todamnesia*, *gnosis* e *práxis*. [...] Padrões pessoais, padrões para o indivíduo, teriam de possuir a forma de scripts ou partituras – assim como padrões abstratos, padrões para computador, têm de estar na forma de esquemas ou programas. Portanto, acima do nível de programas cerebrais, precisamos conceber um nível de scripts e partituras cerebrais.

[...] A experiência não é possível antes de ser organizada iconicamente; a ação não é possível se não for organizada iconicamente. O “registro cerebral” de tudo – tudo o que é vivo – tem de ser icônico. Essa é a forma final do registro cerebral, muito embora o feíto preliminar possa ser moldado como cômputo ou programa. A forma final de representação cerebral tem de ser, ou

admitir, a “arte” – o cenário e a melodia artística da experiência e da ação.”

Tal qual tecedores de tapetes mágicos, somos os eternos artistas de nós mesmos. Ainda que perdidos em poucos instantes de retenção da memória, ainda que tecendo desesperadamente um fio que logo depois se perde na escuridão do não-ser, estamos aqui lutando bravamente. Somos os grandes artistas da vida, resta-nos apenas reconhecer o quão belo e sagrado é todo esse mecanismo que nos permite existir – e existindo, tecer nossa própria história, nosso próprio sentido do existir.

MEIAS VERDADES

31.03.2010

Quando alguém sofre por amor não correspondido, costuma-se dizer que teve uma desilusão amorosa. Ora, e seria melhor viver iludido por um falso amor – ao menos da outra parte –, ou se conformar com a verdade?

Profetas nos disseram que a verdade nos libertará, mas há que se perguntar quantos de nós desejam realmente ser libertos... Há quem postule a possibilidade da vida – toda a realidade –, ser uma ilusão, um sonho sonhado por outro alguém, um farfalhar de partículas em meio ao vácuo, que por alguma estranha razão gera esta “doce ilusão do existir”.

Ainda outros, os seguidores dos manuais de verdades absolutas, preferem deixar toda a inquietação, todo desassossego, com os místicos de eras que não mais existem. É mais simples crer num mundo criado em alguns dias, em animais sem alma a espera de serem subjugados, em pertencer a raça suprema no centro de toda a criação... Sim, é mais simples, contanto que não se pense nas consequências, contanto que se tape os olhos do coração e do

raciocínio. Contanto que se ache confortavelmente estagnado em pensamentos que nunca foram realmente seus.

Dogmas e determinismos, religiosos ou científicos, que realmente são eles, senão a “doce ilusão amorosa”? Ilusão para a qual muitos de nós se encaminham, abominados com a possibilidade da desilusão, com a necessidade de termos de pensar por nós mesmos... Na vida, nos seres, no amor, na morte, na imensidão...

Pois há aqueles que se conformam em estacionar a visão abaixo dos “mistérios de Deus”, ignorando o horizonte a frente. Estes dizem ter fé, e talvez tenham, mas não em si próprios. E ainda há aqueles outros que depositaram tamanha fé na matéria, que creem piamente que ela é capaz de lhes explicar toda a realidade. Tal qual Tomé dizia: “Acredito no que posso ver e tocar”.

Mas mantiveram sua crença, mesmo após sua “divina academia” ter lhes demonstrado que tudo o que veem são fótons, tudo o que tocam é a força eletrostática. Que toda energia e toda matéria surgiram de algum ponto “em meio a lugar algum”; que somos formados por 4% da matéria que por acaso reflete a luz; que por alguma razão as partículas só definem sua posição quando algum de nós as observa. A matéria é então tão mística quanto tudo o mais, cheia de mistérios ainda insondáveis, cheia de nuances que nos escapam a lógica... Ainda assim, estão perfeitamente felizes e satisfeitos em afirmar que ela explica tudo.

É mais fácil deixar que outros pensem por você, porém cedo ou tarde a existência cobrará o seu preço. O abismo entre o ser e o não-ser, entre a vida e a morte, o tudo e o nada, ainda há de lhe chacoalhar todo corpo e toda a alma, ainda há de lhe obrigar a abrir os olhos e perceber que tudo o que há é você... Você a navegar pelo mar infinito do Cosmos, sozinho ou acompanhado – pouco importa –, somente você poderá desvendar o mistério do existir.

Um antigo sábio disse que “todas as verdades são como meias verdades, todos os paradoxos podem ser reconciliados”. Longe de relativizar a existência e reduzir todo conhecimento há algo tão inútil

quanto a discussão se existe o quente ou o frio, a luz ou a escuridão, Hermes Trimegisto estava nos indicando um caminho...

De fato, o caminho da busca da verdade nos liberta, mas não porque encontramos a Verdade Absoluta, e sim porque encontramos a Divina Dúvida. Eis que a verdade se revela sempre em meias verdades, e todo conhecimento gera mais conhecimento, toda busca gera mais busca, toda dúvida resolvida gera mais dúvidas.

Nada está parado no universo, nem as galáxias, nem o Sol, nem a Terra, nem nós mesmos, ou uma pedra, um galho, uma partícula... Tudo vibra, tudo se renova, tudo vive e tudo morre, tudo chega e novamente parte, tudo finda e se reinicia – não há como saber onde uma partícula está exatamente quando não lhe damos atenção, não há como saber até onde esse caminho infinito nos levará.

Porém, ao trilhar tal caminho, ao nos desiludirmos de todos os dogmas – religiosos ou científicos –, ao aceitarmos que navegamos num mar revolto e que nem sempre se pode dizer quando vem uma nova tempestade, podemos finalmente encarar tal horizonte sagrado com os olhos e a mente de quem vive eternamente em liberdade!

Into that heaven of freedom, my Father, let my country awake
(Tagore)

ENQUANTO A BOLA ESTÁ NO AR

04.04.2012

Era o primeiro jogo das finais da NBA de 1992, onde era decidido o melhor time de basquete do mundo, visto que, especialmente naquela época, não se jogava basquete naquele nível em nenhum outro lugar que não nos Estados Unidos, e em nenhuma outra cidade que não em Chicago, onde os Bulls decidiam o título contra os Blazers de Portland. Michael Jordan até então havia ganho apenas um título na NBA, e a partir daquele jogo ficou claro para todos que

ele não só ainda ganharia aquele campeonato e muitos outros, como se firmaria como o maior da história do esporte, como de fato ocorreu.

Mas este artigo não é uma adulação de Jordan, e sim da mente humana, mente esta que ele soube utilizar como ninguém, precisamente no início daquele jogo. Na primeira metade do jogo, Jordan estabeleceu o recorde histórico de maior número de pontos (35) e arremessos de longe (6) para uma final da NBA, que é onde todos dão a vida por cada palmo de campo e cada jogada...

Jordan, no entanto, parecia jogar sozinho: apenas quando acertou o sexto arremesso de três pontos, é que percebeu seu amigo Magic Johnson (outro craque do jogo, que havia se aposentado recentemente) sentado na bancada de narradores, sorrindo largamente. Foi então que Jordan se deu conta, conscientemente, do que estava a ocorrer. Ele deu de ombros, quase como se pedisse desculpas.

“Estava além de mim, era como se eu jogasse por instinto, como se não existisse mais ninguém na quadra, no ginásio inteiro – apenas eu, a bola, e a cesta do outro lado” – admitiu Jordan tempos depois.

Na segunda metade do jogo, ele fez poucos arremessos e anotou apenas mais 4 pontos: não era mais necessário, a vantagem estabelecida fez com que os Bulls pudessem apenas administrar o placar contra os Blazers. Porém, assim que se apercebeu do que estava a ocorrer, Jordan também sabia, em seu íntimo, que não adiantaria mais perseguir aquele “estado” no restante do jogo. Tudo que podia fazer era agradecer por tem chegado lá uma vez mais. Michael Jordan estava *in the zone* (“na zona”), como só os maiores esportistas nalgum dia puderam estar... Dentro de suas mentes.

Estar *in the zone* é um conceito conhecido entre os grandes atletas do basquete que equivale a um certo estado mental onde a pressão de ganhar se esvai, junto com o medo de perder. Quando não importa se

o ginásio está lotado ou vazio, de torcedores do seu time ou do time adversário, quando nem a altura nem a cara feia dos adversários faz alguma diferença. Quando a bola chega nas mãos e é arremessada, e não há nem mesmo o desejo de que ela entre na cesta – e, ainda assim, ela quase sempre entra.

Mas tal estado não é, obviamente, exclusivo do basquete, nem do esporte em geral. É uma capacidade, uma potencialidade humana. Muitos anos antes de Jordan ter entrado no Bulls, um professor de psicologia da Universidade de Chicago já havia iniciado sua extensa pesquisa sobre o que ele chamou de “o fluxo” (*the flow*). Mihalyi Csikszentmihalyi publicou os resultados de sua pesquisa em *Flow: The Psychology of Optimal Experience*, onde deu atenção detalhada exatamente aos grandes esportistas, embora tal estado, como foi dito, abarque todas as capacidades humanas.

De certa forma, alcançar o fluxo em uma atividade física é o mesmo que alcançar um estado de consciência alterada, de grande paz interior, em atividades contemplativas e espirituais, como a oração fervorosa ou a meditação profunda.

Eu poderia estender os exemplos para outros grandes esportistas, como Pete Sampras ou Ayrton Senna. Poderia também falar dos grandes músicos a improvisar em seus instrumentos, de pintores e poetas, budistas e dervixes, mas por enquanto me bastará permanecer no jogo de basquete...

Muitos talvez não saibam, mas eu amo basquete. Jogo desde mais ou menos quando aquela final de 1992 passou na TV (embora não seja torcedor do Bulls, e sim de um de seus grandes rivais, o New York Knicks), e mesmo hoje em dia jogo com amigos todo sábado à tarde, num parque perto de casa...

Uma das características que sempre me atraiu no basquete é o fato de poder praticá-lo só: apenas eu, a bola e a cesta. Claro, o jogo em si é coletivo, assim como a vida. Mas, assim como na vida, muitas das coisas que fazemos em meio a multidão são o reflexo daquilo que pensamos conosco mesmo, nos momentos de solidão... Eu, a bola e a

cesta: jogar basquete também pode ser uma experiência profundamente espiritual.

Aquilo que Jordan e outros craques conseguiram experienciar em meio a ginásios lotados talvez possa também ser alcançado na solidão de um treinamento de arremessos. Não para que seja filmado ou aplaudido, mas apenas para ser experienciado mesmo... Que bela metáfora para a vida, o ato de se arremessar a bola a cesta: treinamos incontáveis vezes para que o mecanismo do arremesso seja o mais correto possível, para que cada arremesso tenha a maior chance de acerto possível – no entanto, mesmo entre os maiores jogadores da NBA, um índice de acerto de 50% nos arremessos de quadra já é considerado excepcional.

A grande maioria dos craques de basquete do mundo ainda erra mais do que acerta, a despeito de treinarem o arremesso por décadas a fio. Tudo bem, no jogo não estamos mais sós, e o papel do adversário é exatamente impedir nosso arremesso, dificultando que tenhamos uma boa visão para a cesta, e alguns centésimos de segundo para arremessar... Mas assim é também com a vida: não existe almoço grátis, e estamos aqui, desde tempos imemoriais, lutando a guerra da fome e da morte, competindo pela sobrevivência. Viver não é fácil, e ninguém disse que seria: tudo que podemos fazer é continuar arremessando a bola da melhor forma que pudermos arremessar. Se muitas vezes erramos o alvo, há que se comemorar as tantas outras em que o acertamos...

Mas, não importa se somos um Michael Jordan ou um adolescente magrelo e baixo sonhando com enterrar a bola na cesta: a maioria dos arremessos da vida se faz a uma certa distância, e para todos há essa angustiante chance de errar... Mesmo Jordan, após ter acertado 6 em 8 arremessos da linha de 3 pontos no início da final de 1992, no restante do jogo errou todos os 3 outros arremessos que tentou. Há sempre a chance de errarmos, e de continuarmos errando. Porém, assim como Jordan no início do jogo, todos temos alguma chance de entrarmos no fluxo, de estarmos *in the zone*, e de arremessarmos a bola sem medo, sem angústia, sem sequer o desejo de acertar.

Quando estamos nesse estado, estamos apenas aqui, vivos, e na verdade não importa muito se a bola irá ou não entrar na cesta: a vida é o que ocorre enquanto a bola está no ar.

ALÉM DO BEM E DO MAL HÁ UMA TRILHA

26.03.2013

Há muitas dúvidas acerca do que deva ser o “bem” e o “mal”. Elas começaram muito antes de Nietzsche... Mas nesta atualidade acinzentada, são sem dúvida questões pertinentes; o bigodudo apenas antecipou toda essa angústia existencial.

Se é que posso pensar em poucos caracteres, penso que o “mal” seja a ignorância de um “bem” ainda desconhecido... Do contrário, veríamos seres “evoluindo no mal”: mestres do mal, cada vez mais maus e poderosos, cheios de si... Mas, tudo isso é patético, um caminho circular que passeia em torno de um charco de estagnação.

Até onde “evoluiu” Hitler, este “mestre do mal”, que quando perdeu a guerra, suicidou-se como um bebê mimado? Onde está o seu “poder” se nem sequer suporta ser contrariado?

Então sabemos que o “mal” é apenas a desistência de caçar ao “bem”, pois a ave do “bem” é fugidia e um tanto quanto etérea... O que pensávamos que tínhamos visto, não enxergamos. O que pensávamos que sabíamos, não compreendemos.

Achávamos que o “bem” não era caminho algum, mas eis que após um pequeno trecho de mata fechada, surgiu todo um Infinito a frente, um horizonte que não se sabe até onde alcança, mas que é mais convidativo do que tudo quanto já vimos e conhecemos neste Reino.

Uma trilha que dá noutro Reino.

“Mas será mesmo outro Reino, ou ainda parte deste?” – Não sei. Não confiem em mim se um dia tentar lhes dizer o que seja, afinal, o

“bem”; nem em qualquer outro que tente (principalmente aqueles que escrevem em tábuas santas)...

O que há para ser dito, não pode ser dito. Está além da linguagem, e não importa quantos caracteres disponhamos.

Toda a *Wikipedia* seria insuficiente para lhes explicar sequer a cor da tardinha nessa trilha.

É preciso seguir em silêncio, e dançando... Nem os poetas saberiam explicar isto que eu também não explico – teriam, antes, que aprender a dançar!

O QUE HÁ PARA SE CONSERVAR?

10.04.2013

Nada no mundo pode durar para sempre (frase encontrada numa parede em Pompeia)

Os conservadores insistem em manter o mundo tal qual ele é, ou foi, nalguma “época áurea” em que tudo funcionava, e a moral e os bons costumes eram regra geral do procedimento do bom cidadão. Seu ofício mental é o de relembrar aquilo que já passou, numa tentativa hercúlea de “trazer de volta”, conservar, manter tudo como “sempre foi”.

Os conservadores vivem numa ilha de puritanismo cercada do fluxo selvagem da mudança por todos os lados. O mundo é, afinal, um fluxo... Todos que observam a Natureza percebem isso cedo ou tarde, mas os conservadores insistem em sua crença de que tudo “pode e deve permanecer como está”. É o fundamentalismo da estagnação...

Mas não devemos nos deixar iludir pelos rótulos. Chamar alguém de conservador não significa que aquela pessoa aceite a alcunha, nem tampouco que ela seja 100% conservadora. Dizem que os conservadores são “de direita”, mas há muitos conservadores “de esquerda”. Estes gostariam tanto de conservar a sua própria utopia e o

seu próprio ideal, que chegam a embalsamar os seus líderes, tal qual os egípcios antigos, talvez também mais por motivos políticos do que religiosos.

Quando a Dama de Ferro disse que “não existe essa coisa de sociedade”, estava se alinhando a uma ala dos conservadores que preferiram conservar a ideia do indivíduo. Eles creem piamente que um indivíduo pode “vencer na vida” sem ajuda da sociedade – e que, dessa forma, o Estado, que representa a sociedade, não deveria intervir nos afazeres do indivíduo que está ali, afinal, apenas para “vencer na vida”. Mas, se refletirmos um pouco, o único indivíduo que “venceu na vida” sem uma sociedade é aquele que viveu a vida toda num deserto ou no cume de alguma montanha isolada. Mas neste caso, o fato de ele haver “vencido na vida” nem faz muito sentido, não é mesmo?

Vamos ser sinceros aqui: nenhum ser humano consegue viver sozinho. Podemos não admitir ou não enxergar, mas somos seres gregários, e não há indivíduo que viva fora de uma família, ou grupo, ou sociedade... Portanto, me parece óbvio que existe uma sociedade, a grande questão é o que ela reflete. Pois que toda sociedade reflete o pensamento de seus indivíduos. Quando uma sociedade prefere “fingir que não há sociedade”, é obviamente para o proveito de uma elite, exatamente aquela que “já venceu na vida” – seja no berço, seja através do Mercado.

Por outro lado, pretender que todos os indivíduos de uma sociedade tenham direitos precisamente iguais é uma utopia ainda um tanto quanto inalcançável... Direito a educação básica, a saúde, a uma defesa nos tribunais, ok. Direito a um mesmo salário e um mesmo naco de terra, é hoje obviamente impraticável. Não estamos preparados para a grande utopia da Fraternidade Universal, e a prova disso é que sempre que isto foi tentado, terminou como uma imitação de um feudalismo bizarro, onde o “líder do partido” era uma nova espécie de senhor feudal.

Dizem que não há nada de novo debaixo do Céu, mas ainda que nenhuma substância se perca, apenas se transforme, fato é que tudo

muda, tudo vibra, e nada está parado. Os ponteiros sempre se movem no Cosmos, e isto é também válido para este mundo cá embaixo... Você não está parado nenhum segundo, nem quando medita num quarto com as cortinas fechadas. As placas tectônicas se movem e carregam continentes, e este é um movimento lentíssimo... Mas o próprio planeta gira que nem pião ao largo de uma estrela, e esta estrela não está fixa.

Sóis como o nosso estão girando em torno de gigantescos buracos negros no centro das galáxias, e mesmo as galáxias estão catapultadas ao Infinito, agrupadas em grandes aglomerados... Mas o conservador gostaria muito de crer que “tudo pode continuar sendo como era antes”!

O que há para se conservar? Certamente, os bons exemplos, os bons pensamentos, as mais belas emoções... Conservemos não uma fronteira ou um sistema político-econômico, mas uma sabedoria muito mais antiga do que a civilização em si. O Chefe Seattle, por exemplo, respondeu assim ao presidente americano (que fez uma oferta pela terra dos indígenas do oeste americano):

“Ele diz que deseja comprar nossa terra, mas como pode um homem comprar ou vender a terra, as florestas, os rios, o céu? Esta ideia é estranha para nós”.

O que há para se conservar? Decerto não os hábitos moribundos dos charcos de pensamento estagnado; decerto não os preconceitos e os dogmas de religiosidade represada; decerto não a ignorância e o medo do que é novo... São os jovens que herdarão esta terra, aqueles recém-chegados da Mansão do Amanhã. Mas eis que todo o livre-pensador se mantém jovem (ou relembra de sua juventude); e todo poeta, e todo dançarino, recitam, cantam e dançam; e rodopiam num campo de ventos sempre frescos.

Louco não é o dançarino do Cosmos, louco é aquele que acha possível apanhar o vento com as mãos e o trancafiar nalguma

“doutrina”... Não há nada de novo debaixo do Céu, exceto o próprio Céu – a cada vez que o ponteiro se move, tudo muda.

E o ponteiro está se movendo neste momento, e os dançarinos estão seguindo o ritmo de seu fluxo divino...

Esta dança não acaba nunca.

COMO SOBREVIVER NUMA ARENA

03.07.2013

Em 1999, o mais novo lançamento do mundo dos games de tiro com visão em primeira pessoa (*first person shooter* ou, pela sigla, FPS) era o *Quake III Arena*, um jogo brutal em que jogadores do mundo todo jogam online numa arena de guerra onde dois grupos de guerrilheiros (armados com armas de fogo futuristas e extremamente letais) duelam até que um dos grupos tenha sido inteiramente exterminado. Quando isto acontece, todos os mortos retornam a vida e começa um novo duelo, e assim por diante...

Uma das inovações do game, segundo a desenvolvedora (Id Software), era a suposta “nova inteligência artificial” dos *bots* no jogo. Um *bot* (abreviação de *robot*) é uma aplicação de software concebida para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô. Durante o jogo, os personagens da arena controlados pelo computador (ou seja, não controlados por jogadores reais e humanos) supostamente observariam o estilo de luta dos demais jogadores, humanos ou *bots*, na medida em que a simulação das arenas de batalha transcorresse.

Com o tempo, seriam capazes de “pensar” em novas táticas, efetivamente se adaptando as táticas que mais venciam combates, e ignorando as táticas ineficazes para a sua sobrevivência, pois ganha o combate o grupo que sobrevive ao final [1]. Para que a inteligência artificial dos *bots* pudesse se desenvolver mais profundamente, entretanto, os servidores do jogo deveriam permanecer online,

simulando centenas ou milhares de batalhas, por muito tempo a fio. E isto era inviável para os servidores oficiais do game, que precisam passar por manutenção semanal.

De acordo com um misterioso tópico de um fórum online (hospedado no *4Chan*), em 2007 um jogador configurou um servidor pirata local do game (ou seja, hospedado em sua própria casa) para rodar indefinidamente simulações de arenas de combate entre 16 *bots*, sem nenhum ser humano a interagir com eles. Ocorre que este jogador esqueceu completamente do que havia feito, e como em sua casa os computadores ficavam sempre ligados (como servidores locais), a simulação rodou por longos quatro anos, até que em 2011 ele finalmente se lembrou dela!

Cada um dos 16 *bots* da simulação havia gerado 512 MB de informações táticas aprimoradas por centenas de milhares de partidas letais. Eram 8 GB de informações. O que elas teriam gerado? Atiradores infalíveis? Coordenação perfeita e robótica para matar da forma mais eficiente possível? O jogador resolveu entrar na simulação para ver quanto tempo seria capaz de sobreviver...

Então, para sua surpresa, ele observou que os 15 *bots* (ele estava jogando como o décimo sexto) nada faziam, apenas olhavam para ele e o seguiam onde quer que fosse. Não pareciam mais duelistas letais, mas antes pacifistas em busca de um sentido para estarem vagueando indefinidamente por uma arena de batalha. Aparentemente, em alguns anos de simulação, a inteligência artificial dos *bots* chegou a melhor estratégia para a sobrevivência: ninguém morre quando ninguém mata.

A Teoria dos Jogos é um ramo da matemática aplicada que estuda situações estratégicas onde jogadores escolhem diferentes ações na tentativa de melhorar o resultado, ou seja, o retorno de suas escolhas. Inicialmente desenvolvida como ferramenta para compreender comportamento econômico e depois usada pela Corporação RAND para definir estratégias nucleares, a Teoria dos Jogos é hoje usada em diversos campos acadêmicos.

Podemos ilustrá-la de forma simples e direta com o chamado “dilema do prisioneiro”, originalmente formulado por funcionários da RAND:

Dois suspeitos, A e B, são presos pela polícia. A polícia tem provas insuficientes para sua condenação; mas, separando os prisioneiros, oferece a ambos o mesmo acordo: se um dos prisioneiros, confessando, testemunhar contra o outro e esse outro permanecer em silêncio, o que confessou sai livre enquanto o cúmplice silencioso cumpre 10 anos de sentença. Se ambos ficarem em silêncio, a polícia só pode condená-los há 6 meses de cadeia cada um. Se ambos traírem o comparsa, cada um leva 5 anos de cadeia. Cada prisioneiro faz a sua decisão sem saber que decisão o outro vai tomar, e nenhum tem certeza da decisão do outro. A questão que o dilema propõe é: o que vai acontecer? Como o prisioneiro vai reagir?

No “dilema do prisioneiro”, temos uma situação onde o altruísmo e a confiança mútua oferece o melhor resultado final para ambos os jogadores. No entanto, isto não ocorre sem o risco de se ficar calado, confiando em seu parceiro, e ao fim ser traído por ele, e receber em retorno o pior resultado. De certa forma, a Teoria dos Jogos e o “dilema do prisioneiro” se aplicam não somente a economia e as relações de poder entre potências nucleares, mas também a uma partida de *Quake III Arena*... Será mesmo?

Retornando ao experimento insólito do início do artigo, o jogador resolveu “ver o que acontecia se atirasse em algum outro *bot*”. Para sua surpresa, ao fazer isso, ele foi atacado (e morto) não somente pelos 8 *bots* do outro time, como pelos 7 outros *bots* de sua própria equipe!

Ou pelo menos foi isto que a imagem com capturas de tela do suposto tópico do *4Chan* dizia. Muitos sites de games compartilharam a notícia, e ela obteve certa fama também nas redes sociais. No entanto, como muitos podem ter imaginado, era tudo um *hoax*, ou seja, uma história inventada, como tantas outras que vemos nestes tempos de propagação desenfreada da informação.

Porém, ainda que não tenha ocorrido de verdade, ainda que os 16 *bots* com suas inteligências artificiais sejam incapazes de interpretar o resultado de suas ações (já que são ferramentas de computação, e não seres de interpretação), esta história ainda nos toca numa questão primordial: ela foi espalhada como algo verossímil, extremamente verossímil.

Penso que muitos de nós têm esta certa queda por acreditar que uma simulação computacional possa, de alguma forma incompreensível, chegar a conclusões que, no fundo, são as nossas própria conclusões, mas que não temos a vontade, ou a coragem, de colocá-las em prática.

Afinal, não se enganem: o *bot* do game mais avançado do ano que vem não será mais nem menos ferramenta do que um martelo ou uma bomba nuclear. Não é o martelo que mata ou constrói coisas, é quem o empunha. Não foi o material radioativo, e nem mesmo os físicos que descobriram a fissão nuclear quem arrasaram Hiroshima, foram aqueles que deram a ordem: “soltem a bomba”...

Somos, desta forma, todos prisioneiros desta enorme simulação chamada “mundo”, e só sairemos desta prisão de mãos dadas – todos serão livres somente quando não houver mais nenhum prisioneiro.

REFLEXÕES SOBRE O NADA

18.11.2009 ~ 24.11.2009

O que não existe nem nunca existiu

Ao longo da história filósofos têm se digladiado com a questão do nada. Não é para menos, já que grande parte das pessoas não compreende exatamente o cerne do problema: o nada não é um lugar vazio, ou um espaço em branco, ou a escuridão do vácuo no espaço profundo. O nada não existe. O nada nunca pode ter existido.

A ciência nos diz que a história do espaço-tempo é um conjunto gigantesco de ações e reações de partículas. No universo nada se

perde e nada se cria, as coisas apenas se transformam, como dizia Lavousier. Coisas são formadas por partículas, em todo caso: a maçã que Newton viu cair, era afetada pela gravidade, mas também era composta por partículas que formavam o fruto utilizando a energia proveniente do sol. O sol por sua vez também é afetado pela gravidade das outras estrelas da Via Láctea, além de exercer um campo gravitacional sobre os planetas próximos, como a Terra. Mas o sol também é formado por partículas que se aglutinaram, também por conta da gravidade. E todas as estrelas da Via Láctea, e todas as galáxias, se afastam ou se aproximam de acordo com reações gravitacionais. Não existe espaço para o nada neste universo. Ao menos desde o *Big Bang*, tudo obedece a elegantes leis de ação e reação.

O vácuo é um espaço não preenchido por qualquer matéria, nem sólida, nem líquida, nem gasosa, nem plasma, nem mesmo a matéria escura. Mesmo assim cada pequeno espaço dele é preenchido por trilhões de neutrinos e outras partículas a vagar pelo cosmos, assim como radiações de luz em diversas frequências vibratórias, e campos gravitacionais. O vácuo possui energia, e suas flutuações quânticas podem dar origem à produção de pares de partícula e anti-partícula. O vácuo não pode ser o nada.

O vazio seria um espaço em que não houvesse nem matéria, nem campo e nem radiação. Mas no vazio haveria ainda o espaço, isto é, a capacidade de caber algo, sem que houvesse. No universo não existe vazio, pois todo o espaço, mesmo que não contenha matéria, é preenchido por campos gravitacionais e pela radiação que o atravessa, de qualquer espécie. Mas ainda que o vazio existisse no universo, não poderia ser o nada.

O nada não pode ser um espaço a ser preenchido. Em realidade, não pode nem mesmo ser um lugar ou dimensão onde a noção de tempo seja válida. No nada não pode existir o tempo, nem o tempo curto nem o longo. No nada não existe a noção de sequência de eventos, e ainda que fosse um lugar a espera de ser preenchido, o

evento do preenchimento nunca ocorreria, pois demanda que exista o tempo.

Nesse sentido, o nada se assemelha a noção de eternidade dos orientais. Porém, mesmo assim o nada não pode ser a eternidade, pois na eternidade residem as essências das coisas. Ainda que tais essências sejam totalmente imateriais e metafísicas, ainda assim seriam algo, e não nada. O nada não pode ser uma essência, ou ideia, ou conceito, ou pensamento... Nada existe no nada. Nada pode ter algum tempo existido no nada.

O nada não existe sequer como representação mental, ou linguística. Quando se fala do nada, quando se menciona a palavra como conceito filosófico, obrigatoriamente estamos nos referindo ao conceito do não-existir, e nada mais. Ainda que tenhamos diversas interpretações do nada, nenhuma delas será válida. Nunca. Pois simplesmente não há o que ser interpretado.

Por isso mesmo o nada é um grande problema. Não porque exista, mas exatamente pelo contrário: como o nada não pode existir, nada pode surgir ou ter surgido do nada, nem mesmo este universo.

Por que existe algo, e não nada?

Outra grande questão filosófica e certamente existencial é a questão da existência em si. Não a existência de nós, seres humanos, ou deste planeta, ou das estrelas nos confins do universo, ou até mesmo do espaço-tempo como um todo... A questão é mais específica: por que afinal existe algo, e não nada?

Essa questão nos obriga a nos aproximar dos limites de nossa razão. Já dissemos que o nada não é o vazio a espera de ser preenchido, que o nada não pode existir já que obviamente alguma coisa existe. Então chegamos a dualidade coisa vs. não-coisa, que não deve ser compreendida como matéria vs. anti-matéria, ou qualquer outra coisa vs. alguma outra coisa qualquer. Esta coisa existe, é fato – e nesse

caso, talvez sequer venha ao caso nos perguntar sobre o porque dela existir: se não existisse, não estaríamos aqui para fazer tal pergunta.

Ela compreende tudo o que existe, toda matéria detectada e não-detectada, todas as galáxias e campos gravitacionais, todas as partículas em alvoroço quântico (seja em que dimensão ou universo estiverem) e, sobretudo, todos os pensamentos e ideias já formulados. Algo existe, algo incrivelmente infinito, eterno, mas que nos é profundamente desconhecido.

Em sua *Ética*, Benedito de Espinosa define de forma contundente, simples e genial o que seria esta coisa. Ele preferiu chamá-la de substância. Espinosa dizia que “uma substância não pode criar a si mesma”, e toda a razão e lógica estão ao seu lado.

O grande apóstolo da razão era também cientista, e sabia muito bem que as substâncias apenas se transformam umas nas outras, e que absolutamente nada é criado ou aniquilado na natureza. Ora, se todas as bilhões e bilhões de partículas-substância do espaço-tempo não podem ter criado a si mesmas, e se derivam de alguma outra substância primordial, tem-se pela lógica que tal substância-primeira é a origem de tudo o que há. Não pode ter surgido do nada, pois nada pode surgir do nada. Não pode deixar de existir, pois o cerne do que compreendemos como “existir” depende dela. Não pode senão ser a substância primária de onde todas as outras se subdividiram e se transformaram.

Sim, Espinosa sabia. Sabia que no início de tudo, quando apenas esta substância fazia sombra a si mesma, nem mesmo o tempo e o espaço como o compreendemos existiam. Era a eternidade. A eternidade é a casa de tal substância, e graças as suas incessantes transformações, vivemos em um sistema-natureza onde o espaço-tempo nos possibilita ter a condição de viver em pelo menos três dimensões espaciais, e num fluxo incessante de tempo, o que possibilita nossa evolução.

Disso também se tira que estamos todos interligados. Como dizia o cientista Neil deGrasse Tyson: “Estamos todos conectados. Um ao outro, biologicamente; a Terra, de forma química; ao universo, de

forma atômica”. Tal é a profunda reflexão que mais dia menos dia chega a todo homem que observa a imensidão do Cosmos. Não necessariamente é preciso ser cientista para chegar a tal compreensão...

Há mais de um século o indígena norte-americano, Chefe Seattle, chegou a uma conclusão bem parecida:

“Sabemos que a terra não pertence ao homem. O homem pertence à terra. Todas as coisas são interligadas, como o sangue que nos une. O homem não tece a teia da vida – ele é apenas um fio dela. O que fizer à teia, fará a si mesmo.”

Seja seguindo a teia do Chefe Seattle, ou aos átomos que apontam que somos poeira de estrelas longínquas que explodiram em épocas remotas do universo, desejamos chegar ao mesmo lugar: ao local de onde fomos arremessados a incontáveis eras, e para o qual é nosso destino regressar. Este é o eterno retorno, o *religere*... Porém, em nossa jornada de volta, passaremos de princípios inteligentes a deuses.

“Vós sois deuses”, dizia o rabi da Galiléia. No entanto, obviamente ainda somos deuses em formação, talvez quem sabe alunos do maternal na grande escola do Cosmos. Como fazer para vencer o vazio que há em nós, esta angústia de retornar para casa?

Ora, já dissemos que o vazio não é o nada. O vazio espera ser preenchido. O vazio é o lugar onde um deus em potencial pode se formar. O vazio se conecta a substância-primeira – de alguma forma maravilhosa e incompreensível, sentimos que dentro de nós também arde uma fornalha cósmica. Lao Tse não sabia dar nome a tal experiência, ao contato direto de tal substância incomensurável. Mas terminou por chamá-la simplesmente de Tao.

O Tao e o vazio em nós

*O Caminho é vazio e inesgotável,
profundo como um abismo.
É como se fosse o ancestral das dez mil criaturas.
Suavizai o corte
Desfazei os nós
Diminuí o brilho.
Deixai que as rodas percorram os velhos sulcos.
Devemos considerar nosso brilho
a fim de que nos harmonizemos com a escuridão dos outros.
Como é puro e tranquilo o Caminho!
Não sei de quem possa ser filho
pois parece ser anterior ao Soberano do Céu.*

Verso 4 do *Tao Te Ching, O Livro do Caminho Perfeito* (tradução de Murillo Nunes de Azevedo)

Lao Tse era um obscuro funcionário público da China antiga (entre 4 a 7 séculos a.C.), avesso a honrarias e estudioso de filosofia, que ao fim da vida desapareceu na fronteira do oeste, em direção a Ásia Central. Seu legado histórico, o *Tao Te Ching*, foi escrito para um guarda fronteiriço, que pediu que o filósofo lhe deixasse alguns ensinamentos por escrito enquanto aguardava a liberação para prosseguir viagem. Independente de Lao Tse ser mito ou personagem real, ou uma mistura de ambos (o que é o mais provável), o que nos importa efetivamente é sua sabedoria, que felizmente chegou até nós através do *Livro do Caminho Perfeito*.

Mais dia menos dia em nossas vidas, todos nos deparamos com este vazio que há em nós, o vazio do sentido da existência. Na ânsia por preencher tal vazio, e eliminar a angústia de se observá-lo, muitas vezes o abarrotamos com qualquer ideia superficial que resolva nosso problema de imediato: “devemos ser bons para ganhar o céu”; “somos filhos de Deus e devemos temê-lo, para fugir de sua punição”;

“precisamos meditar por toda uma vida para alcançar a iluminação”; “a ciência e a racionalidade são os únicos caminhos para se explicar a existência”; “não há solução para a dor no mundo, então vamos apenas nos divertir enquanto for possível”; etc.

Não há problema em se seguir um caminho errado – contanto que prossigamos em alguma direção, mais dia menos dia chegaremos a algum beco sem saída que irá nos desviar um pouco mais em direção ao caminho sem fim. No entanto, os sábios deixam que as rodas percorram os velhos sulcos, aqueles percorridos pelos gigantes de outrora, que em suas carroças pesadas e etéreas deixaram-nos o rastro para o que é infinito, inesgotável, e vazio.

O abismo do ser, o vazio em nós, pode mesmo conter um monstro, mas somente se este for alimentado por nossos medos e traumas. Em nossa relação com o mundo, dificilmente percebemos a nós mesmos como parte de um todo, como seres divinos conectados ao que há de sagrado em todas as coisas, das partículas mais diminutas as galáxias mais antigas do Cosmos. Para tal percepção, é preciso suavizar o corte das opiniões dogmatizadas, o corte do preconceito, o corte da ignorância do mundo, e de nós mesmos, o que faz com que nos desconectemos do todo. E, desconectados, o vazio em nós, embora cheio de opiniões superficiais e inúteis, pode se tornar insuportável. No mundo moderno, há quem prefira dar fim a própria vida, na vã esperança de fuga deste vazio.

Há que se desfazer os nós dos traumas passados, de culpas, de medos, de desejos inúteis... Assim o fio condutor para a imensidão do vazio fica desimpedido, a conexão se restabelece, e a experiência com o divino se renova. Assim, vivemos no mundo sem nos apegar, sem termos nossos desejos ditados pelo pensamento alheio – estamos vazios e somos livres para preencher o vazio em nós. Desta vez, preencher de verdade, com parte da substância inesgotável que flui pelo universo, tal qual raios cósmicos carregados de energia.

O sábio que se harmoniza, que se basta em si mesmo, sabe que seu brilho aumenta, mas também sabe que deve ainda se harmonizar com a escuridão dos outros. Pois houve o dia em que ele estava na

escuridão, e algum outro veio lhe falar da luz. Eis que o sábio exerce sua autoridade através de sua doçura e simplicidade – afinal, ele sabe que seguimos nessa mesma estrada por incontáveis eras e que, no fim, chegaremos todos de mãos dadas.

E este caminho infinito de seres, como é puro e tranquilo, como é eterno e incomensurável! Não há como saber até onde possa ir, mas, sobretudo, não há como saber de onde veio. Anterior ao tempo, anterior a existência em si, anterior a todas as coisas... Preenchendo tudo o que há, inclusive aqueles que se fazem vazios para recebê-lo em toda sua plenitude, o Tao é a mesma substância, o mesmo fluido cósmico que filósofos, cientistas e espiritualistas têm reconhecido ao longo de nossa história. O incognoscível, o que parece ser anterior ao Soberano do Céu. O que se opõe ao nada.

ISTO NÃO É O NADA

13.11.2010

Em 1996 cientistas da NASA declararam que um meteorito vindo de Marte parecia trazer consigo sinais de vida. A pedra extraterrestre, chamada ALH84001, desprende-se de Marte após a colisão violenta de algum cometa ou asteroide há cerca de 16 bilhões de anos, e caiu na Terra por volta de 13 mil anos atrás, sendo finalmente descoberta na Antártica em 1984.

Houve forte repercussão na mídia, e até o então presidente americano, Bill Clinton, referiu-se a possibilidade da descoberta de vida extraterrestre:

“Hoje a pedra 84001 nos fala de um passo de bilhões de anos e de uma distância de milhões de quilômetros. Nos fala da possibilidade de vida. Se essa descoberta for confirmada, será uma das maiores na história da ciência. Suas implicações serão profundas, e inspirarão ainda mais reverência pelo universo em que vivemos. Ao prometer

respostas para algumas das questões mais antigas da humanidade, levanta outras ainda mais fundamentais.”

Hoje, no entanto, a maioria dos cientistas está convencida de que os sinais de vida no meteorito 84001 não são reais. Um dos métodos para se identificar atividades biológicas em amostras de meteoritos é buscar por minúsculas “marcas de vida” gravadas nas rochas. A dificuldade é que processos geológicos muitas vezes causam efeitos extremamente parecidos com atividade bacteriana. Embora não tenhamos o caso por encerrado, essa pedra não é a prova que tanto buscamos. Ao que sabemos por evidências físicas, continuamos sendo o único planeta com vida no Cosmos.

Obviamente a falta dessa evidência não impede que muitos cientistas continuem esperançosos em encontrá-la em breve, afinal o universo é um lugar bem grande. Em seu livro *The Fifth Miracle* (*Quinto Milagre*) o físico Paul Davies diz que “se a vida vem de uma sopa pré-biótica com certeza causal, então as leis da Natureza escondem um subtexto, um imperativo cósmico que comanda: ‘Faça-se a vida!’... Essa visão deslumbrante da Natureza é profundamente inspiradora e majestosa. Espero que esteja correta. Seria maravilhoso se estivesse.”

James Gardner é um jornalista especializado em pesquisa científica que traduz esse sentimento em uma teoria consideravelmente bem fundamentada, a do Biocosmos Egoísta, a qual é elaborada no livro homônimo, e defendida com maior embasamento no livro *O universo inteligente* (Ed. Cultrix). Vejamos como ele a resume:

“A essência da hipótese do Biocosmos Egoísta é que o universo que habitamos está no processo de ficar impregnado de vida cada vez mais inteligente – mas não necessariamente vida humana ou sua sucessora. Nessa teoria, a emergência da vida e da inteligência cada vez mais competente não é um acidente sem significado num cosmos hostil, em grande parte isento de vida, mas está no próprio âmago da

vasta maquinaria da criação, da evolução cosmológica e da replicação cósmica.”

Há ainda outros cientistas que primeiro buscam por evidências antes de considerar tais hipóteses. Em *O universo vivo* (Ed. Larousse) o físico Chris Impey nos traz uma detalhada análise da astrobiologia – o estudo da vida no espaço. Ao contrário do que muitos possam pensar, este é um ramo oficial da ciência, e demonstra que muitos consideram com seriedade a possibilidade de acharmos além da Terra formas de vida simples como bactérias e extremófilos, capazes de sobreviver em condições geoquímicas extremas, como no subterrâneo de Marte ou no oceano gelado de Europa, uma das luas de Júpiter... Isso não significa que esperam encontrar tão cedo qualquer ser mais complexo do que uma ameba, tanto menos alguma espécie capaz de comunicar-se conosco.

Recentemente cientistas descobriram um planeta que possui o tamanho correto, a densidade correta e a distância correta de sua estrela para abrigar vida tal qual a conhecemos. Gliese 581 é uma estrela anã vermelha localizada a 20,3 anos-luz da Terra, na constelação de Libra. O Planeta G, sexto de seu sistema, orbita no meio do que se chama de “região habitável” na qual a água pode existir em forma líquida, e possui cerca de 1,5 vezes o tamanho da Terra, o que garante uma atração gravitacional para fazer com que esta água possa se acumular em lagos e mares.

“Pessoalmente, dada a propensão da vida como a conhecemos de brotar em qualquer oportunidade, eu diria que as chances de existir vida neste planeta beiram 100%” – disse Steven Voght, professor de astronomia e astrofísica na Universidade da Califórnia ao Discovery News.

Em seu livro *Criação imperfeita* (Ed. Record), o físico brasileiro Marcelo Gleiser critica veementemente essa propensão “monoteísta e unificadora” presente em muitos cientistas, uma espécie de busca por códigos ocultos na Natureza, por uma mítica Teoria do Tudo; e,

claro, ele discorda dessa noção de que a vida “tem a propensão de brotar em qualquer oportunidade”.

Enfim, Gleiser confessa que já foi ele mesmo um “unificador” em busca desses mistérios ocultos do Cosmos, mas que terminou por aceitar que a vida é tão somente um evento raríssimo num universo violento e hostil, fruto de uma cadeia de assimetrias que data desde o *Big Bang*, quando a pequena assimetria entre a presença de matéria e anti-matéria possibilitou o surgimento de galáxias, estrelas, planetas e, eventualmente, da vida no planeta Terra – teoricamente um evento tão raro que temos pouca esperança de encontrar vida inteligente em nosso horizonte cósmico, quanto mais especular que o universo é uma espécie de Biocosmos Egoísta.

Gleiser defende que a vida é especial exatamente por aparentemente só existir aqui – que é rara, muito rara, e que por isso mesmo tem de ser valorizada e protegida. A espiritualidade de Gleiser se foca num “humano-centrismo cósmico”, mas que até onde sabemos não passa da atmosfera terrestre. Para a teoria de Gleiser fazer sentido, basta que continuemos a não encontrar vida extraterrestre nos séculos vindouros, o que será uma prova cada vez maior de que o universo não parece ser uma “fonte inesgotável de vida”.

Interessante e irônico comparar o pensamento de Gleiser com o do jornalista científico Fred Heeren. Em seu livro *Mostre-me Deus* (Ed. Clio), ele nos traz uma análise abrangente do estado da cosmologia atual, mas aqui e ali ele insiste em inserir analogias bíblicas, muitas delas forçadas, mas que não deixam de compor uma teoria interessante. Não vou entrar em detalhes, mas o mais interessante para nossa comparação é que Heeren diz que é exatamente porque até hoje não encontramos vida inteligente fora da Terra que a bíblia parece fazer todo o sentido! Ou seja, Deus parece ter escolhido exatamente este planeta, e somente ele, dentre trilhões e trilhões de outros, para criar a vida.

É muito comum em livros de divulgação científica vermos teorias sendo expostas a torto e a direito sem uma preocupação maior com

sua lógica – pois isso seria filosofia e não ciência. A ciência depende afinal apenas de comprovação experimental, e enquanto esta não aparece, uma miríade sem fim de teorias são elaboradas...

Gleiser, por exemplo, também critica com fervor o atual estágio da física teórica, em que se baseia quase que totalmente em teorias que não têm como ser testadas e, portanto, nem validades nem invalidadas. Temos nesse cenário, como maior expoente, a Teoria-M ou Teoria das Cordas, que postula que os componentes fundamentais da matéria são minúsculas cordas, e que é de sua vibração que são criadas partículas de maior ou menor massa. A Teoria-M é uma das tantas outras que buscam uma unificação das teorias físicas, uma mítica Teoria do Tudo tão criticada por Gleiser – na medida em que para ele, ela obviamente ainda está bem além de nosso alcance.

Está na hora de eu dar minha opinião sobre tudo isso... Apesar de admirar o pensamento de todos os autores citados acima – incluindo dos que discordo –, penso que ainda há uma forma de resumir estas questões da unificação fundamental, do surgimento da vida e do paradoxo de ainda não termos encontrado nenhum sinal de vida inteligente neste Cosmos tão grande.

Este é o problema, o paradoxo, e também a solução – ele é grande, muito grande, talvez não muito diferente, na prática, do infinito. Quando os cientistas descobriram a radiação de fundo cósmica, uma das maiores comprovações experimentais da teoria do *Big Bang*, também se depararam com um grande problema: como explicar como ela era tão homogênea?

Isto foi resolvido pela teoria do físico Alan Guth. A sua ideia é que, na aurora do tempo, o espaço inflou com uma velocidade absurdamente grande. Dois pontos que, inicialmente, eram vizinhos, durante a expansão ultrarrápida se distanciaram mais velozmente do que a velocidade da luz. Para que o mecanismo funcionasse e pudesse explicar a geometria cósmica e a homogeneidade da matéria,

a expansão tinha de ser exponencialmente rápida. Por isso, sua teoria ficou conhecida como Inflação Cósmica. Atualmente esta teoria é aceita pela grande maioria dos cientistas.

Uma das consequências da Inflação é o conceito de horizonte cósmico... Sabemos que nada material viaja mais rápido do que a luz; entretanto, durante a Inflação, o próprio tecido do espaço-tempo “inflou” de forma mais rápida do que a luz! Isso significa que existe um horizonte até onde podemos enxergar o universo – e além dele há o “universo desconhecido”, além do alcance da luz do nosso lado, do nosso horizonte, como uma América que jamais poderá ser alcançada por Colombo.

Diante dessas informações, eu muitas vezes me pergunto, ou melhor, me vejo fazendo a seguinte pergunta aos cientistas:

“Meus caros, que parte do infinito vocês não entenderam?”

Os cientistas procuram por agulhas no palheiro cósmico, e ao não encontrá-las, ficam algo inquietos e angustiados... Para os que seguem a bíblia, como Heeren, isso só pode significar que Deus escolheu mesmo apenas aquele povo perdido num deserto da terceira pedra do sol, na periferia de uma dentre trilhões de galáxias; para os céticos desiludidos com a busca pela unificação na ciência, ou pela busca da “vida abundante” no Cosmos, isso só pode significar que somos um raríssimo acidente em meio a um universo caótico e hostil; ainda para outros, talvez mais moderados, isso tão somente significa que o Cosmos é grande, realmente grande – mas quão grande?

É aí que o infinito entra para bagunçar com todas as teorias e crenças de tantas mentes brilhantes. O infinito não se equaciona, está além da matemática e talvez mesmo além de nossa racionalidade... Mesmo assim, ainda é possível tentar vislumbrá-lo pela lógica, tal qual arriscou o grande Benedito Espinosa.

Em sua *Ética* (Ed. Autêntica), Espinosa analisa a questão da criação, do “por que existe algo e não nada?”. Podem acusá-lo de ser mais um “sonhador da unidade fundamental de todas as coisas” – tal

qual o faz Marcelo Gleiser com certa propriedade –, mas apenas acusar não basta: é preciso resolver a questão, é preciso encarar ao infinito face a face. E até hoje, que me desculpem os seguidores da bíblia e os cientistas céticos, dentre todas as teorias acima citadas, somente ele avançou efetivamente nesta questão.

Se algo não surge do nada, nem mesmo flutuações quânticas no vácuo, nem mesmo um espaço vazio ou um pensamento, então há que existir algo de *incriado*, algo de eterno. Espinosa o chamou de *substância*, “a substância que não poderia criar a si mesma”... Ora, como sabemos que espaço e tempo estão intimamente conectados, falar em eternidade é falar em infinito.

Comparativamente, o núcleo de um átomo em relação à órbita de seus elétrons corresponderia a um pequeno inseto no centro de um estádio de futebol, uma mosca no meio do Maracanã. O resto é espaço vazio, ou preenchido por alguma parte dos 96% de matéria ou energia escura que não interagem com a luz e, portanto, jamais foram detectados pela ciência – postula-se sua existência pela observação da expansão do universo e do movimento das galáxias, na media em que faltam, respectivamente, bastante energia e matéria para explicá-los.

Seguindo nesse pensamento, sabemos que apenas em nosso horizonte cósmico existem mais estrelas (sóis como o nosso, cheias de planetas à volta) do que grãos de areia em todas as praias da Terra! E mesmo que nem uma única forma de vida exista em torno desses bilhões e bilhões de sóis, lembrem-se de que estamos falando apenas de nosso horizonte, de até onde nossa luz pode chegar. No “universo desconhecido” temos praticamente um infinito de possibilidades. É muito difícil afirmar qualquer coisa do tipo “não existe vida fora da Terra” ante tal infinito.

Procuramos por agulhas num palheiro cósmico, mas não devemos esmorecer se a busca tem se mostrado árdua... Não devemos esmorecer ante o infinito, pois ele é tudo o que há, ele é a substância que abarca a todos nós. Procuramos por versões conscientes dessa substância, mas por vezes esquecemos que também somos formados

por ela, que também estamos encharcados desse mar por todos os lados.

Por mais rara que seja a vida na Terra, ela não se compara a raridade da simples existência de tudo o que há. Como os 4% da matéria que interage com a luz, ou como a ínfima quantidade de elementos pesados que possibilitam a vida como a conhecemos em meio a um oceano de hélio e hidrogênio, somos tão raros quanto a própria substância. E mesmo que sejamos poucos na Terra, nos confins de nosso horizonte cósmico e além, certamente seremos muitos – tantos quanto as estrelas em meio ao infinito.

Da próxima vez que se angustiarem com a escuridão da noite, com a ideia do nada e da morte vindoura, lembrem-se de que também temos tantos neurônios em nosso cérebro quanto há estrelas visíveis no céu, lembrem-se de tudo isso que nos lembramos, e pensamos, e sentimos, e intuímos. Lembrem-se e afirmem para si mesmos:

Isto não é o nada.

A IDADE DO SER

05.12.2012 ~ 06.12.2012

Bem vindo ao baile

Personalidade é o conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, nossa individualidade pessoal e social.

Numa sala há três crianças e dois adultos a observá-las. Duas dessas crianças, Sally e Ann, são atrizes mirins, contratadas para o experimento. A outra criança se chama Sarah, e é o objeto do experimento em si – ou, mais precisamente, sua mente.

Na sala, a frente de onde Sarah está sentada (apenas observando, conforme instruída pelos cientistas), há três objetos: uma bola de plástico, um cesto e uma caixa de papelão...

Inicia-se o experimento: Sally caminha até a bola, a pega e coloca dentro do cesto. Enquanto a outra garota, Ann, apenas observa, Sally sai da sala. Neste momento, Ann se levanta rapidamente e vai até o cesto, pega a bola e a coloca dentro da caixa, logo voltando para a mesma posição onde estava. Então, cerca de um minuto após, Sally retorna a sala. Ela diz em voz alta: “Quero brincar com a bola!”; e então uma voz de desenho animado ressoa nos alto falantes da sala: “Sarah, onde Sally vai procurar pela bola, no cesto ou na caixa?”. Os cientistas anotam a resposta.

O que este experimento aparentemente bobo (chamado “Teste Sally-Ann”) pode demonstrar é algo extraordinariamente importante para o convívio do ser humano no mundo: a capacidade de compreender o outro como um ente em separado, uma mente que pensa por si mesma.

Caso Sarah responda que Sally vai procurar pela bola na caixa (onde Ann a colocou), ela não demonstrará a capacidade de formular uma teoria da mente, ou seja, de considerar que a mente de Sally está dissociada da sua, e opera por si mesma, portanto não teria como saber que a bola havia sido retirada do cesto no minuto em que se ausentou da sala. No entanto, quando crianças como Sarah respondem que Sally vai procurar pela bola no cesto, e que não irá encontrá-la, demonstram que sua mente já é suficientemente desenvolvida para compreender duas coisas:

(a) Que cada mente opera por si mesma, e tem sua própria personalidade;

(b) Que exatamente por isso, uma mente pode enganar a outra, mentir.

Estudos recentes [ver *O livro do cérebro* (Ed. Duetto)] mostraram que crianças tão jovens quanto 10 meses de idade já conseguem “passar” neste teste. Algumas crianças autistas, no entanto, terão

muito mais dificuldades para chegar a este estado de compreensão “do outro”...

Ao que tudo indica, esta capacidade de conviver com outras mentes, e as compreender como dissociadas de nós mesmos, está no cerne de nossas potencialidades sociais, estas que vêm se desenvolvendo desde os primórdios dos hominídeos.

Não é a toa que a mentira e a falsidade são amplamente repudiadas em qualquer grupo ou sociedade: desde a época em que convivíamos em pequenas tribos espalhadas por ermos inóspitos e desconhecidos, precisávamos confiar um no outro – esta era a essência da sobrevivência em grupo. Por mais paradoxal que seja, no entanto, sempre houve aqueles dentre nós que souberam usar da falsidade para obter vantagens pessoais. Afinal, se podemos enganar as pessoas sem sermos pegos, ou acreditando que não seremos pegos, porque não ir em frente?

Mas ainda assim é preciso tomar muito cuidado. Não muito tempo atrás, quando um marido era traído por sua esposa, estava em seu direito puni-la, às vezes até com a morte. Esta “defesa da honra” pode hoje parecer bárbarie (e, de fato, o era [2]), mas diz muito sobre o quanto o ser humano odeia ser passado para trás, principalmente quando acredita estar num certo patamar social, quando crê piamente ser “o dono da situação”.

O que muitos não sabem, no entanto, é que foi o próprio ato mental de reconhecer uma “vontade alheia” no outro que fez com que criássemos nossa própria personalidade. O termo vem do latim *persona* ou *personare*, que significa “máscara”, mas há alguns que também o ligam etimologicamente ao latim *per se esse*, “ser por si”... E, como num baile de máscaras, só entram aqueles que trazem a sua.

Não houvessem outros seres humanos no mundo, ninguém com quem pudéssemos conversar, confiar ou enganar, amar ou odiar, provavelmente não estaríamos aqui pois não teríamos nascido. Mas, se por alguma razão algum deus estranho nos houvesse criado já humanos, a partir do nada, e estivéssemos por aqui sós, não teríamos

personalidade alguma: seríamos a mais pura e inocente das pessoas e, provavelmente, a mais ignorante. Talvez por isso os mitos sempre afirmem que fomos criados aos pares: é preciso conviver, é preciso enganar e ser enganado, confiar e ser confiado, odiar e ser odiado, amar e ser amado.

Mas, será que teremos apenas uma única personalidade? E, mesmo que seja apenas uma, será que ela tem se mantido a mesma, exatamente a mesma, ao longo dos anos?

A ilha errante de Azeroth

A pior das loucuras é, sem dúvida, pretender ser sensato num mundo de doidos. (Erasmus de Rotterdam)

Aos 19 anos, estava terminando a faculdade, gostava de assistir basquete americano na TV, e jogar *Role Playing Games* [3] na casa de amigos até a alta madrugada. Teve uma ou outra paixão, mas naquele ano não conseguiu engatar um namoro duradouro. “Que bom, assim não preciso faltar o RPG” – pensou, mas a verdade é que sangrava por dentro (da alma).

15 anos depois, aos 34, estava casado, morando noutra cidade, e trabalhando com algo que não tinha muito a ver com a faculdade que fez, embora gostasse mesmo assim. Ainda jogava basquete, e voltou a acompanhar o campeonato americano assim que seu time conseguiu retornar aos *playoffs* finais após quase uma década de vacas magras. As paixões antigas viraram amizades duradouras (quando foi possível).

Não podia mais jogar RPG na casa dos amigos, mas passou muitos anos jogando num mundo virtual, com milhares de outros jogadores do mundo todo, alguns deles seus amigos da “vida real”. E, dessa forma, ainda era o mesmo de antes, poderia pensar: ainda arremessava bolas ao cesto nas tardes de sábado, e ainda poderia jogar RPG com os amigos no mundo de *Warcraft* [4], caso assim

desejassem... Tudo era exatamente como antes, a mesma vidinha de sempre. Será?

Muitas vezes reencontramos paixões antigas, ex-namoradas ou ex-namorados, antigas amizades da época de colégio, e alguma coisa dentro de nossa alma percebe: mudou, o mundo mudou, os convívios e amizades mudaram, a personalidade mudou, a alma mudou...

Pretendemos, em nossa inocência no paraíso ilusório que criamos para nós mesmos, sermos sempre os mesmos, imortais, ancorados no que já somos. “Não mudarei!” – brada alguém em nossa alma – “Serei sempre eu mesmo, com estes mesmos defeitos, estas mesmas qualidades, estes mesmos amigos, estas mesmas crenças e descrenças!”.

No entanto, conforme já disse um sábio antigo: tudo vibra, tudo tem seu ritmo, nada está parado. A maior parte das células de nosso corpo não tem mais do que uma década de idade. Ao longo da vida, quase todas as células que nos formavam ao nascermos terão morrido, e sido substituídas...

O que permanece? Um fluxo, um teatro mental, uma encenação cerebral? E, ainda assim, quem nos garante que este teatro tem nos apresentado a mesma peça, a exata mesma peça, de 15 anos atrás? Quem nos garante que as máscaras que usávamos então, ainda são as mesmas?

Muitas vezes o folião não percebe como suas máscaras têm mudado, carnaval a carnaval... E não é preciso se converter a Nosso Senhor Jesus Cristo ou a Nosso Doutor Richard Dawkins para efetivamente mudarmos. Para mudar, basta viver!

Da mesma forma que cada novo dia recebe fótons inteiramente novos do sol matinal, em nosso cérebro algumas células estão morrendo, e outras nascendo. Em nossa personalidade, ideias, símbolos, crenças, informações, pensamentos, estão em constante mutação e afloramento. Não as represemos! É de nossa natureza mudar, e todo questionamento é divino...

Foi da dúvida, e não do dogma ou da certeza infalível, que surgiram a religião, a filosofia, a ciência, a arte e a mitologia. Foi para reencenar este turbilhão de ideias internas, quem sabe, que Deus nos deu a imaginação. Mas então, para que tudo isso? Para que imaginar, ou vivenciar, todos esses bailes sem fim?

Na primeira vez que adentrou Azeroth, o mundo de RPG virtual, veio a convite de seus amigos em sua cidade natal. Nasceu novamente como humano, mas um humano feito de pixels, que habitava a capital Stormwind, e soltava raios de gelo pelas mãos! Ganhou muita experiência e níveis de poder ao se agrupar com seus amigos virtuais, e enfrentar a horda inimiga, seus orcs e trolls, ao longo de toda a Azeroth. Quando chegou ao nível máximo, adentrou Molten Core e matou o Demônio em pessoa (ou pixels), ganhando poderosos tesouros... Mas depois, com o tempo e as repetições, após matar o Demônio pela 42ª vez, enjoou.

Voltou ao “mundo real”, e só se lembrava de suas aventuras em Azeroth num ou noutro sonho... Mas então, o mundo de *Warcraft* se expandiu, e agora seus amigos lhe chamavam para renascer novamente neste baile de pixels. Entretanto, ele estava relutante:

“Não vai dar, faz muitos anos que parei, eu mal lembro como era o jogo, e as regras mudaram muito, vou ter de subir de nível com um outro personagem, tudo de novo”.

Ao que seu amigo respondeu:

“E eu também. Mas quem disse que jogamos este jogo para estarmos sempre no nível máximo, e sempre com os mesmos personagens? Jogamos porque somos amigos, e gostamos de nos aventurar juntos, ora bolas!”.

Estranho de se pensar, seu amigo tinha toda razão...

Desta vez, criou um monge panda [5] que nasceu numa ilha formada no casco de uma gigantesca tartaruga, a navegar por Azeroth. Depois escolheu defender a horda, e fez muitos amigos entre os orcs e trolls que, da outra vez, eram seus inimigos mortais. Uma nova vida, uma nova encenação, uma nova personalidade virtual – não importa, o importante é que estava ali para se divertir com os amigos, reais ou virtuais [6].

Assim também é este dito “mundo real”, e se aqui não podemos soltar bolas de fogo ou voar nas costas de dragões, podemos ainda imaginar tudo isto, pois que tudo, no fim do dia, surgiu da imaginação. Em nossa mente, nada nos impede de nos reunirmos com aqueles que amamos, ainda que seja no casco de uma tartaruga gigante, numa ilha errante.

Vivemos nesta idade humana, nesta humanidade, que por vezes nos acusa de sermos loucos por imaginarmos que, nalgum dia, adentramos masmorras obscuras dentro de nós mesmos, e por lá enfrentamos terríveis dragões, e conquistamos tesouros fantásticos. Se lhe acusam de tudo isto, não faz mal, minta para eles: “Sou são, e não comungo com tais loucuras”.

Porém, entre seus amigos, entre todos os iniciados, continue batalhando para que sua loucura seja feita de luz. Cada vez mais luz...

A resposta de Buda

Acorde! Recorde que você é um ser, que veio de uma estrela, que está em uma estrela, que irá para outra estrela. Pouse suave. Os mensageiros orientam. (Hermes Trimegisto)

Em fevereiro de 1990, tendo completado sua missão primordial, foi enviado um comando a sonda espacial Voyager 1 para se virar e tirar

fotografias dos planetas que havia visitado. A NASA havia feito uma compilação de cerca de 60 imagens, criando neste evento único um mosaico do Sistema Solar. Uma imagem que retornou da Voyager mostrava nosso planeta, a Terra, a 6,4 bilhões de quilômetros de distância, como um “pálido ponto azul” no meio da imensidão cósmica.

Foi precisamente tal imagem que inspirou Carl Sagan a nos trazer mais uma reflexão:

“Olhem de novo para esse ponto. Isso é a nossa casa, isso somos nós. Nele, todos a quem ama, todos a quem conhece, qualquer um dos que escutamos falar, cada ser humano que existiu, viveu a sua vida aqui. O agregado da nossa alegria e nosso sofrimento, milhares de religiões autênticas, ideologias e doutrinas econômicas, cada caçador e colheitador, cada herói e covarde, cada criador e destruidor de civilização, cada rei e camponês, cada casal de namorados, cada mãe e pai, criança cheia de esperança, inventor e explorador, cada mestre de ética, cada político corrupto, cada superestrela, cada líder supremo, cada santo e pecador na história da nossa espécie viveu aí, num grão de pó suspenso num raio de sol.”

Perto do infinito do Cosmos, é difícil não nos sentirmos estranhamente humildes e espantados quando seguimos a luz de pensamentos como este. É difícil não contemplar o céu noturno, que ainda com toda a poluição ainda nos permite ver incontáveis estrelas, e não se indagar: “por que tudo isso?”.

Por que vir até este pálido ponto azul, tantas e tantas vezes, e a cada vez, reencenar alguma peça, escolher mais um tanto de máscaras, e com elas sermos novamente um ser, humano, vivendo uma vez mais uma vida humana, na idade humana. Para quê?

A mesma mentalidade científica e racionalista que nos ajudou a criar de nossas mentes a tecnologia necessária para que fosse possível lançarmos sondas na imensidão espacial, e tirar fotos de nossa casa conforme vista a bilhões de quilômetros, esta mesma mentalidade

não parece conviver muito bem com o “porque”, e então se foca no “como”.

Para todos aqueles que têm asco da espiritualidade, a ideia de que tenhamos sido criados por alguma superinteligência é absurda, assim como a noção de que temos, por detrás das máscaras que formam nossa personalidade, alguma coisa oculta, preciosa, e que precisa ser mantida pura...

Conforme os antigos mitos foram mal interpretados e esquecidos, a sociedade moderna passou a reinventá-los noutro contexto. Dessa forma, o que já foi um espírito da natureza, um gnom, um anjo ou arcanjo, hoje é um ser alienígena, algum santo sábio de outras eras, um bioengenheiro mágico que inseminou a espécie humana na Terra, e de vez em quando volta para fazer anotações científicas. Como se não bastasse tudo isso, há aqueles que esperam por uma nova Arca de Noé, desta vez uma nave espacial que virá salvar alguns escolhidos do final dos tempos terrenos.

Mas, estranho de pensar: e quem seriam os alienígenas, afinal, senão nós mesmos? A ciência atual ainda não chegou numa teoria consistente de como uma mistura de aminoácidos subitamente formou a primeira bactéria na Terra. Segundo muitos biólogos e astrobiólogos, ir do aminoácido inorgânico a bactéria orgânica é um passo consideravelmente mais complexo e misterioso do que ir da bactéria ao chimpanzé.

Para muitos cientistas, a teoria da panspermia é a melhor teoria para explicar o surgimento da vida na Terra. Segundo ela, boa parte ou mesmo a totalidade do tipo de matéria que possibilitou o surgimento das primeiras células vivas chegou a nós incrustada em asteroides que se chocaram com a Terra no período de centenas de milhões de anos após sua formação.

Nós buscamos pelos alienígenas lá fora, mas de certa forma sempre fomos, nós mesmos, os próprios alienígenas: filhos das estrelas, parte dos elementos pesados que são formados, no universo conhecido, somente nas reações nucleares do núcleo dos sóis.

Dizem que o príncipe nepalês, Siddharta Gautama, alcançou a iluminação interior suprema, o nirvana, após meditar por 49 dias ao lado de uma árvore. Tinha então cerca de 35 anos, e após haver renascido em vida, dedicou o restante de seus dias a tentar ensinar aos outros em sua volta sobre aquilo que descobriu, a refletir a luz que havia descoberto dentro de si mesmo.

O que o Buda descobriu é algo que a ciência moderna já sabe há algum tempo: nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Assim sendo, não somente as coisas, como a própria matéria orgânica que forma nosso corpo, tudo que há é formado por substâncias impermanentes, não duradouras, em constante metamorfose e mutação. Mesmo o sofrimento e a alegria são impermanentes: a compreensão da impermanência está no cerne da doutrina budista.

Dizem também que o príncipe nepalês decidiu tornar-se um asceta após passear no entorno de seu palácio e ter encontrado um homem velho, outro doente, um corpo já em decomposição, e um asceta meditando. Por muito tempo tentou chegar à iluminação pelo ascetismo extremo, pela dissociação do mundo impermanente, mas por fim, após quase morrer de inanição, desistiu desta dissociação extrema [7] – e foi assim, no caminho do meio, que finalmente compreendeu:

Todas aquelas máscaras que apertavam sua cabeça e coçavam seu nariz, todas elas nada mais eram do que poeira e fumaça, como o restante do mundo impermanente. Somente após retirar todas essas máscaras, após descascar todas as suas personalidades, ele encontrou algo lá dentro...

Mas o que o Buda encontrou, e compreendeu, dentro de si mesmo, talvez esteja além da linguagem, além da capacidade de se explicar por símbolos gramaticais. Tudo o que ele fez desde então, até o fim de sua vida, foi tentar servir como exemplo para os que estavam a sua volta. Não existia um manual de natação infalível, era preciso que cada um mergulhasse em si mesmo, e descobrisse.

“Confiem em si mesmos, não dependam de mais ninguém. Fazei de vós mesmos uma luz” – Siddharta sabia!

Detrás de todas essas máscaras que usamos numa mesma vida, ou em vidas a fio, há o Jogador Mais Precioso. Tal Jogador pode ter, conosco, se aventurado no “mundo real”, ou no mundo de Azeroth. Mas, no fim, por mais que lhe digam que este é um mundo de ofícios de guerra, o Jogador sabe, sempre soube, que em realidade estamos aqui para um ofício de amor [8]: para desenvolver nossa potencialidade de amar, de nos conectar, de compreender, de nos religar a este Cosmos que nos abarca por todos os lados, desde sempre.

Para tal, devemos então deixar de sermos alienígenas em nossa própria terra, e explorar, com sondas mentais, o planeta da alma. E lá descobriremos o Mistério, o Monolito Posto de Pé, o Jogador, o Eu Sou. E então atingiremos o nirvana, e calaremos sobre ele – nosso amor será todo exemplo, todo incentivo, para que outros também mergulhem, para que outros também deixem de ser desconhecidos de si mesmos. E isto basta: terão chegado na idade do ser, a eterna idade.

Assim foi que, no fim do experimento, apenas o Buda soube da resposta certa: Sally, a garota que quer brincar, deve buscar sua bola em si mesma – fora, nada realmente permanece de pé.

Se você não me achar em você, nunca me achará. Pois tenho estado contigo, desde o começo de mim (Rumi)

A SUBJETIVIDADE DO OLHAR

04.01.2014

Este pequeno trecho é uma conclusão a que cheguei após muitos anos de debates envolvendo espiritualistas e céticos em geral... Espero que não me esqueça mais dela (tão cedo):

De um jeito ou de outro, cada um sempre crê naquilo que deseja crer, ainda que não admita isto sequer para si mesmo. A ciência humana é uma tentativa de descrever a Natureza, mas quem a observa no fim das contas somos nós. Quem a interpreta somos nós.

Nem toda a objetividade do mundo é capaz de romper a subjetividade do olhar.

CONVERSA DE BAR

28.11.2006

Já era noite na cidade e como de costume a boêmia se encontrava nos bares para dançar, beber, seduzir e conversar. Alan e Carlos conheciam-se apenas de vista, mas por alguma razão no final da festa passaram a conversar sobre filosofia, ou mesmo filosofar (bem talvez eles tivessem bebido um pouco além da conta, não é a toa que a “filosofia de botequim” é um dos ramos mais difundidos da arte).

Conversa vai e conversa vem, depois de terem passado por filósofos modernos, acabaram como sempre caindo na Grécia antiga. Interessante, ambos gostavam de Epicuro (nem todos entendem a simplicidade de se viver feliz, por isso a surpresa usual)... Mas Carlos teceu aquele tipo de comentário que pode encerrar uma conversa num momento:

“Sim, puxa como é belo o pensamento de Epicuro, uma pena que não acreditasse em Deus.”

Ora, mas Alan era ateu, como muitos filósofos aliás, e já se sentia triste por ter de encerrar a conversa, principalmente devido ao “uma pena”:

“Bem, mas eu também não acredito em deus.”

Houve uma leve tensão no ar, mas para a surpresa de Alan seu agora talvez quase amigo respondeu:

“Ah tudo bem, é que... Bom, eu acredito Nele, ou melhor, tenho certeza, então acho que Deus adicionaria muito na filosofia de Epicuro... Principalmente porque na época a ideia de Deus não era limitadora como na Idade Média.”

Alan achou interessante poder continuar uma conversa como aquela, sem ser “censurado” por não acreditar em algo que a maioria acredita.

Conversa vem e conversa vai, Alan começou a ficar curioso para saber como alguém que acreditava em Deus podia ser tão “mente aberta” e sem preconceitos para com muitos assuntos e muitos filósofos... Até que teve vontade de dizer, e realmente disse:

“Sabe, para alguém que tem certeza de deus, até que você está aberto a muitas ideias novas. Certeza é uma palavra forte, como você pode dizer que tem essa certeza toda?”

Carlos simplesmente respondeu:

“Ora não sei. Bem eu sei que já nasci com essa certeza, mas não sei muito bem explicar ela.”

“Mas e você não conversa com deus? Não tem medo de ir para o inferno ou coisa assim?”

“Não. Bem, se Deus quisesse que fôssemos perfeitos desde a criação, não nos teria criado assim tão imperfeitos não é mesmo? Mas fácil teria sido criar robôs que já viriam programados para sempre trilhar os caminhos iluminados e sempre fazer as escolhas corretas... Eu não tenho medo de ir para o inferno, porque para mim não existe inferno, apenas ignorância. Se tenho medo, tenho medo de repetir erros e fazer escolhas erradas; mas mesmo assim, na vida ou na morte, tudo tem conserto.”

“Mas então você não é daqueles que conversa com deus todo dia antes de ir dormir? Tipo, acredita que ele aparece para nós? Acredita que Jesus era deus?”

“Claro que Jesus não era Deus. Jesus foi o maior homem a passar pela Terra, mas entre o homem e Deus ainda existe uma extensa distância a percorrer. Deus não precisa aparecer nem conversar conosco, já que tudo na existência segue suas leis, que foram determinadas ainda na criação do universo, acredito...”

Mas também não acho importante o fenômeno, o milagre. O importante é estar no caminho certo na vida, e se reconfortar com a ideia de que existiu sim um Ser antes do universo, e que se nos criou só poderia ter uma intenção de amor, já que o próprio ato de criar é um ato de amor.”

“Interessante, mas se para você deus não interfere em nada em nossas vidas, se não pode fazer milagres por nós, se não pode nos julgar e nos mandar para o céu ou o inferno, então deus não exerce nenhuma influência em sua realidade... Existe apenas a ideia, ou a certeza, a crença, de que ele existe. E que diferença isso faz?”

“Meu caro Alan, será que ainda se lembra de primeira vez que beijou sua mulher? Ou da primeira vez que fez amor com ela? Ou quando teve a certeza dentro de si que a amava, embora essa certeza fosse tão invisível quanto tantas outras?”

“Sim, bem eu ainda a amo...”

“Pois é, e que diferença isso faz?”

ONDE ESTÃO SEUS MÓVEIS?

30.11.2006

Havia um sábio no Egito que era visitado por todo tipo de celebridade e empresários na década de 80. Matthew era um desses jovens quase milionários que ainda buscava um ideal de vida, e resolveu pegar o avião da empresa de seu pai, da qual também fazia parte ele mesmo na área de finanças, e seguir para o templo do guru.

Chegando lá, teve de esperar algumas horas para ser atendido, visto que o sábio não atendia as pessoas por ordem de grandeza material... Quando finalmente chegou a sua vez, Matthew adentrou a sala onde o guru aconselhava os seres, achando que seria tão luxuosa quanto o resto do templo. Mas lá dentro havia apenas algumas velas em cima de um toco de madeira, uma pequena pilha de livros antigos empilhados num canto, um jarro d'água com alguns copos de barro ao lado, e um semi ancião sentado em um longo tapete cheio de mandalas bordadas.

Interessante foi que Matthew nem esperou o sábio a sua frente iniciar a conversa:

“Ora, mas como o senhor atende as pessoas o dia todo praticamente sentado no chão... Por que não pediu para alguém lhe trazer alguns móveis do saguão ao lado?”

No que o guru olhou bem fundo nos olhos de Matthew, e assim permaneceu até o fim da conversa:

“Mas esses móveis não são meus, são os móveis desse templo de luz que gentilmente me sede esta sala para que eu possa aconselhar e

curar a alma das pessoas angustiadas e perdidas... Com o que já fico imensamente agradecido.”

“Mas e por acaso sua casa não fica próxima daqui?”

“Sim, de fato ela fica muito próxima realmente...”

“E então, onde estão os seus móveis? Poderia trazer ao menos uma cadeira para não ter se ficar aí no chão.”

“Mas eu não tenho móveis.”

“Como? Não tem móveis? Mas como assim, você quer dizer que sua casa também não tem móvel algum?”

“Permita-lhe perguntar, então, por que você mesmo não trouxe as cadeiras de sua casa para nossa conversa?”

Matthew soltou uma leve gargalhada e respondeu:

“Ora, mas não lhe avisaram? Eu estou em trânsito, vim lá dos Estados Unidos somente para ver o senhor...”

E o sábio respondeu, ao que Matthew não teve com o que retrucar:

“Pois eu também estou em trânsito! E sempre levo minha casa comigo mesmo, pois que não sei aonde a vida irá me levar amanhã.”

VIDA ABUNDANTE

08.12.2006

O astrônomo queria saber o que havia no início desse universo, e com seu super-telescópio passou dias e noites, e semanas e meses,

apenas observando os céus noturnos, em busca de algum resquício de luz da grande “explosão” que iniciou isso tudo, o *Big Bang*.

E quando mais achava pistas sobre ele, mas tempo passava no telescópio... Até que um dia foi recompensado, encontrara no passado distante, há milhões de anos-luz, o nascimento de uma pequena estrela nos confins de nossa própria galáxia. Viu que do berço incandescente daquele pequeno sol, milhares de pequenos fragmentos foram arremessados no espaço sem fim... Um desses fragmentos era um asteroide, mas não um asteroide qualquer, porque o astrônomo sonhou que ele era parte dessa pedra viajante.

Ou talvez estivesse no sonho de alguém, mas o fato é que viu todo o percurso daquele pequeno pedaço de rocha pelo espaço... Observou muitas outras estrelas, outros sóis e seus planetas, luas, anéis como os de Saturno, e milhares de outros asteroides, cada qual em sua própria rota, determinada por sabe lá quem ou o quê...

Até que avistou um imenso ponto negro no espaço, realmente mais negro do que o próprio espaço em si, totalmente escuro, pois que nem a luz lhe escapava. Era assustador, impossível saber o que havia em seu horizonte interno, pois sugava toda a luz, e ainda não haviam inventado um telescópio que enxergasse onde não há luz alguma... Mas nesse momento soube da inevitabilidade de sua aproximação do arauto da destruição, era impossível que aquele pequeno asteroide tivesse forças para sobrepujar a atração mortal do imenso buraco negro.

No entanto, quando estava mais próximo de sua entrada, pareceu tranquilizar-se, como quem pensa da seguinte forma: “se por acaso foi o nascimento de uma estrela que me arremessou no espaço, talvez não seja de todo mal que eu me perca para sempre na carcaça mortal de uma de suas irmãs”. O buraco negro nada mais era do que uma estrela muito mais antiga que já havia entrado em processo de autodestruição, levando tudo a sua volta consigo, até mesmo a luz, mas não a esperança...

Pois que após vagar por incontáveis séculos pelo universo sem fim, o pequeno asteroide e seu astrônomo aprenderam uma lição. “Aqui

existe vida, vida abundante, vida infinita. Enquanto uns se perdem nos horizontes escuros de um buraco negro, muitos outros são arremessados no espaço a todo momento, numa inexplicável, onipotente demonstração de amor.”

E desse modo, pleno de confiança, adentrou no escuro absoluto... Menos de um momento depois, já se via vagando pelo nosso sistema solar, em direção à terceira pedra do nosso sol, a mãe azul, Terra. Não sabia o que havia ocorrido dentro do buraco negro, mas sabia sim que persistia, ainda que numa outra forma, um asteroide muito maior, com diversas outras inteligências em estado bruto... “Nada se perde, tudo se transforma.”

Queimou ao entrar em contato com nossa atmosfera, e caiu incandescente... Mas dor, dor não sentia... Sentia uma imensa alegria, como a de quem encontra uma casa nova para morar. E, caindo em algum lugar do Egito, há milhões de anos atrás, se transformou numa imensa montanha, e depois numa das árvores que crescia na base dela, e depois em um pequeno réptil, um gatopardo, um gorila, um homem das cavernas e, finalmente, um homem!

Então o astrônomo acordou de súbito, houvera cochilado durante suas observações sem fim. Imediatamente pensou: “nunca sonhei um sonho tão real.” E dali em diante, passou a se preocupar mais consigo mesmo do que com o universo distante...

De algum modo, sentia que era ele em si, parte desse universo, e olhar para dentro de si era como olhar para as regiões mais longínquas do cosmos.

A ANGÚSTIA DE VIVER

19.09.2009

Foi no nascer do sol que Richard finalmente alcançou o topo do monte Shiva, nas imediações de um pequena cidade no interior da Índia, para a esperada conversa com o sábio que habitava a região há muitos anos, e que não tinha nome, pois em cada morada que batia a

porta pedindo comida, era chamado por um nome diferente – e não se importava.

Richard era um empresário do ramo de informática, muito bem sucedido profissionalmente. Muito mal sucedido no entendimento de si mesmo. Richard um dia acreditou que o objetivo de sua vida era criar uma grande empresa de software, conhecida em todo mundo, e ficar milionário... Tudo isso ele conseguiu, mas não podia compreender o sentido de toda essa jornada – uma pergunta lhe inquietava:

“Qual o objetivo da vida afinal?”

Foi a pergunta que ele fez ao sábio ancião assim que o encontrou, varrendo a varanda de sua casa. O homem parece ter gostado do modo direto pelo qual aquele ocidental intrometeu-se em seus afazeres diários, com uma indagação tão profundamente simples. Encostou sua vassoura e respondeu-o:

“Por que você veio de sua casa até a Índia?”

“Para tentar resolver essa angústia dentro de mim mesmo...”

“E acha que vai conseguir?”

“Não sei, gostaria de tentar... Acho que essas coisas se resolvem passo a passo.”

“E qual é o próximo passo?”

“Não sei, achei que iria me dizer...”

“E por acaso alguém pode saber em qual direção o ramo de árvore irá crescer?”

“Como assim?”

“Você, como eu, é apenas uma pequena semente jogada ao solo. Nós não sabemos para que direção nossos galhos irão crescer, nem que folhas e frutos iremos produzir. Sabemos apenas que nos alimentamos do sol, e tentamos chegar até ele... Mas também somos filhos da terra, e nossas raízes nos mantêm atados ao solo.”

“Mas e daí? E se chegarmos ao sol? Depois teremos um universo pela frente... Qual o objetivo de tudo isso? Aonde tudo vai dar?”

“Qual o objetivo? Pergunte a natureza. Pergunte por que a luz viaja junto ao tempo para permitir a vida. Pergunte por que os ventos sopram sem cessar. Pergunte por que as bactérias viraram peixes, e depois decidiram habitar a terra, e depois se transformarem em homens. Pergunte a algum físico ou biólogo que poderá lhe dizer muito mais sobre todo esse mecanismo cósmico, muito melhor do que eu que estudei apenas a mim mesmo...”

“Mas disseram-me que você é um grande sábio, que conhece muitos segredos da alma e do lado oculto das coisas. Você me diz que sabe quase nada... Então, como pode viver com essa angústia?”

“Pois eu lhe digo, meu amigo, que é exatamente essa angústia que me faz viver. Viver cada vez mais, viver em todos os momentos o espetáculo que se arma para aqueles que não têm medo de mergulharem em si próprios.”

ANTIRREFLEXO

05.07.2012

Uma em cada quatro crianças não enxerga bem.

É isso que acabei de ler na seção “Você sabia?” do site da empresa que criou as minhas lentes antirreflexo. Depois piora, segundo o mesmo site: cerca de 2,4 bilhões de pessoas no mundo não enxergam bem. Isso é um tanto quanto vago, no entanto: o que seria enxergar bem, afinal?

Se estavam se referindo a miopia, ou “enxergar mau de longe”, acertaram em cheio: eu fui parte das crianças que não enxergavam bem. Descobri isso quando comecei a sentar mais pelas últimas fileiras da sala de aula; acho que quando comecei a ser mais levado, descobri que não enxergava bem o quadro negro... Mas não foi punição do Papai Noel, foi?

Você sabia que quando uma criança com cerca de 2 graus de miopia passa a usar óculos pela primeira vez, o topo dos prédios de Copacabana passa a ser a visão mais interessante do mundo? “Nossa, olha aquela pessoa olhando daquela janela lá em cima, e eu consigo vê-la direitinho daqui da janela do ônibus!”

Geralmente não nos lembramos mais de quando aprendemos a enxergar as coisas pela primeira vez, mas quando você volta a aprender a enxergar as coisas distantes, lá pelos 6 anos de idade, esta pode ser uma memória e tanto... É como o caçador-coletor que encontrou o final da floresta, e admirou as árvores distantes na planície.

Que é o mundo todo, senão o que percebemos dele?

Muito tempo após, já adulto, eu comprei minha primeira TV de alta definição, dessas que usam cabo HDMI. Então pluguei meu videogame de alta definição nela com um cabo comum, e me preparei para o espetáculo: nada demais. A primeira coisa que aprendi é que não adianta termos uma TV de alta definição, nem um videogame de alta definição, se não temos um cabo que suporte tanta definição junta, conectando tudo isso numa mesma experiência.

Conectei o tal cabo HDMI, a loja que me vendeu disse que era caro porque tinha “partes de ouro”... Bem, eu admito que

dei *pause* no game de futebol e fiquei uns 5 minutos apenas apreciando a alta definição do gramado – e nem era um gramado real, mas virtual. Importante é que o cabo funcionou, já estava achando que aquela alta definição toda era um conto do vigário...

Mas nossa história ainda não terminou. Eu tinha óculos com lentes antirreflexo e etc., achava que com eles havia deixado de fazer parte daqueles bilhões todos que não enxergam lá muito bem. Mas ocorre que, olhando para a tela da minha TV de alta definição, um dia percebi que a lente direita estava muito arranhada... Eu nem estava enxergando tudo com tanta definição assim!

Fui novamente numa ótica depois de muitos anos. Minha miopia havia estagnado em 5 graus, então apenas encomendei óculos novos. Mas não eram quaisquer lentes de óculos:

Para quem busca um produto *premium*. A melhor performance em lente antirreflexo do mercado oferece uma visão nítida por muito mais tempo do que qualquer outra lente. Maya Forte [marca fictícia] oferece as melhores performances para combater os 5 inimigos da visão, pois foi desenvolvido através de uma combinação de tecnologias de ponta resultando nos benefícios (...)

A seguir, o site da empresa lista os benefícios. Espinosa, sem dúvida, seria um homem muito rico hoje em dia – isto é, se tivesse vocação empreendedora. Mas, voltando ao assunto que importa: coloquei minhas novas lentes *premium* e liguei minha TV de alta definição... “Uau!” Agora sim, estava lembrando os prédios de Copacabana.

O antirreflexo não serve para expulsar a luz, e sim para filtrar a luz que realmente importa: aquela que estamos contemplando. É esta que chegará aos olhos da mente e do espírito, não importa o grau da miopia, e tampouco a qualidade dos óculos. Não importa nem mesmo se podemos enxergar.

Há muitas formas de ser ver o mundo, assim como há muitas formas de passear por aqui sem nada perceber, com olhos que nada

veem e nada sentem. Eu sou, portanto, eternamente agradecido ao que vi, aos 6 anos, quando saí com meu pai do oculista.

O mundo todo estava apenas um pouco além de alguns graus de miopia. Para quem não enxerga bem, há lentes antirreflexo. Para quem já enxerga bem, e nada reflete, o caminho será um tanto mais árduo...

CONDUTORAS

14.02.2013

“Só podia ser mulher! Nessas horas eu sou machista...”

Quem disse isso foi uma mulher. Ela estava dirigindo o carro, e eu era o carona. No cruzamento, alguma outra mulher conduzia seu carro sem muita pressa, o que é sempre um incômodo para o mundo do *fast food*.

Mas eu não estou aqui para falar de *fast food*, e sim de machismo. Já pararam para pensar? – São as mães, são as mulheres, primordialmente, quem ensinam seus filhos e filhas a serem machistas. Ou, pelo menos, a maioria pouco faz para evitar a sedução do pensamento machista na maior parte das sociedades do mundo.

Em comerciais de TV (inclusive de carros), músicas pop, novelas, e até mesmo na literatura *softcore* altamente vendável: o machismo ainda está por toda a parte.

Mas é claro que as coisas mudaram: hoje em dia, na maior parte do mundo civilizado, as mulheres têm alma, podem escolher com quem vão se casar, têm direito ao voto, e estão a caminho de ganhar quase tanto quanto os homens pela mesma função no trabalho. Dizem até que no ensino superior já ultrapassaram os homens há algum tempo, ao menos em porcentagem de inscritos... Então, qual é o problema?

O problema está na origem do machismo, isto é, na origem do mundo patriarcal. Como alguns devem saber, há muito, muito tempo, a maioria das sociedades tribais era matriarcal, pois eram as

mulheres, as sacerdotisas, quem “dominavam” os mistérios da vida, e da Deusa Mãe. Era somente através delas que novos seres humanos chegavam a Terra, e por isso parecia justo que fossem elas as responsáveis por organizar e celebrar os cultos e rituais religiosos.

Então chegou a agricultura. No início, deu ainda mais poder as mulheres: afinal, elas já cuidavam de organizar a tribo enquanto os caçadores-coletores se arriscavam no meio selvagem. Agora cuidavam também da plantação e do estoque de grãos. Estocar comida, isto sim, era algo inédito na história humana. Infelizmente, nem todas as tribos tinham a mesma habilidade para tal função.

Em épocas de fome, tribos de nômades pensaram assim: “Por que me arriscar a caçar na selva, se posso simplesmente invadir aquela tribo onde há vasos cheios de comida estocada, e somente mulheres cuidando dela?”. Os caçadores nômades passaram a invadir tribos estabelecidas, e foi então que o mundo viu o surgimento do primeiro exército: um grupo de caçadores passou a ser pago em comida, para proteger a comida.

Ainda que todo soldado sirva, idealmente, para manter a paz, na prática foi com violência e sangue, muito sangue derramado, que ela vem sendo mantida desde então. O matriarcado não fazia mais sentido num mundo violento. A Deusa Mãe tornou-se submissa ao Deus Pai. Freyja tornou-se apenas a esposa de Wotan.

O machismo está, portanto, intimamente ligado à violência, a ideia de que “os homens são fortes e lhe protegem, mas não os irrita porque eles são mais fortes que você”. Então, se na teoria o machismo pode parecer somente algo engraçado que aparece de vez em quando na TV, na prática o que ele gera são estatísticas alarmantes de violência doméstica e estupro. E isto não aparecia na TV até pouco tempo, mas mesmo o que aparece é somente a ponta do iceberg...

No entanto, isto não responde a pergunta: “se o machismo é tão nocivo às mulheres, por que grande parte delas, quem sabe a maioria, é machista?”.

Nesse caso, precisaremos recorrer a mitologia: Enquanto boa parte das deusas perdeu sua força ancestral, o gênero feminino conseguiu

se manter no pensamento masculino como uma espécie de joia preciosa, de troféu... A musa que dá inspiração aos artistas, a princesa que precisa ser resgatada de algum monstro vil (e que é ela mesma o prêmio da aventura), a miss que, com sua beleza, reina sobre homens e mulheres.

E, conforme os mitos não existem, mas existem sempre, isto significa que existem ainda neste momento. Talvez por isso muitas mulheres aceitem o machismo. Elas podem até saber, ainda que inconscientemente, que correm algum risco de serem estupradas ou esbofeteadas ocasionalmente num mundo de homens machistas, mas talvez aceitem o risco pela possibilidade de serem, elas mesmas, o grande prêmio cobiçado por todos!

Qual mulher machista, afinal, não quer ser a musa, a princesa prometida ao grande herói, a miss universo, a mais bela de todo o mundo, de todo o Cosmos?

E isto só é possível num mundo machista. Num mundo machista as mulheres que são mais cobiçadas não são exatamente aquelas donas do próprio nariz, senhoras de si, livres pensadoras, mas sim aquelas que esperam, tal qual a princesa do castelo, pelo príncipe encantado. Num mundo machista estamos atrás de mulheres-troféu. E as mulheres machistas, afinal, querem muito ser este troféu tão adorado.

Infelizmente para elas, e felizmente para os que desejam um novo mundo, a grande maioria das mulheres não alcança tal posto... Um dia, quem sabe, elas cansem das dietas milagrosas e da obsessão pela estética, e se voltem para dentro, e descubram a si mesmas, e rasguem esta ridícula veste de princesa que as limitam por todos os lados. Quem sabe, um dia, as mulheres aceitem a celulite e algum tanto de culote.

Neste dia o machismo estará em sérios apuros. Neste dia a Deusa Mãe, e a sensibilidade, e o amor e respeito à Natureza, e o amor e respeito à integridade da mulher, estarão em vias de retomar seu lugar no mundo. Não um lugar de dominância, acima do Deus Pai, pois neste novo mundo Deus poderá ser, finalmente, Pai e Mãe!

E, em toda essa história, teremos citado apenas uma lenda, um mito efetivamente falso: As mulheres são melhores condutoras de automóveis que os homens, e já faz algum tempo. Se duvidam, pesquisem pelo preço do seguro para homens, e comparem com o preço para mulheres.

O que falta a mulher é, portanto, ser a condutora da própria vida. Os homens, afinal, não as deixaram num mundo tão maravilhoso assim. O príncipe encantado, e seu Reino Encantado, podem existir no futuro, não hoje.

PÁSSAROS

04.03.2013

Aqui perto de casa existe uma rua cheia de árvores de copas esféricas, embora nenhuma esfera viva seja ou precise ser perfeita... Todos os dias eu atravesso ela para poder ir tomar café. Eu a chamo de Rua dos Pensadores, embora a prefeitura tenha lhe dado outro nome.

Uma vez tomei um baita susto: um pássaro enfurecido veio bicar minha cabeça. Acho que nunca vi um pássaro voar na minha direção, geralmente eles fogem da gente... Aquele não, aquele tinha alguma razão para arriscar a vida e dar bicadas na cabeça de um gigante. Se algum dia eu tive vontade de enganar um pássaro, ela passou rapidamente.

Ainda bem, porque depois acabei compreendendo: era um pássaro defendendo o seu ninho. A Natureza, em sua guerra da fome e da morte, privilegia a vida acima de tudo. Não fosse assim, o pássaro iria abandonar seu ninho ao primeiro sinal de perigo, e só voltar se fosse perfeitamente seguro. No entanto, existem animais, como uma espécie de polvo, que dão a vida por sua cria. Existem ainda outros animais, como uma espécie de inseto, que dão a vida ainda no ato da cópula. “Sexo mortal”? Ou “criação da vida”?

Não é a toa que o Abujamra sempre pergunta duas vezes aos entrevistados do seu programa (*Provocações*, na TV Cultura): “O que é a vida?”. Eu acho que ele tem esperança de que um dia alguém responda. Na primeira ou na segunda pergunta? Em nenhuma das duas. Quem quer que saiba responder isso, não precisará de palavras.

A vida é uma deusa alada que anseia por si mesma, *ad infinitum*. Seu combustível é o amor, e ele nunca se esgota. Sua vontade é o mistério: inefável, inalcançável... Há muitos eclesiásticos e cientistas que tentaram trepar pela árvore que cresce na Rua dos Pensadores e roubar um ou outro ovo do ninho deste pássaro. Mas não viram ovo algum!

Não sabemos quem ou o que criou a vida. Não sabemos criar vida, apenas copiar uma ou outra pequena parte daquilo que é chamado “orgânico”. E há muitos eclesiásticos que bradam assim, ainda trepados no tronco colossal: “Nós já vimos o que está no ninho. Temos agora todas as respostas!”; enquanto há céticos que dizem isto: “Não há ninho algum. Larguem esta infantilidade! Trepar em árvores é coisa de criança.”

Dizia o poeta libanês que “nossos filhos são os filhos da ânsia da vida por si mesma”... É isto: as crianças quem sabem o que havia no ninho, na Mansão do Amanhã, e por isso elas gostam tanto de trepar em árvores. Mas depois nós as ensinamos a serem “sérias”, e elas se esquecem de tudo, ou quase tudo.

Tenho uma certa dificuldade em seguir doutrinas. Algumas delas são bem profundas, e isto está muito bom. Mas eu posso simplesmente reconhecer sua profundidade, e aprender o que há para se aprender dela. O que não posso é ficar ancorado nesta ou naquela doutrina.

Há algumas coisas que somente os pássaros e as crianças sabem, e todos estes seguidores de doutrinas, todos estes que acreditam que alguma palavra infalível resolverá a questão da vida para eles, jamais saberão de toda esta brincadeira.

O ninho que eu defendo, incondicionalmente, como o pássaro louco que vai bicar o gigante, é o ninho da liberdade!

No topo de todas as árvores do mundo há um ninho semelhante. Mas somente as crianças o viram, de relance, em meio ao pique esconde. Há pássaros que vêm e vão, de vez em quando, entre eras, para semear a Terra com as sementes de cada ninho desses...

Na Rua dos Pensadores os ninhos não têm ovos, mas sementes de um novo pensamento. Se um pássaro louco vier lhe bicar, não fique revoltado: às vezes, ele pode estar apenas lhe trazendo uma nova experiência.

ESTRANHO

10.09.2013

Há um tempo em que refletimos tanto sobre a existência que nos tornamos estranhos.

Eu mesmo sou mais estranho do que pensam. É preciso conviver comigo por longos períodos para perceber. Como Raulzito, não falo de amor quase nada – mas penso no amor a toda hora. Como Raulzito, não fico sorrindo ao seu lado – mas posso muito bem estar te amando, de maneira até mesmo muito séria! E tudo isto é mesmo muito estranho.

Às vezes assisto ao Pânico na TV, às vezes ouço música no rádio, às vezes até mesmo como um quarteirão com queijo no McDonald's... Não quero me distanciar tanto deste mundo, pois sei que sempre serei parte dele, e me distanciar seria me iludir; e deixar de ser estranho para ser apenas esquisito.

Ó Bernardo Soares, sou estranho, mas não esquisito!

Esquisito seria apenas me deleitar com as exibições espontâneas de bundas na TV, ouvir as rimas fáceis da rádio e me contentar apenas com elas, comer sanduíche todo santo dia... Estranho é reconhecer o machismo do mundo e procurar modificá-lo sem me alistar numa guerra; aceitar que existem gostos musicais os mais variados e que isto se desenvolve ao tempo de cada um; e admitir que há pessoas suficientemente sedentárias não somente em seu estômago, mas principalmente em seu pensamento.

Como mudar isso tudo? Sei lá como mudar isso tudo! Eu estou mais interessado nos 96% do universo que não interagem com a luz, na dualidade mente-corpo, em entender o que diabos é a consciência e como é possível que os hindus tenham imaginado essa quantidade exorbitante de deuses... Depois, se sobrar um tempo, procuro utilizar o que descobri de tanto mistério para melhorar a vizinhança.

Mas se eu estiver pensando em como Álvaro de Campos pôde compor poemas tão ruins ao lado das maiores pérolas da pátria da língua portuguesa, enquanto como uma batata frita caprichada no óleo, e uma garota na mesa ao lado me paquera imaginando que eu seja somente um pouco mais velho que ela, eu retorno o olhar... Porque isto devemos saber: todos os olhares de amor devem ser retornados, é por isso que o *homo sapiens* povoou o globo inteiro!

E não quer dizer que eu deva esquecer a poesia e ir dar em cima da garota da mesa ao lado, pois tudo tem o seu momento e não me arrependo nem lamento a passagem da minha juventude...

Outro dia Stephen Hawking comparou o corpo ao hardware e a mente ao software. Como cientista acadêmico, Hawking optou por ignorar a hipótese espiritualista, da mesma forma que até hoje ignoram Wallace e se lembram somente de Darwin. Já eu, como espiritualista estranho, não preciso ignorar a ciência nem sou forçado a isso pelo julgamento alheio – dentre outras coisas porque quero mais que o julgamento alheio se foda (mas curtam minha página no Facebook, ok).

Se a mente é o software, é de se supor por analogia que um dia construiremos finalmente uma máquina autoconsciente, capaz de interpretar e não somente computar. Acaso isto ocorra enquanto ainda estiver habitando este meu corpo de trinta e poucos anos, posso até mudar de ideia, mas ainda que meu corpo seja mumificado vivo, dificilmente estarei ainda nele se e quando uma máquina for capaz de interpretar a poesia de Pessoa.

Mas eu também gosto de analogias. Se a mente é o software, precisamos ir atrás dos sistemas operacionais... Preso em sua cadeira de rodas, a mente de Hawking, como sugere o nome, voa como um falcão por todo o Cosmos. Ainda assim, ela usa alguma espécie de sistema operacional não compatível com os aplicativos místicos – do tipo que não travam com números infinitos.

Vejam bem: se construirmos uma nave espacial capaz de viajar a velocidade da luz, a maior velocidade possível segundo o manual da Academia, ainda que voássemos em linha reta, quem sabe, mirando a galáxia mais próxima, haveria galáxias tão distantes, tão distantes, que jamais alcançaríamos. Mesmo voando junto à luz, jamais! Pois há partes deste universo que se expandiram em velocidades maiores que a da luz, quando ele era ainda um minúsculo recém-nascido menor do que uma batatinha frita...

Então, meus caros acadêmicos, eu lhes pergunto: “Qual parte do Infinito ainda não entenderam?”.

Eu não entendi nenhuma parte, por isso parei de pensar sobre o assunto, e passei a sentir o assunto!

E assim, como Raulzito mitológico, como um legítimo místico, passei a considerar que todos nós, todos nós, compartilhamos e compartilharemos os mesmos sorrisos dos encontros e as mesmas lágrimas das despedidas.

E que o assassino compartilha sua existência com a vítima, e o juiz com o acusado, o vitorioso com o derrotado, o cientista com o espiritualista, o ateu com o religioso, o jovem com o velho, o homem

com a mulher, a mãe com os filhos e os amantes com todos, todos os amados.

E a vida com todas as vidas, todas as formas do Cosmos conhecer a si mesmo, ontem e hoje e enquanto existir luz em meio ao vácuo do espaço-tempo...

É isto que todos os místicos sabem, e calam. Finjam que eu não disse nada disso. Finjam que sou somente mais um desses estranhos delirantes.

Mas finjam com convicção!

AUTOESCOLA

07.10.2013

Hoje tive de acordar cedo para ir à autoescola com o meu *Manual de formação de condutor veicular* debaixo do braço.

Dizem que o CONTRAN, o Conselho Nacional de Trânsito, é o “órgão máximo” do trânsito no país. Cada faixa amarela pintada no meio fio das calçadas, cada placa de parada obrigatória, cada gesto executado pelos guardas de trânsito foram pensados e definidos por tal Conselho através de um Código: o Código de Trânsito Brasileiro (C.T.B.).

Mas ainda que eu saiba do significado de cada placa, de regulamentação ou advertência ou indicação, e ainda que eu saiba de cada uma das centenas de infrações previstas e de quantos pontos tiram da carteira, ainda que soubesse de cada um dos itens obrigatórios para automotores, da diferença entre a distância de segmento e a distância de parada, ou mesmo o que diabo faz um canister, tudo isto, por si só, não me serviria sequer para retirar o meu carro da sua vaga na garagem...

Perdi a chance de haver tirado minha carteira há muitos anos atrás. Li tanto Platão, Lao Tse e Bhagavad Gita que, subitamente, tirar a carteira já não era nem a décima segunda prioridade da minha vida. Não precisava mais me preocupar em “ser mais homem” pelo fato de saber dirigir. Até hoje, quando chegamos no supermercado e eu salto do carona, enquanto minha esposa salta do motorista, surgem aqueles olhares do tipo, “Nossa, a mulher dele é motorista, vai ver ele deixa ela dirigir o carro fora do expediente”.

Na verdade eu deixo ela dirigir o carro sempre, e não tenho a menor pretensão de dirigir um dia melhor do que ela, que tem anos de prática a mais do que eu. Agradeço por ter alguém que me completa na vida, e também por não ligar, mesmo, para o que os outros pensam do fato de eu sempre saltar do motorista.

Ainda assim aprender a dirigir pode ser uma experiência filosófica por si só. Tenho amigos que tiraram a carteira quando as 45 horas de aulas teóricas sequer existiam. E eu disse há pouco que toda a teoria do mundo não me ensinaria, por si só, a prática da direção. É a mais pura verdade.

No entanto, a prática crua, sem um ensino teórico inicial, tampouco me parece ser uma boa solução... Ora, há muitos que frequentam as aulas teóricas somente pela obrigação de frequentar, não se atentam aos motivos ocultos por detrás de cada lei e de cada recomendação do Código de nosso trânsito. Eu, como filósofo, não poderia deixar de notá-los.

Pegue o sinal amarelo do semáforo, por exemplo: “indica atenção, devendo o condutor parar o veículo”. Penso eu que o sinal amarelo do semáforo diz muito sobre nós enquanto seres humanos.

Esqueçamos a madrugada, quando existem bons motivos para não se parar o carro: no dia a dia do trânsito, a grande maioria dos motoristas, ao invés de frear o veículo ao avistar o sinal amarelo, acelera ainda mais, para ganhar, quem sabe, dois ou três minutos, por serem gastos no próximo congestionamento (geralmente um pouco mais a frente).

Diz no Código que os cruzamentos são, de longe, o local mais perigoso do trânsito, e onde ocorrem a maioria dos acidentes. Um acidente de trânsito, ainda que não acarrete mortes ou ferimentos graves, ainda que não acarrete ferimento algum, no mínimo vai acarretar a perda de várias dezenas de minutos pela espera da polícia, registro da ocorrência, acionamento do seguro, etc. Ainda assim, a grande maioria prefere arriscar e fincar o pé no acelerador no momento em que veem um sinal amarelo.

É como se o motorista dissesse, na verdade, assim: “seja esperto e acelere para ganhar tempo, você deve estar com pressa não?”.

Um dia visitei Brasília e fiquei boquiaberto com o fato de lá ser comum os carros pararem para os pedestres atravessarem nas ruas de pouco movimento, ainda que fora da faixa. Me perguntei quanto tempo e quantas gerações seriam necessárias para que a população de Rio e São Paulo fosse educada da mesma forma. Não é quase um milagre isto que ocorre em Brasília?

Há uma filosofia no C.T.B. que me parece muito interessante: os elementos mais frágeis do trânsito têm preferência de passagem sobre os mais fortes. É assim que os pedestres têm preferência sobre todos os demais, tirando os trens, porque um trem demora muito tempo para frear e as viagens seriam inviáveis se os trens tivessem de parar para dar passagem aos pedestres a atravessar os trilhos. E também, penso eu, porque um trem nada mais é do que um conjunto de pedestres viajando em comboio.

Outro dia sonhei que Lao Tse havia deixado de lado o seu carro de bois e resolveu atravessar a cidade num carro popular...

Sempre que via um pedestre esperando para atravessar a rua, ele freava, não importa aonde nem quem vinha atrás.

Ora, quem vinha atrás apressado o xingava dos nomes mais chulos, mas ele estava mais interessado no olhar de gratidão daquele que obtinha sua chance de travessia.

Com o tempo, os pedestres se reuniram e compraram um ônibus de turismo para que Lao Tse pudesse mostrar a cidade aos que chegavam. E sempre que via um de nós querendo atravessar, parava e nos saudava. Os turistas, que já não estavam assim tão apressados, foram se encantando pela gentileza daquele distinto condutor.

Passaram os anos e ele se tornou uma celebridade local (para o seu profundo desgosto). Até em capa de jornal apareceu. Depois resolveram lhe dar um trem para que ele fizesse uma viagem por todo o Brasil, saindo de Manaus e chegando na Central do Brasil (lembre-se de que era um sonho)...

Não era trem bala. De fato, a viagem levava meses, pois Lao Tse gostava de parar em cada cidadezinha e conversar com seus habitantes, conhecer a comida, jogar dama nas pracinhas...

Ainda assim muita gente gostava da viagem. Quem não era aposentado tirava todo o mês de férias para acompanhar um trecho dela, sem saber ao certo onde teria de parar para pegar um ônibus e um avião para casa.

Dizem que no território nacional a velocidade máxima de qualquer automotor é de 110 quilômetros por hora, mas Lao Tse era um maquinista especial, e ganhou do Imperador de Jade um trem de pura luz.

No final do sonho, todos viajaram com ele para a Eternidade. Foi aí que eu acordei.

Ainda não sei dirigir, mas na teoria, ah!, na teoria eu já dei várias voltas pelo mundo.

CAIXAS QUEBRADAS

19.09.2014

Há quase dez anos atrás eu vivenciei um *instant karma*, ou um carma instantâneo.

Somente quem passou por isso, e crê em carma, pode saber como é. Em todo caso, outro dia tentei descrever nas redes sociais, comentando uma notícia que tinha a ver com o tema:

“Um dia eu fiquei muito revoltado com a minha mulher. Acabei dando um soco na lateral do armário, e toda a minha coleção de CDs de música caiu junto com uma prateleira que se deslocou da parte superior. Naquele momento eu pensei comigo mesmo: *instant karma!* Até hoje, quando vejo as caixas quebradas dos meus CDs ao abrir o armário, lembro da importante lição que aprendi da Natureza naquele dia...”

A notícia em questão era uma notícia do blog do psiquiatra Jairo Bauer, onde ele trazia dados de um estudo realizado nos EUA que chegou a aterradora conclusão de que um em cada cinco americanos agredia a sua parceira.

Como era um canto das redes sociais frequentado por feministas, elas logo tratarem de me alertar:

“Pesquisas indicam que o soco no armário é só o começo, depois você poderá estar dando um soco na cara da sua mulher, o que provavelmente é o que gostaria de ter feito!”

“Posso lhe garantir que o trauma que sua mulher passou não se compara as caixas quebradas dos seus CDs de música!”

Vocês podem pensar que eu fiquei chateado com esse tipo de reação... Muito pelo contrário, é o tipo de reação que deveria se esperar de mulheres feministas que estão bem informadas sobre o quadro da violência doméstica no Brasil e no mundo. Melhor pecar pelo exagero do julgamento apressado do que pela leniência da maioria, que costuma dizer que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

Mas talvez tivesse ajudado se eu houvesse explicado melhor o que eu senti exatamente naquele dia, há quase dez anos atrás...

Como eu estava com uma raiva muito súbita da minha mulher, achei por bem sair do quarto onde estávamos discutindo e ir para outro, e foi assim que entrei no quarto em que soquei a lateral do armário. Ora, é óbvio que eu soquei o armário por estar com raiva, é óbvio que se esta raiva não fosse tratada, compreendida e, quem sabe, domesticada, nalgum dia o alvo do meu soco poderia realmente ser o rosto da minha mulher – e isto é muito grave!

Mas não foi sem a ajuda do *instant karma* que eu consegui chegar a tal conclusão. Na verdade, eu não dou a mínima para as caixas quebradas dos CDs. De fato, se quisesse eu poderia ter comprado outros CDs. O que me interessa nas caixas quebradas é o símbolo que elas representam, e que me trazem a lembrança daquela vivência.

Quando vi toda a minha coleção de CDs no chão, foi como se ouvisse uma mensagem da Natureza:

“Você tem certeza de que quer prosseguir neste caminho? Daqui para frente será só amor corrompido, e cada vez mais corrompido.”

Até hoje, toda vez que abro meu armário e troco de roupa, me lembro daquela mensagem da Natureza.

Um estudo do Ipea estima que, entre 2009 e 2011, o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios, ou seja, “mortes de mulheres por conflito de gênero”, especialmente em casos de agressão realizadas por parceiros íntimos. Esse número indica uma taxa de 5,8 casos para cada grupo de 100 mil mulheres. Neste país, a cada uma hora e meia, em média, morre uma mulher vítima da violência do seu companheiro.

Nos EUA, recentemente, imagens do circuito interno de um hotel flagraram um astro do futebol americano agredindo a sua esposa dentro do elevador. As imagens mostram que ela desmaiou com um único soco, que a fez bater com a cabeça no corrimão de aço do

elevador. Alguns andares depois, o jogador a arrasta para fora do elevador e espera ela acordar, enquanto um funcionário do hotel tem o cuidado de segurar a porta para que não se fechasse nas pernas dela.

Devido a enorme pressão popular por conta da divulgação das imagens na web, o Baltimore Ravens, time pelo qual jogava, decidiu demiti-lo, enquanto a liga de futebol americano, a NFL, o suspendeu indefinidamente. Agressões de jogadores as suas esposas ocorrem há anos nos EUA, dificilmente tal caso teria esse desfecho não fosse pela divulgação das imagens.

Mesmo assim, esta foi a mensagem que a esposa agredida divulgou na web, no dia seguinte a agressão:

“Tirar algo do homem que amo e que ele se dedicou por toda a vida apenas para ganhar audiência é horrível. Essa é nossa vida! Por que vocês não entendem? Se a intenção era nos machucar, nos envergonhar, nos fazer sentir solitários, tirar toda nossa felicidade, vocês tiveram sucesso.”

Esses foram apenas alguns dados estatísticos que refletem o atual estágio de nossa sociedade. Aqui, nos EUA e em boa parte do dito mundo civilizado.

Já foi muito pior, é claro. Não muitos anos atrás a alegação de “legítima defesa da honra” ainda salvava muitos maridos homicidas da condenação pelos seus crimes. Após o caso Doca Street isso mudou. Mas ainda precisamos mudar muito, muito mais!

A própria Lei Maria da Penha, um marco na legislação brasileira, só conseguiu reduzir ligeiramente a mortalidade das mulheres nos primeiros anos após a sua implementação. Hoje a curva da violência doméstica letal já retornou aos mesmos patamares do período anterior a Lei.

Mas ao menos hoje em dia tal assunto não é mais varrido para debaixo do tapete. Ao menos hoje em dia muitos homens e mulheres, feministas ou não, já têm plena compreensão da devastação que a

violência doméstica causa em nossa sociedade e em nossas relações, na maioria das vezes, silenciosamente.

O macho é educado para ser viril, para não chorar, para sustentar a casa, etc. Mas o macho também é educado para proteger suas famílias, seus filhos e, sobretudo, para nunca, em hipótese alguma, agredir uma mulher ou uma criança. Como podemos ver, a visão dos machos sobre a própria educação é um tanto quanto seletiva. Muitos provavelmente ainda achariam uma tragédia muito maior chorar em público do que ser visto agredindo a mulher... A educação dos machos falhou, é o que milhares de estatísticas demonstram.

Eu gostaria muito que todo o “homem macho” pudesse um dia sentir, vivenciar, o *instant karma* que eu passei. Eu gostaria de fazê-los compreender que este tal caminho de “ser muito macho” é uma dos caminhos mais nocivos e corruptores que o ser humano já inventou. Corruptor de almas, nocivo a própria vida.

Eu gostaria, enfim, que todos pudessem um dia ver a si mesmos como eu me vi naquelas caixas quebradas, que em realidade também eram o reflexo de uma alma que vinha se rachando...

Mas eu me consertei a tempo. Espero que outros tenham a mesma sorte. Mas, enquanto a sorte não vem, espero também que as suas companheiras compreendam, cada vez mais, que o amor não tem nada, absolutamente nada, a ver com qualquer tipo de violência.

Segundo a falsa ideia de que não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa-vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a raiva, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, culpa seu organismo, acusando a Deus por suas próprias faltas. (Hahnemann)

ESTE MOMENTO

11.05.2012

O momento, o que é o momento?

Algo que foi e já não é, algo que ainda virá, ou...

Algo que ocorre, simplesmente flui:

Aqui

Agora

E já não é mais

O santo boêmio de Hipona foi quem primeiro confessou:

Há a expectativa presente das coisas futuras

Há a lembrança presente das coisas passadas

Mas, onde está o presente, o momento?

Será que existe?

Talvez o momento só exista para aqueles que desistiram de se inquietar com o tempo, todo o tempo

E aceitaram que somos apenas a testemunha do fluxo deste rio

Que nos engloba a todos

E flui para algum oceano inconcebível...

Sabemos que existem, pois, tais momentos:

O momento do vir à vida

O momento da despedida

E este momento

Este precioso momento

Que, por sua própria definição, é um presente

O presente que ocorre entre estes dois pontos

A ponte entre a morte e a vida...

O que está a fazer com o seu?

O ÚLTIMO ENIGMA

16.01.2013 (2011)

Agora que lancei meu livro, Ad infinitum, posso lhes trazer aqui o que foi, na realidade, seu primeiro “esboço”, escrito cerca de 2 anos antes (embora não lembre mais ao certo, pois escrevi a mão num caderninho e não coloquei a data). Neste outro projeto, também temos 4 personagens que “discutem acerca do mundo”, mas aqui eles são mais mitológicos, mais fantásticos, mais enigmáticos...

I. Discutir o mundo

Era já um novo entardecer na Cidade da Encruzilhada, e tanto os pássaros quanto os mercadores pareciam ter se retirado há uns bons minutos, visto que naquele momento o céu inteiro parou em silêncio, como que numa bela arte renascentista.

“Como é belo ver o sol se despedir do horizonte” – pensou o homem que vinha pela estrada a pé – “Faz tempo desde a última vez que parei para dar adeus ao sol, tenho que me lembrar disso de vez em quando”.

A Cidade da Encruzilhada era assim chamada por ser o grande centro de comércio daquela região do mundo – muitos eram os caminhos que ali se encerravam ou entrecruzavam. Dessa forma, havia sido o local escolhido pelos quatro viajantes para o grande encontro...

O primeiro deles, que vimos há pouco a observar o entardecer, era o último dos quatro a cruzar os portais da cidade. Vinha numa passada ligeira com suas botas de couro já gastas, acusando-o ser um nômade já experiente.

Carregava apenas uma sacola de pano e uma capa acinzentada – a sacola vinha com algumas frutas e pães, assim como um cantil d’água, e a capa era para as chuvas. Completava-o uma bela túnica

branca (no entanto, também já gasta e maltratada) e um fino cinto adornado por uma fivela de prata, de onde pendia um saco de couro com suas poucas moedas e pertences.

Pois bem, era precisamente esta figura que se aproximava do pequeno bosque, no entorno da cidade, onde eles iriam discutir o mundo.

Os outros lá já estavam: um era ancião de aparência inofensiva e olhar penetrante; outro, um ser bizarro de pele avermelhada, tinha um pequeno e solitário chifre brotando da frente esquerda, e uma pata de bode que se encontrava no lugar de sua antiga perna direita; finalmente, tínhamos um belíssimo homem de pele glacial, tão alto que sua face parecia atrair os últimos raios e sol do fim do horizonte. Foi este último quem falou, com uma voz poderosa:

“Ora, ora, porque demoraste, filho do destino? Será que foi por conta do belo entardecer que vimos há pouco?” – indagou o ser angelical.

O último convidado riu-se enquanto sentava próximo aos amigos na relva – “Verdade, nobre arcanjo, não fosse por esta nossa conversa há muito planejada eu teria perdido este espetáculo.”

“Espetáculo? Ah! Espetáculo, dizes... Mas o que um ateu entende dos milagres da natureza? Acaso já ocorreu a você algum dia verificar de onde vem o sol do Oriente e por onde passeia após cruzar o Ocidente?” – prosseguiu o anjo.

O homem ateu não respondeu, apenas cumprimentou o sábio ancião e o demônio redimido (nossos últimos personagens a serem apresentados); entretanto, uma leve tensão sacudia o ar, pois que na discussão que se seguiria, um enigma já havia sido lançado...

E o velho sábio, com sua fala mansa e serena, deu o primeiro empurrão na roda – “Pois bem, nobre arcanjo, tu dizes coisas bonitas

acerca do mundo e dos seres. O sol é a luz do mundo, sem ele nada seríamos senão pequenas larvas a rastejar na fria escuridão... Acaso podes iniciar nossa pequena conversa? Acaso tu sabes de onde vem o sol?”

II. Antes da luz

Não era comum ver um anjo arregalar os olhos. Parecia que aquela pergunta era em si um enigma até para o mais nobre dos seres de luz – mas após um curto momento o anjo se recompôs e respondeu ao sábio como quem transmite a verdade do mundo a um grupo de camponeses (ou, pelo menos, como quem acredita nisso):

“Ora, meu caro sábio, quem pode dizer de onde vem o sol? Decerto que este que agora pouco se despediu do dia veio do além horizonte, como tem feito desde que essa terra nasceu; decerto é este o mesmo astro que cultiva nossos campos e aquece nossos corpos há anos e anos.

Mas no mundo, no mundo que nós anjos podemos perceber, existem incontáveis terras e incontáveis sóis... Um deles, no entanto, teve de preceder os demais. Um deles teve de vencer a tenebrosa escuridão do Grande Nada.

Um deles foi o primeiro explorador do vácuo que existia entre a não existência e a consciência. Um foi o Primeiro Sol, aquele que primeiro iluminou o mundo, mas que veio a ser ainda antes que a luz o fosse.

E o que havia antes da luz? Ó sábio ancião, isso é matéria escura até para os mais iluminados dentre os arautos desse grande Primeiro Sol, desse grande Deus!”.

As palavras do nobre arcanjo soavam ora doces e melodiosas, como uma leve sinfonia composta de brisas matinais, ora profundas e ameaçadoras, como um relâmpago que anuncia o trovão raivoso. Isso

parecia irritar aquele que caminhava para a luz, mas que era ainda tão somente um demônio redimido:

“Por que insistes em invocar o nome dele como se fosse uma grande ameaça, uma grande punição que paira sobre aqueles que ainda não são capazes de o ver de certa maneira?

Eu lhe digo, nobre arcanjo, que eu mesmo já maldisse esse nome inúmeras vezes... Eu mesmo já me rebelei contra ele por não aceitar as injustiças que eram feitas em seu nome – e como foram terríveis e cruéis muitas delas!

Não preciso aqui citar algumas das mais santas guerras e das mais santas fogueiras de homens e mulheres acendidas em seu nome...

Os pretensos donos da verdade diziam que essa luz só se aproxima daqueles que seguem os mais estúpidos rituais e as mais ridículas leis... Sabe, eu fui inimigo dessa luz por muito tempo, até que eu descobri que não existe uma única verdade, e que com certeza não poderia ser esse, justamente esse, o deus responsável pelas blasfêmias que se realizavam em seu nome.

Eu encontrei a verdadeira luz, nobre arcanjo, e foi pela dor! Aquela que veio do Primeiro Sol, e que penetrou invicta aos corações mais obscurecidos... Essa luz ilumina a todos, e não somente aqueles que usam auréolas na cabeça.

Mas, sobretudo, ó arcanjo, eu aprendi a falar dele de maneira doce e suave, posto que ele é agora o meu melhor amigo.

Sou apenas um demônio, e tenho carregado esta pata de bode e este único chifre, mas se me permite, gostaria de lhe dar um conselho: fale de maneira doce e gentil quando invocardes o nome de Deus, para que não faça com que aqueles que lhe ouvem, e ainda o desconhecem, corram apavorados desse todo poderoso juiz que surge da tua fala troyante.”

Nalgum momento daquele extenso comentário do demônio, o anjo iluminado pareceu sombrear de raiva; mas, como é dado aos anjos,

por fim se desculpou, com a voz ainda mais melodiosa do que outrora:

“Decerto posso lhe compreender, aspirante da luz. Eu mesmo um dia ouvi o nome dele e estremei ante o poder – mas já faz muito tempo, e talvez eu tenha me esquecido disto.

Desculpas, peço, pois que não é minha intenção afastar os seres desta luz, mas, pelo contrário, atraí-los a ela...”

Os seres do Além Mundo trocaram então olhares cordiais, no que o silêncio foi subitamente interrompido pelo sábio ancião:

“Nossa conversa se deteve no enigma do que haveria antes do Primeiro Sol; talvez fosse deveras interessante perguntar agora aquele que não acredita neste sol o que haveria então ali, visto que uma diferente crença fatalmente nos leva a uma diferente opinião.”

E, nesse momento, todos se voltaram curiosos e de ouvidos abertos para o homem que era ateu...

III. Doce curiosidade

O último convidado daquela discussão, o qual os demais chamavam de ateu, começou por esquivar-se daquele enigma que o sábio havia lhe endereçado:

“Sua palavras soaram muito sábias agora há pouco, ó ancião. Sem dúvida, diferentes pontos de vista são nada mais que diferentes opiniões.

Vocês me chamam de ateu, mas eu não sei o que isso significa exatamente. Assim como não sei o que significa ser um ‘não ateu’... Ora, eu sei das coisas do mundo, ou melhor: sei algumas coisas das infinitas coisas do mundo. Foi isto o que vim aqui discutir.

Me parece que você voa muito alto quando de indaga sobre o que havia antes desta luz, meu caro sábio... Ora, o anjo e o demônio podem até saber sobre tal assunto, pois que vivem além deste mundo, mas o que nós que aqui habitamos pretendemos saber de um enigma tão distante de nossa realidade?”

O ancião, incomodado com sua esquiva, retrucou:

“Meu querido, se não queria discutir sobre assunto tão distante, que não houvesse comparecido a este encontro, posto que o combinado seria discutirmos o mundo, este mundo. E, para fazê-lo, começamos de seu início, para eventualmente viajarmos mesmo muito adiante dele...

Mas, afinal, como não fazê-lo? Como ignorar certos enigmas se é exatamente isto que pretendemos ser – decifradores?”

Neste momento o último convidado levantou-se, em postura acusadora:

“Pretendemos tal coisa? Ora, meu caro sábio, você já viveu muitas primaveras para que houvesse se esquecido da primeira de todas as sabedorias... Não foi acaso um outro sábio quem disse a máxima antiga: ‘tudo que sei é que nada sei?’”

“E o que sabemos, o que sabemos meu caro?” – prosseguiu o ancião – “Sabemos pouco ou muito pouco, sabemos menos que o cego mais cego, pois que mesmo o cego pôde um dia enxergar ou, ao menos, escutar o trovejar das tempestades escuras; mas nós que nem sequer além deste mundo enxergamos ou escutamos, queremos saber sobre o que havia antes dele, queremos enxergar antes de existir a luz!

Somos ousados, ó ateu. Mas o somos porque temos vontade para ser, porque amamos o saber. Longe de nós saber tudo, pois o que nos impulsiona é precisamente esta doce curiosidade do saber.”

Ante esta resplendorosa resposta, o homem que era chamado de ateu soltou um largo sorriso e se calou, visto que percebera ser a vez do nobre arcanjo retornar com sua explanação...

IV. O dogma e a paixão

“Devo confessar que é deveras divertido ouvir as suas indagações acerca da existência, ó seres do mundo...” – sorriu o anjo glacial – “Mas atentem que tais incursões a terras tão distantes de sua própria realidade de nada adiantam se antes vocês não se colocarem em humilde posição diante deste todo grandioso que é o universo: o mundo e o além-mundo.

Acaso assim tivessem feito desde o início de suas dúvidas, teriam hoje mais competência para estudar o que ainda estão longe de conhecer. Pois que se assim o fosse, saberiam que desde o início de tudo houve um Criador Primordial. E quanto mais conhecessem este Criador, quanto mais saberiam de enigmas dos quais nem sequer podem hoje sonhar em solucionar!”

“Ora, meu caro arcanjo, não sei se pretende me confundir com tais afirmações. Eu já disse que não acredito nem desacredito em Deus, mas tenho a convicção de que poderemos sim decifrar a todos esses enigmas, ou a maioria deles, sem o auxílio de um Ser Todo Poderoso!

Ora, como poderia acreditar que para estudarmos e aprendermos sobre as coisas, nós antes teríamos de crer nalgum Criador? Acaso não foi exatamente o dogma medieval que nos deixou cegos para a ciência e o estudo dos astros, até há bem pouco tempo atrás?” – desafiou o homem que diziam ser ateu.

“Você é muito presunçoso de sua própria capacidade enquanto homem e somente homem, ser ateu...” – prosseguiu o anjo como quem pretendesse falar a uma criança – “Acaso não acha que nós anjos, a serviço do próprio Criador, não tivemos nossa parcela de

contribuição em suas recentes descobertas? Ora, é claro que um dogma capaz de deixar os seres tão cegos a ponto de serem incapazes de admitir que é o Sol o astro fixo no centro, e não a Terra, a despeito de tudo o que tem sido observado pelos amantes das lunetas, será um dogma problemático...

Mas antes educar aos seres com dogmas do que deixá-los a mercê da selvageria e ignorância humana... Antes manter uma civilização às escuras do que arriscar que este mundo termine num colossal campo de batalha entre bárbaros ignorantes!”

Já há algum tempo o demônio de um só chifre sentia-se incomodado com o raciocínio do ser alado, mas foi após esta explanação que se deu ao direito de ousar interrompê-lo:

“E eu aqui intercedo, nobre arcanjo, para lembrá-lo de que até hoje não se sabe de nenhum dogma que tenha sido efetivamente mais positivo do que negativo para a evolução dos homens.

Querer que os homens aceitem máximas religiosas, pretendendo que isso por si só os garanta uma boa conduta, é o mesmo que oferecer a esmola ao esfomeado, mas não ensiná-lo a plantar o próprio alimento... Acaso esqueceste de que o livre-arbítrio foi concedido aos homens exatamente para que eles investiguem e descubram a verdade por eles mesmos? Ou seja, sem que alguém chegue para eles com uma verdade gravada nalguma tábua e lhes diga: ‘Esta agora é a nova verdade do mundo!’. Meu caro arcanjo, deixe que os homens gravem suas própria tábuas.”

Ao que o anjo glacial, agora sombreado, respondeu:

“Me surpreende ouvir tamanha besteira de um demônio que encontrou a luz, ó ser infernal! Não és tu agora um aspirante das terras superiores: Não és tu aquele que aceitou a Deus e se redimiui?”

“Aceitei a Deus?” – de volta ao demônio – “Não fui eu quem aceitei a Deus, foi ele quem me aceitou, quando clamei desesperado com vergonha da minha própria escuridão, pedindo uma nova chance!

Sim, meus caros, estava eu atolado no charco dos desejos desenfreados, na lama dos setores inferiores do mundo, onde tudo cheira a podridão e esquecimento, e o remorso é o pesado arauto da consciência... Pois ainda que não lembremos sequer da ínfima parcela de nossos atos na ignorância da luz, de algo lembramos, e isto nos dói profundamente.

E a dor não passa jamais, exceto quando compreendemos finalmente que estamos no caminho circular, que não chega a lugar algum, e clamamos por ajuda... Foram os anjos do alto, os misericordiosos das falanges de resgate e cura, estes que me retiraram do charco, que me cuidaram, e que possibilitaram que um novo ser nascesse no fundo de mim mesmo.

E ainda que eu tenha um longo débito com as leis do Criador, por tudo de mal que havia feito, por ignorância, aos seres, a natureza e a mim mesmo, ainda assim ele me aceitou de volta!

E se hoje eu tenho ainda que pagar por todos esses anos na escuridão, minha vergonha se foi, e minha alma se torna mais leve a cada nova manhã. Pois que hoje eu sei: estou no caminho certo, o único que segue a frente.

Digo mais, nobre arcanjo... Não foram os dogmas que me salvaram, mas minha própria consciência, que bem ou mal, sempre soube exatamente de cada pequeno passo meu, em direção à luz, ou à escuridão. Ela nunca desistiu de tentar me mudar, pois que guarda alguma espécie de substância, de marca ou sinal, do Criador.

Eu mudei por amor, pelo amor que vem do alto, e tal como os raios solares, jamais deixou de penetrar mesmo nos corações mais sombrios.

Como explicar o que ele fez por mim? Como justificar minha crença aos outros? Muito bem, afirmo que minha crença não é uma crença baseada num dogma ou numa santíssima tábua, meus

amigos... Eu acredito e compreendo a um Deus, como quem compreende e aceita estar apaixonado!

Como explicar ou ensinar a paixão? Apenas pretendo servir de exemplo, para que outros se apaixonem também, e possam me seguir neste caminho. Assim andaremos juntos, sabe-se lá até onde...”

Foi aqui que terminei de escrever no caderninho.

Não me arrependo de haver desistido deste formato, pois embora o aspecto mitológico e fantástico possa ser atraente, acredito que haveria me limitado muito. Não poderia falar de assuntos da modernidade, pois o diálogo discorre nalgum tempo não muito após o Renascimento. Além disso, os personagens parecem caricatos demais para serem verossímeis (e isto nada tem a ver com serem anjos, demônios, etc.).

Em Ad infinitum, quero crer que tenha conseguido tornar os personagens mais verossímeis, menos caricatos, e de pensamento mais aprofundado. Pelo que tenho ouvido até aqui dos que iniciaram a leitura, parece que tive algum grau de sucesso.

Notas do terceiro capítulo

[1] Isto não deixa de ser uma forma de programação genética. [\[voltar\]](#)

[2] Inclusive porque, quando ocorria o contrário – o marido trair a esposa –, a esposa traída não tinha, na prática, nenhum direito legal a uma “defesa da honra”. [\[voltar\]](#)

[3] Jogo de interpretação de personagens, criado por Gary Gygax e Dave Arneson no século passado, a partir de jogos de tabuleiro com miniaturas. [\[voltar\]](#)

[4] *World of Warcraft*, ambientado no mundo imaginário de Azeroth, foi o primeiro RPG online a alcançar a marca de 10 milhões de assinantes mensais no mundo, e até hoje domina boa parte desse mercado. [\[voltar\]](#)

[5] Aos iniciados: um pandaren, nova raça da expansão *Mists of Pandaria*. [\[voltar\]](#)

[6] Boa parte disto é uma narrativa fictícia, se eu realmente estivesse voltando a jogar *World of Warcraft*, este blog estaria seriamente ameaçado :) [\[voltar\]](#)

[7] Seja o que for que forme a nossa alma, também é parte da substância primeira. [\[voltar\]](#)

[8] *World of Lovcraft* (mas não estou falando do Chutulhu, nem de algum provável filme ou game erótico). [\[voltar\]](#)

Epílogo: Depoimentos

Onde trazemos alguns depoimentos de nossos leitores...

Se um dia algum historiador, pesquisador ou estudante for escrever sobre a difusão dos estudos acerca da espiritualidade humana na internet, o site *Textos Para Reflexão* não apenas não poderá faltar como deverá estar ao lado dos principais nomes deste campo, como o *Saindo da Matrix* e o *Teoria da Conspiração*. Conheci o blog do Raph anos atrás, e a variedade de projetos bem sucedidos que temos testemunhado ao longo deste tempo é prova da excelência deste. Deste modo, *Textos Para Reflexão* fala não apenas sobre filosofia, ciência e espiritualidade. *Textos Para Reflexão* é um site que reflete nossa própria condição humana em busca do conhecimento e, mais importante ainda, da reflexão, atividade filosófica tão saudável para a “alma”.

Igor Teo

Olá, me chamam Felipe,

Sou leitor do blog *Textos Para Reflexão* já fazem mais de 3 anos. Neste período me deparei com inúmeras questões que me afligiam e buscava uma resposta em algum texto do Rafael, sempre achava algo que me transportava pra dentro em um encontro comigo mesmo. Esse encontro se intensificou com o livro *Ad infinitum*, como uma chama queimando vivamente. Sou grato pelo conhecimento e alento compartilhado. Parabens por todas as conquistas, a editora, o sucesso dos textos, da parceria com o Tio Del Debbio e mais este novo farol em forma de livro.

Com gratidão e carinho,

Felipe Pereira de Lima Castro

Parabéns pelos 8 anos de *Textos para Reflexão*, até esqueci quando comecei a ler. Parte do meu lado buscador que anda por terras desconhecidas e por desertos nunca vistos me fez chegar aos seus textos, diversas vezes e a cada passo; deixei de buscar várias vezes e sempre me “reencontrei” aqui.

Obrigado!

Samuel Otemi

Na vastidão do mundo virtual encontramos um pouco de tudo, para nossa sorte. Assim, garimpando, podemos encontrar preciosíssimos diamantes no meio da imensidão de informações vazias e da futilidade que tanto assola nosso cotidiano. Para quem quer fugir de assuntos como o último escândalo de um “ex-BBB” ou do vestido usado por uma celebridade de Hollywood naquela festa badalada, *Textos para Reflexão* se apresenta como uma excelente companhia. Consegue retratar da filosofia dos Pré-Socráticos aos pensadores da internet, com textos leves, porém profundos e com nuances poéticos, quando não nos embebedada com pura poesia.

Parabéns pelos oito anos do blog! Sucesso, você merece!

Abraços,

Alex Sander

Um dia, quando eu era uma pessoa curiosa, buscando aqui e ali satisfazer a necessidade de solucionar uma dúvida atrás da outra, encontrei os textos de um poeta que fala sobre tudo e, sobretudo, com amor ao conhecimento... Era a inspiração que eu precisava para me desenvolver pessoalmente e continuar minha jornada.

Jakeline Santana

O Raph tem uma forma peculiar de levar os leitores a reflexão. Quando trata temas polêmicos, consegue fazer sem gerar conflitos. O que escreve traz os traços de grandes autores. Para ele não existe um tema que não deva ser tratado, desde que traga algo construtivo. Ele irá abordar de espiritualidade à política, de sociedade ao erotismo. Sempre alcançando uma abordagem leve e casual. Os artigos do *Textos para Reflexão* são, por isso mesmo, momentos de reflexão.

Gabriel Fernandes Bonfim

O *Textos para Reflexão* é uma joia da “filosofia espiritualista”. Em um meio de estudos dominado pela dicotomia entre textos sisudos – para escolhidos – e delírios utópicos e ufanistas, que abdicam da razão, o *Textos* emerge como um oásis: abre um espaço em nossa consciência onde a poesia dança de mãos dadas com o amor e a razão, nos levando a uma experiência transcendental, daquelas que só os poetas conseguem provocar com palavras.

É com carinho que expresso a gratidão a Rafael Arrais por nos propiciar uma experiência de reflexão, que nos aproxima da nossa essência mais bela. Obrigado por saciar a nossa sede da alma com palavras que descem como se bebêssemos um belo vinho na companhia de um bom amigo. Fraterno abraço!

Atenciosamente,

Élder Bernardi

Hoje (1:15), enquanto estava perto da janela da cozinha, percebi que o céu estava aberto e claro. Fui lá fora e fiquei boquiaberto: uma das melhores visões noturnas do céu que eu já tive! Ou talvez a melhor. A lua cheia (e sua aura púrpura) estava diluída entre nuvens perfeitamente distribuídas e ordenadas pelos ventos (que cobriam o céu, mas deixando espaço aberto, sem saturá-lo), seu brilho iluminava as reações e o movimento do vapor nos céus. A melhor parte foi quando as nuvens foram se abrindo em volta da lua, como se esta ordenasse que lhe dessem espaço. Eu vi um olho, enorme e brilhante, onipotente, onipresente, olhando tudo ao redor e me dando um recado: estou de olho em você.

Percebi que só vou conseguir responder algumas perguntas e vencer certos conflitos quando meus olhos estiverem realmente abertos. A aura roxa que eu vejo em volta da lua deu ao “olho” celeste um aspecto de chakra, de terceiro olho.

Eu já procurei tentar encontrar paz, calma e equilíbrio com a natureza durante o dia; mas isso vem naturalmente durante a noite. Muito naturalmente. É espontâneo. Infelizmente, meu estilo de vida não me faz aproveitar tudo isso, mas, a cada dia que passa, caminho mais afundo entre o corredor que me levará até a compreensão. E isso tudo vai ser, em grande parte, durante a noite.

E é assim que eu funciono: noturno, em silêncio.

Ainda tenho dúvidas se o borrão roxo em torno da lua é defeito na visão ou alguma coisa diferente, mas a mensagem que isso passa é certa e cai como uma luva. Então pra que questionar se tudo se encaixa e funciona?

Essa visão me deu um engate emocional que falta durante meus dias, eu me sinto bloqueado, parado, procurando sempre soluções práticas e mecânicas para conflitos e desejos mundanos. Mas o sentimento de uno, de transcendência, é raro e especial, por enquanto. Espero atingir esse nível de consciência com mais facilidade através da meditação; por agora, a meditação serve para esvaziar minha mente, então o céu noturno é uma chave ótima para despertar.

Eu falei sobre mim nesse depoimento porque o *Textos para Reflexão* fala exatamente sobre isso: todas as coisas que estão dentro de nós. Parte da serenidade e compreensão que eu tenho hoje se deve aos textos lidos no blog. Meus anseios e desejos pelos mistérios da vida são nutridos por seus parágrafos. Não pare de escrever, por favor! (risos)

Eduardo Henrique

Ad infinitum

por Rafael Arrais

Quatro personagens.
Um diálogo sobre o Tudo.



livro impresso



PDF



Kindle

à venda em:



amazon.com.br